



MARIA ISABEL ALVES RAMOS

**CONTADORA DE HISTÓRIAS:
ELABORAÇÃO DE UMA TRAJETÓRIA
PESSOAL**

**CAMPINAS
2013**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**MARIA ISABEL ALVES
RAMOS**

**CONTADORA DE HISTÓRIAS:
ELABORAÇÃO DE UMA TRAJETÓRIA PESSOAL**

Orientador: Prof. Dr. Adilson Nascimento de Jesus

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestra em Educação, na área de concentração de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte.

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE
DEFENDIDA PELA ALUNA MARIA ISABEL ALVES RAMOS
E ORIENTADA PELO PROF.DR. ADILSON NASCIMENTO DE JESUS

Assinatura do Orientador

A handwritten signature in blue ink is written over a horizontal line. The signature is stylized and appears to be "Adilson Nascimento de Jesus".

**CAMPINAS
2013**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

R147c Ramos, Maria Isabel Alves, 1977-
Contadora de histórias : elaboração de uma trajetória pessoal / Maria Isabel
Alves Ramos. – Campinas, SP : [s.n.], 2013.

Orientador: Adilson Nascimento de Jesus.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação.

1. Arte de contar histórias. 2. Mitos. 3. Histórias. 4. Corpo . 5.
Conscientização . I. Jesus, Adilson Nascimento de, 1962-. II. Universidade
Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Storyteller : development of a personal trajectory

Palavras-chave em inglês:

Art of storytellis

Myths

Stories

Body

Awareness

Área de concentração: Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte

Titulação: Mestra em Educação

Banca examinadora:

Adilson Nascimento de Jesus [Orientador]

Ana Elvira Wuo

Ana Cristina Colla

Data de defesa: 18-12-2013

Programa de Pós-Graduação: Educação

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

CONTADORA DE HISTÓRIAS:
ELABORAÇÃO DE UMA TRAJETÓRIA PESSOAL

Autor : Maria Isabel Alves Ramos
Orientador: Prof. Dr. Adilson Nascimento de Jesus

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação
defendida por Maria Isabel Alves Ramos e aprovada pela
Comissão Julgadora

Data: 10/12/13

Assinatura:.....

Orientador

COMISSÃO JULGADORA:

Ana Maria
Quintillo

A todos que contam, ouvem e vivem em mitos e histórias.

AGRADECIMENTOS

É muito difícil, diante de uma etapa percorrida, ser fiel a tudo e a todos que auxiliam no percurso do caminho. A totalidade do que acontece e todos os seres, independentemente do tempo, da intensidade e da duração, que interagem conosco são importantes. Sei que não conseguiria expor o que sinto neste trabalho se não fosse auxiliada pelos acontecimentos pessoais, por cada corpo que interagiu comigo até este momento, por isso deixo minha profunda gratidão.

No entanto, há pessoas queridas que caminham comigo e não é possível deixar de agradecê-las.

Agradeço muito a meus pais, pelo momento em que permitiram que eu fosse gerada, dando-me a vida como grande presente, o início desta história.

Terei sempre o agradecimento pelos queridos professores que tive e tenho: Rosemary Rinaldi, Liderce de Almeida Cruz, Eusa Cardoso, José Roberto Vital, Jorge Sérgio Pérez Gallardo e Jocimar Daólio.

Às contadoras de histórias do Grupo Manauê e à Ângela Café que abriram a porta do mundo mágico e me acolheram nos primeiros passos de contadora, a gratidão de sempre.

Meu profundo e carinhoso agradecimento ao meu orientador, Prof. Dr. Adilson Nascimento de Jesus, por ter aceitado me orientar e permitir que eu caminhasse com ele, por acreditar neste trabalho, acreditar nos mitos e nas histórias.

Agradeço carinhosamente à Profa. Dra. Ana Elvira Wuo, grande mestre e companheira nas histórias contadas e caminhos percorridos, pela preciosa ajuda, acolhimento e atenção para comigo.

Meu profundo agradecimento e amor ao Fernando Basile, pelo incentivo e companheirismo, por acreditar no meu ofício de contadora, ter me mostrado um novo caminho e novas possibilidades.

À querida amiga e companhia de mestrado, Nádia Massagardi, pela profunda transparência nas nossas conversas e coragem transmitida a mim diante de seu ofício de educadora.

Agradeço carinhosamente à Dra. Carmem Rossi por me ajudar constantemente nas minhas (re)descobertas.

Deixo minha gratidão às pessoas queridas da EE Prof. Benedito Sampaio, que tanto me acolheram e incentivaram, entre elas, Míriam, Adriana, José, Larissa, Karolina, Solange, Maria José, Diógenes e Kelly.

Meu agradecimento sincero à Isa Bicudo, à Maria Catarina Bózio e ao Cristiano Diniz, pelo carinho e cuidado para com este trabalho.

Não posso deixar de agradecer a todos os contadores de histórias, a todos que acreditaram e acreditam nos mitos e nas histórias, permitindo que eles permaneçam vivos.

Enfim, agradeço à minha querida Matilda, aos sacis, às fadas, aos duendes e gnomos, às bruxas, aos seres encantados que habitam todos os cantos do mundo.

RESUMO

Contar histórias pode ter sido uma das primeiras manifestações de expressão da subjetividade humana no processo do surgimento da linguagem, e os mitos e as histórias caminham ao lado da humanidade desde tempos remotos. Como contadora de histórias, há tempos trago comigo alguns questionamentos como “Por que essas narrativas continuam presentes até os dias de hoje?”, “Por que as histórias despertam tantos sentimentos e emoções em quem as ouvem?”. Esses e outros questionamentos me levaram a reflexões que resultaram no desenvolvimento deste trabalho. Os conteúdos aqui apresentados têm a intenção de promover um passeio sobre elementos míticos inseridos no contexto das histórias que se manifestam e estão interligados ao ato da contação. São apresentadas reflexões sobre a importância e necessidade de contar histórias e ouvi-las, a fim de despertar sentimentos e emoções e desenvolver a imaginação. Também é exposta a necessidade de uma preparação e consciência corporal do contador para que o mesmo possa qualitativamente se comunicar melhor, propondo assim, o contador como um interlocutor de mitos e histórias, esperança desta dissertação.

Palavras-chave: contar histórias; mitos; histórias; conscientização corporal.

ABSTRACT

Telling stories may have been one of the first manifestations of expression of human subjectivity after the emergence of language and myths. Stories have been a part of humanity since remote times. As a story teller, there are times I bring with me some questions such as "Why are these narratives still present until today?" "Why do stories evoke so many feelings and emotions in those who hear?" These and other questions have led me to reflections that have resulted in the development of this work. The content presented here is intended to promote a stroll on mythical elements inserted in the context of stories that manifest and are linked to the act of works. This is being presented to promote reflection on the importance and need to tell stories and listen to them, in order to arouse feelings and emotions and develop the imagination. This also exposes the need for preparation and personal awareness of the story teller so that the story teller can qualitatively communicate better. It is the hope of this dissertation to thus propose that the story teller be considered as an interlocutor of myths and stories.

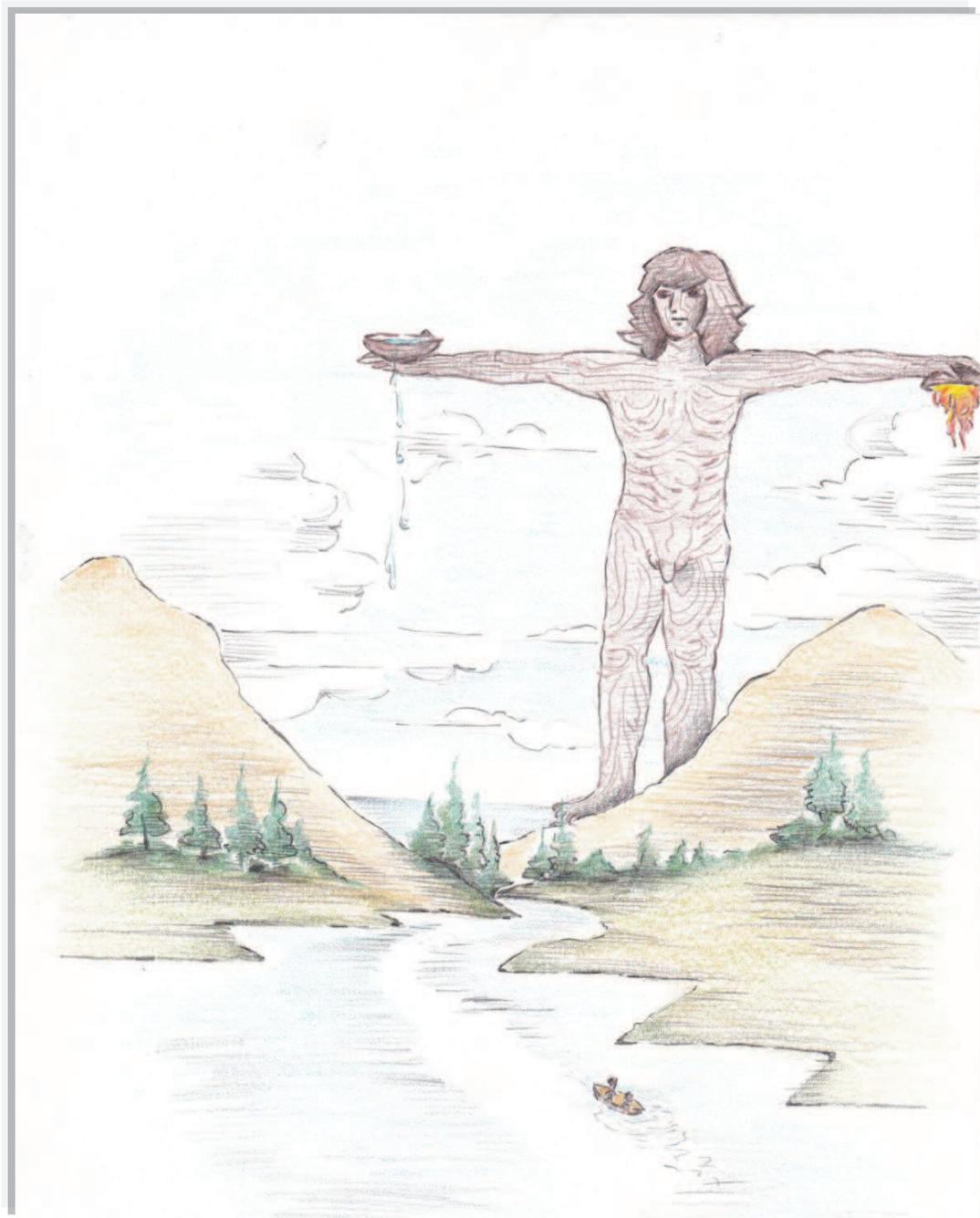
Key Words: Telling stories, Myths, Stories, Body Awareness.

Sumário

1. SONHO DE INFÂNCIA, MEU ENCONTRO COM AS HISTÓRIAS	3
2. MEMORIAL.....	7
3. ONDE MORA O PERIGO TAMBÉM MORA O QUE SALVA: AS DESCOBERTAS PESSOAIS.....	15
3.1 O despertar	15
3.2 A história como um bálsamo	18
3.3 A contação como ritual	24
4. HISTÓRIAS E MITOS: NARRATIVAS EM TODOS NÓS	31
4.1 Os mitos	33
4.2 As histórias.....	34
4.3 Os mitos e as histórias	35
4.4 A transmissão das narrativas.....	37
4.5 A presença dos contadores.....	38
5. O CONTATO COM AS NARRATIVAS PARA O PÚBLICO INFANTIL.....	47
5.1 O surgimento da infância	47
5.2 A fantasia no desenvolvimento infantil.....	48
5.3 Histórias para espantar o medo e que proporcionaram mudanças	51
5.4 Lembranças que marcaram	52
5.5 A atenção e a concentração das crianças para com as histórias	54
5.6 A fantasia no desenvolvimento infantil.....	55
6. A LINGUAGEM DO CORPO QUE CONTA	61
6.1 Os exercícios preparatórios como (re)descobertas	63
6.2 Aprendendo com os contadores.....	64
6.3 Aprendendo com as observações	66
6.4 O corpo narrador	67
6.5 O processo pessoal de preparação das narrativas	69
7. MITOS E HISTÓRIAS NAS OFICINAS DE CONTAÇÃO	74

7.1	Nas oficinas de formação de contadores.....	77
7.2	Descobertas e aprendizagens nas oficinas.....	78
8.	AS OFICINAS DE CONTADORES DE HISTÓRIAS: PROPOSTAS DE (RE)DESCOBERTAS	84
8.1	CRITÉRIOS A SEREM SUGERIDOS PARA A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS	86
8.1.1	OBJETIVOS A SEREM PENSADOS PARA A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS	86
8.1.2	LOCAL E DESENVOLVIMENTO	87
8.2	HISTÓRIAS A SEREM CONTADAS	87
8.2.1	AUXÍLIOS PARA A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS	88
8.2.2	ENREDO DA HISTÓRIA	89
8.2.3	AS ADAPTAÇÕES	90
8.3	CORPO QUE CONTA	91
8.3.1	ATITUDES QUE AJUDAM NA INTERAÇÃO E PARTICIPAÇÃO DO PÚBLICO.....	91
8.3.2	SEGURANÇA E NATURALIDADE	94
8.3.3	AUXILIAR NA DESCOBERTA DO CORPO QUE CONTA	95
8.4	DIVERSAS TÉCNICAS DE CONTAR HISTÓRIAS E SEUS RECURSOS AUXILIARES	97
9.	ENTROU POR UMA PORTA, SAIU PELA OUTRA... (CONSIDERAÇÕES FINAIS)	104
10.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	114
	APÊNDICE A – Relação de Fotografias na Dissertação	116
	APÊNDICE B – AS NARRATIVAS CONTADAS	117
	ANEXO A – MANECO CANECO CHAPÉU DE FUNIL	122
	ANEXO B – MARIA-VAI-COM-AS-OUTRAS	125
	ANEXO C – O CASO DO BOLINHO	127
	ANEXO D – O REI DA FOME	130
	ANEXO E – CHAPEUZINHO AMARELO	133
	ANEXO F – O DIÁRIO DO LOBO: A VERDADEIRA HISTÓRIA DOS TRÊS PORQUINHOS!	136
	ANEXO G – A HISTÓRIA DE AMOR E DE LOUCURA	139
	ANEXO H – A LENDA DO BOITATÁ	141
	ANEXO I – A LENDA DO LOBISOMEM	143
	ANEXO J – LENDA DO RIO ABAIXO	146
	ANEXO K – JOÃO E MARIA-DE-BARRO	148
	ANEXO L – MURUCUTUTU: A CORUJA GRANDE DA NOITE	151
	ANEXO M – O LAÇO DO DIABO	157

<i>ANEXO N – O REI DOS PÁSSAROS.....</i>	<i>159</i>
<i>ANEXO O – LA LOBA</i>	<i>161</i>
<i>ANEXO P – O TEATRO DE SOMBRAS DE OFÉLIA</i>	<i>163</i>



1. SONHO DE INFÂNCIA, MEU ENCONTRO COM AS HISTÓRIAS

Quando bem pequena, com seis anos de idade, tive um sonho.

Sonhei que estava num lugar bonito e na minha frente havia um lago. Em volta, um campo muito verde e admirável, com muitas árvores. Surgiu, então, num barco, um senhor que o conduzia com um remo. Era um homem de muita idade, de barba longa e veste branca. Chegou até a margem do lago e disse:

- Entre aqui e vou contar muitas histórias para você.

Subi no barco, e conforme esse senhor nos levava, também ia contando histórias.

De repente, percebi que não estávamos mais no lago. Ele havia se transformado em rio, e quando chegamos perto de duas montanhas, cortadas pelas águas desse rio, vi uma figura incrível. Era uma estátua enorme, de madeira, muito maior que as montanhas, as quais já eram muito altas. Ela era muito diferente: a figura de um homem em pé, com as pernas levemente afastadas e os braços abertos lateralmente. Em cada mão havia uma vasilha, também de madeira. Na mão direita, a palma estava voltada para cima, a vasilha continha água e algumas gotas grandes caíam no rio. Já na mão esquerda, cuja palma estava voltada para baixo, a vasilha continha fogo, com as labaredas no mesmo sentido. Os olhos pareciam olhar para frente, mas, às vezes, davam a impressão de nos olhar e isso me assustava um pouco, era a única parte que parecia ser humana. O cabelo, também de madeira, chegava quase ao pescoço, ao mesmo tempo parecia imóvel e parecia movimentar-se. Diante dessa figura tão surpreendente e estranha para mim, perguntei ao senhor do barco:

- Como é que a tigela fica para baixo e não cai, e o fogo queima para baixo?

O ancião me olhou e dando um sorriso, disse:

- Um dia você irá entender.

E continuou contando histórias.

Conforme percorríamos o rio, o ambiente foi mudando. O céu já não era mais tão azul, já não havia tanta luz. E foi então que vi: estávamos diante de uma caverna, cuja entrada tinha um cachorro muito grande, maior que um homem adulto em pé. Esse cachorro era diferente dos outros porque era um corpo com três cabeças. Não consigo lembrar sua cor, mas a tonalidade era escura, não muito definida e parecia bravo com a nossa presença.

Mais uma vez o ancião me perguntou:

- Você quer descer e chegar mais perto dele?

Respondi que sim, já que não estava com medo daquele estranho cachorro.

Chegamos bem perto dele e ficamos a sua frente. Ele não latia, mas mostrava os dentes, parecia estar bravo. Fiquei olhando quieta para ele e, nesse instante, chegou bem perto de mim e abaixou uma de suas cabeças para que eu a acariciasse. E foi o que fiz, em cada uma delas.

Depois disso, o ancião me chamou, estava me esperando no barco para voltarmos. Não me lembro de como foi a volta, porque assim que subi no barco, acordei.

Este sonho sempre esteve muito presente em minhas lembranças; recordo-me dele até hoje, com suas cores vivas e todas as imagens. Depois de quase trinta anos, escuto as palavras do ancião “Um dia você vai entender” e acredito que depois de todo esse tempo, eu esteja começando a compreender: o ancião, meu mestre contador, havia me levado para o mundo mágico dos sonhos. Mundo este que aceitei, abracei e que hoje em dia acolho com o meu ofício de contadora de histórias.



2. MEMORIAL

“Porque a expressão é também necessidade, pois precisamos comunicar de alguma maneira como o mundo e as coisas desse mundo nos tocam, e nos sentimos conectados e participantes desse mundo, de uma coletividade.”

Adilson Nascimento de Jesus

Essa linda história que começo a contar agora traz uma lembrança bem distante, com imagens potentes e acolhedoras de uma encenação da peça de teatro “O nascimento de Jesus”.

A imagem é de minha mãe, grávida de três meses, linda, carinhosa e fazendo o papel da personagem Isabel. Outra imagem é de uma atriz que contracenava com minha mãe, como Maria, mãe de Jesus. Ambas encenavam e contavam a história do momento em que as duas personagens bíblicas se encontram. Seis meses depois nasci como Maria Isabel, uma mistura de ascendência cabocla, indígena, italiana, portuguesa e de ciganos espanhóis. E assim fiquei sabendo a origem de meu nome, através de minha mãe me contando o início da minha própria história.

Sempre gostei de mitos e histórias. Quando criança ouvia os “causos” que meus pais contavam para mim e meus irmãos. Eram histórias de meus avós e as “artes” que meus pais aprontavam quando crianças. Gostava das histórias de minha avó paterna. Eram narrativas de sacis, lobisomens e assombrações que ela ou algum conhecido tinha vivido. Ela contava com tanta força e convicção que me deixava com medo, ao mesmo tempo curiosa e com vontade de topar com um saci numa encruzilhada ou de entrar no meio de um redemoinho para tentar vê-lo.

Hoje, ouço quando minha tia materna diz que em sua mocidade, ao caminhar à noite por plantações de eucaliptos com os irmãos, via a bola de fogo pelo campo, a boitatá, ou que chegou a ver na crina de cavalos as tranças feitas pelos sacis durante a noite. Todos que me contam essas histórias têm seus olhos brilhantes ao narrar. Não são somente histórias, mas histórias vivas.

Esse mundo de causos e histórias sempre me acompanhou, assim também como as brincadeiras de roda e as cantigas de ninar. Com a mesma intensidade, vem a música, a dança, o teatro, o corpo em movimento e expressão.

Na adolescência apaixonei-me pela dança, apaixonei-me por voleibol e acreditei muito que seria professora de Educação Física. E realmente aconteceu.

Ao ingressar na Faculdade de Educação Física (Unicamp) deparei-me com conteúdos com os quais nunca havia imaginado. Conteúdos de esportes estavam presentes, mas também havia tantos outros como as danças e a possibilidade de expressão e conhecimento do corpo como um todo.

Lembro que meu primeiro ano como graduanda foi ao mesmo tempo: triste, por saber que logo meu pai não estaria mais presente, assustador por ter contato com tantas pessoas e assuntos diferentes, especial porque eu estava fazendo parte de tudo aquilo, estava vivendo tudo aquilo. No entanto, no terceiro ano, sentia um vazio interno muito grande, já que não conseguia me ver como uma treinadora esportiva, modalidade que escolhi ao fazer minha inscrição no vestibular de 1997, a única opção até então. O que me fazia respirar era a interação com idosos num asilo na cidade de Paulínia, SP. Junto com o amigo e Prof. Dr. Jorge Sérgio Perez Gallardo¹. Levávamos cachorrinhos ao asilo, como mediadores na nossa interação com os idosos. Foi um período em que ouvi e vi muitas histórias. Diante do grande vazio interno, esse momento era mágico e assim passou-se um ano.

Lembro que certa noite estava andando por um dos corredores da faculdade, quando vi um cartaz na parede: Com um desenho de uma velhinha sentada em uma cadeira de balanço com um livro na mão e escrito “Você quer contar histórias?”. Havia informações sobre uma oficina de formação de contadores de histórias, ministrada pela Profa. Ms. Ângela Café. Aquilo me capturou de tal maneira que não consigo descrever. A sensação que tive foi de ter encontrado um tesouro, de ter o vazio preenchido, em pensamento falei, sem dúvida alguma, para mim mesma “É isso que quero fazer”.

¹ Na época, professor da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas.

Infelizmente não pude participar da oficina, que aconteceu durante um mês em horários de disciplinas obrigatórias a cursar. Mas, felizmente, as pessoas que participaram da oficina começaram a se encontrar para trocar histórias e desenvolver as dinâmicas aprendidas. Foi com eles que tive meu primeiro contato íntimo com a contação² de histórias.

Com o tempo, os assuntos tornaram-se mais aprofundados e de trinta participantes ficaram cinco, dos quais eu fazia parte. Logo foi fundado o grupo Manauê³ Contadores de Histórias. Nos encontros do grupo, eram desenvolvidas atividades de relaxamento e conscientização corporal, técnicas de desinibição e de contação de histórias. As histórias contadas pelo Manauê eram caracterizadas pela exploração das expressões corporais. E fui me descobrindo contadora de histórias.

As histórias tomaram conta de mim. Nelas me encontrava.

Aos poucos fui percebendo que a maior parte de meu repertório era composto pelos contos folclóricos, pelas cantigas de cirandas, ditados e causos, enfim, conteúdos que estavam presentes desde minha infância.

Diante dessa feliz descoberta, busquei maneiras de aprimorar a contação de histórias e também fui ao encontro do autoconhecimento e conscientização corporal. Aconteceram mudanças importantes. Uma delas foi meu afastamento do grupo Manauê, o que marcou uma nova etapa na busca pessoal do contar histórias e seus contadores. Tive a oportunidade de participar do *workshop* Mímesis Corpórea, ministrada pelo Prof. Dr. Renato Ferracini⁴, e frequentar as aulas da disciplina Vivências Corporais, ministrada pelo Prof. Dr. Adilson Nascimento de Jesus⁵. Esses dois acontecimentos foram de grande importância no meu caminho de contadora de histórias: foi como não

² Palavra criada e usada pelos contadores de histórias para designar a apresentação de histórias. Apesar de não existir no vocabulário formal, é um termo já incorporado pelos profissionais que apresentam narrativas.

³ Grupo de contadores de histórias, fundado no ano de 1998, na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Manauê também é conhecido como bolo de milho ou fubá, com sementes de erva-doce.

⁴ Ator, pesquisador do Lume Teatro, professor do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas, coordenador acadêmico do Lume Teatro.

⁵ Dançarino, pesquisador e professor da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.

mais observar um vaso de flores, mas poder tocá-las e sentir seus perfumes num imenso jardim.

Diante de tantas mudanças em pouco tempo - aproximadamente seis meses - tive a certeza de que contar histórias estaria sempre presente em mim e, assim, resolvi desenvolver meu trabalho de conclusão de curso com esse tema e a relação com outras formas de expressão e linguagem.

Senti-me um peixe fora d'água quando um professor da graduação me perguntou o que eu estava fazendo num curso de formação esportiva e como iria relacionar o assunto de contar histórias com treinamento. Cheguei a conversar com dois professores que tenho muita estima: Prof. Dr. Jocimar Daólio⁶ e Prof. Dr. Jorge Perez Sérgio Gallardo; ambos deram-me a sugestão de conversar com o professor que havia ministrado a disciplina que foi de grande importância para mim, o Prof. Adilson.

Não esqueço o dia em que fui procurá-lo pelos corredores da Faculdade de Educação Física. Ele estava indo para o estacionamento da faculdade. Lembro que fui com muito medo à sua procura e então lhe perguntei se ele dispunha de um minuto para mim. Expus que estava terminando o curso de graduação, organizando-me para começar uma monografia e que dois professores da faculdade haviam sugerido que eu falasse com ele sobre minhas ideias. Ele me falou, de maneira séria, que estava cansado de alunos que o procuravam para fazer um trabalho “vazio”, apenas para cumprir uma etapa final da graduação.

Foi nesse momento que tomei coragem e disse que eu amava – e amo – o que estava pesquisando e que o assunto era muito importante para mim, daí mencionei a contação de histórias. Em seguida, ele abriu um sorriso e falou que precisávamos conversar, pediu para que eu marcasse um horário através da secretária do seu departamento de estudo e finalizando disse: “Você está botando a mão numa casa de marimbondo. Vai mexer com muita coisa aí!”. Fiquei com medo, mas feliz. Foi a mesma sensação de quando ouvia os causos de minha avó. Eu sabia que amava contar histórias, mas não sabia ainda a dimensão que o contar histórias abarca.

⁶ Professor da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas.

Nesse período participei de atividades do GEDAN⁷, onde conheci a Profa. Dra. Ana Elvira Wuol⁸, também contadora de histórias, que muito me ensina sobre o caminho dos contadores e suas histórias. O Prof. Adilson aceitou ser meu orientador e fizemos um trabalho muito bonito, de corpo e alma, sobre o “treinamento” do contador de histórias.

Foi um dos momentos mais especiais durante minha graduação. Pude ter conversas com meu orientador sobre corpo e dança, com o Prof. Dr. Renato Ferracini sobre teatro e corpo, com o Prof. Dr. Ivan Vilela⁹ sobre música e corpo. Todos muito acolhedores e entregues de corpo inteiro em seus ofícios. Todos mestres que me ensinaram, não somente sobre o que fazem, mas sobre viver o que fazem, sobre vida.

Quando terminei a graduação, sentia-me cansada. Contava histórias em livrarias de Campinas/SP, ministrava oficinas, mas tinha a sensação de que era preciso colocar algo a mais em prática: meus conhecimentos acadêmicos. Dessa forma, ingressei no sistema público de ensino do Estado de São Paulo, em 2006, como docente da disciplina Educação Física.

Acredito que é importante e necessário compartilhar o conhecimento que se é dado e apreendido, e é preciso também dar e não somente receber. E tive outra descoberta: meus alunos me ensinam muito, a cada dia, e poder compartilhar momentos e histórias com eles é uma dádiva, um grande presente. Percebi que o contador de histórias está presente no professor, que esse profissional precisa ser amoroso, precisa entender e viver o estado de ser humano, precisa atuar de forma viva e não apenas de corpo visível presente. Como educadora compartilho meus dias com alunos que são histórias e têm muitas histórias a contar.

Tendo percorrido esse trecho do caminho, comecei a me questionar sobre o contar histórias, levando em conta minha história de vida, as pessoas com as quais convivo e encontro, o poder que os mitos e as histórias têm sobre mim, as emoções e sensações que elas causam em quem conta, em quem

⁷ Grupo de Estudos em Dança, coordenado pelo Prof. Dr. Adilson Nascimento de Jesus.

⁸ Atriz, clown, diretora teatral, bacharel em Artes Cênicas, mestre e doutora em Educação Física e pós-doutora em Linguística-IEL-UNICAMP.

⁹ Compositor, arranjador e instrumentista de viola brasileira. Professor da Universidade de São Paulo USP.

ouve, sua presença no ambiente escolar. Assim como a Vasalisa¹⁰, eu estava adentrando a floresta desconhecida e cheia de seus mistérios, ao mesmo tempo anciã, encantada e guardiã de tesouros. Foram esses questionamentos e tantas reflexões acerca deles que me trouxeram até aqui, neste trabalho de dissertação de mestrado. E que adentro pelos caminhos dessa floresta encantadora e misteriosa, seguindo pedrinhas pelo caminho, deixadas pelas histórias e seus contadores.

¹⁰ Vasalisa, a sabida, personagem de conto russo. Dentre muitas versões do conto, a mais popular é a de que a menina Vasalisa ganha uma boneca de sua mãe pouco antes desta falecer. A mãe pede para que a menina confie na boneca, a qual, estando sempre ao seu lado, a ajudará nas situações difíceis. Após algum tempo, o pai casa-se novamente e a madrasta e suas duas filhas maltratam muito Vasalisa. Numa noite muito fria em que o pai está longe de casa, a madrasta força Vasalisa a buscar lenha para a lareira, no desejo que a menina morra de frio. No percurso, Vasalisa adentra uma floresta, pede ajuda à boneca, e esta lhe guia, respondendo às perguntas feitas pela menina. Durante o percurso, Vasalisa vai jogando gravetos no chão para encontrar o caminho de volta. A boneca é sua guia até a casa da bruxa Baba Yaga, único lugar onde pode ser encontrado fogo. Lá, defronta-se com a bruxa e muitas tarefas lhe são impostas, mas a sabedoria vinda da boneca faz com que Vasalisa faça tudo o que lhe é mandado. Em troca de tudo o que foi feito, Vasalisa consegue o fogo da casa de Baba Yaga e faz seu caminho de volta, agora portadora do fogo da casa de Baba Yaga. A madrasta e suas duas filhas ficam surpresas ao ver que Vasalisa está viva e volta sã da floresta e da casa da bruxa, e antes que a menina entre na casa, a madrasta e suas filhas são queimadas pelo fogo mágico. Vasalisa, a Sabida, também é tido como um conto que trata da iniciação de uma menina nos mistérios do feminino, através do resgate daintuição.



3. ONDE MORA O PERIGO TAMBÉM MORA O QUE SALVA: AS DESCOBERTAS PESSOAIS

“Espero que você saia e deixe que as histórias aconteçam, que você mesmo elabore, que as regue com seu sangue, suas lágrimas e seu riso, até que elas floresçam, até que você mesmo esteja em flor. Então, você será capaz de ver os bálsamos que elas criam, bem como, onde e quando aplicá-las. É essa a missão. A única missão.”

Clarissa Pinkola Estes

Quando participei do primeiro encontro com pessoas que haviam feito a oficina de formação de contadores de histórias com a professora Ângela Café, não tinha dado conta ainda da porta que eu havia aberto para um mundo tão rico e tão intenso. Procurava um sentido para tudo o que eu estava fazendo. Logo que comecei a fazer os exercícios propostos nos primeiros encontros, senti que algo estava diferente, como se uma antiga música voltasse a ser tocada dentro de mim. No entanto, haviam outros motivos que caminhavam comigo rumo a encontros seguintes.

3.1 O despertar

A timidez era muita. Notando que nas reuniões sobre o contar histórias eram desenvolvidas técnicas de desinibição, fiquei na esperança de alguma mudança pessoal. Tenho a lembrança do primeiro ano de graduação, apresentando trabalhos e seminários. Minhas sensações eram péssimas: meu rosto corava, os pés ficavam cruzados e as mãos, escondidas, procuravam um ponto de apoio na lousa da sala de aula. Além de todas essas sensações, ter a nítida impressão de que as pessoas ao meu redor notavam tudo isso era muito desconfortante. Com as técnicas de desinibição eu procurava, também, amenizar tais sensações desagradáveis. Afinal, como eu contaria histórias dessa maneira?

No início das reuniões acontecia o momento de relaxamento, acompanhado de uma sensação muito prazerosa: um conhecimento corporal nunca antes sentido. Depois eram lidas algumas histórias, que pessoas traziam porque gostavam ou queriam contar.

Foi num desses momentos que compreendi o quanto as histórias estavam “agindo” em mim. As comoções despertadas por essas histórias ouvidas formaram um elo entre o que eu sentia e era. Mesmo que eu não percebesse de maneira consciente, os conteúdos das narrativas evocavam meus medos, conflitos e angústias e mostravam elaborações e desfechos possíveis. Sem saber, eu entrava em contato com o mais íntimo de mim mesma, em lugares escuros e escondidos que eu não queria ver ou sequer fazia ideia que existiam.

As histórias me auxiliavam a ir ao encontro de cada um desses lugares, e, no mínimo, tomar ciência de sua existência, o que possibilitou minhas autodescobertas e elaborações pessoais, o despertar corporal. Esse conteúdo conseguia fazer com que eu entendesse o que acontecia em mim sem um tempo lógico, tocavam no que era sensível, invisível e simbólico. Era como se eu conseguisse entender e falar sem dizer uma palavra.

Essas narrativas que ouvi confeccionaram o fio condutor para que eu adentrasse o conteúdo metafórico e inconsciente que há em mim, e que existe em cada ser humano; permitiram que eu compreendesse e elaborasse conteúdos com uma linguagem que estava ao alcance da minha compreensão, de acordo com a fase de vida em que eu estava vivendo, enfim, de tudo que, no momento, eu era. Os exercícios e as dinâmicas desenvolvidas também foram muito importantes; adiante há um capítulo com ênfase nesse conteúdo.

Foi esse cerne que me mostrou inicialmente como o corpo todo fala, canta, grita, dança. Foi nesse tempo que senti o quanto é possível falar, não somente com voz e palavras, mas com gestos, posturas, silêncios, sons vindos do próprio corpo. Nesse tempo percebi que ser contadora de histórias é ser contadora de corpo inteiro.

E assim contei a primeira história, através da tradição da oralidade humana, que um dia ouvi de meu pai. Ela começava assim:

“...Uma vez, quando eu voltava pra casa do serviço, e já era bem tarde da noite, quase madrugada, eu tinha que passar por um terreno baldio, escuro, e com o mato já bem alto.

Eu ia me guiando pelo mato amassado, tanta gente passava por ali durante o dia que o mato já estava até deitado, já. Todo mundo passava ali pra cortar caminho pra casa.

A certa altura eu senti um negócio, parecia que alguém, alguma coisa caminhava atrás de mim, do mesmo jeito que eu, no mesmo passo e na mesma velocidade.

Ai! Comecei a correr, e nem quis olhar pra trás. Aquilo que tava atrás de mim também corria. Corri tanto, e aquela coisa atrás, igualzinho!

Fui chegando perto de casa, já tava cansado de ficar quase com a língua pra fora, e foi aí que eu percebi... Aquela coisa que corria atrás de mim era o barulho da minha calça! O tecido de uma perna raspava na outra e parecia que tinha gente atrás de mim.

Olha o que o medo não faz!”

Essa história simples foi minha estreia como contadora consciente do ofício. Simples, mas ao mesmo tempo tão forte que não consegui mais me desviar das histórias, dos contos, dos causos, dos mitos e do encontro com as maneiras de expressá-los.

Ao contar minha primeira história, o caso que aprendi com meu pai, notei o significado do que Campbell (1990) expressou ao dizer que assim que somos apanhados por todo esse assunto, acontece algo conosco, de maneira tão profunda e tão rica que não queremos abrir mão do que nos apanhou.

Essa primeira história contada me mostrou o quanto o corpo todo fala e o quanto é preciso estar entregue ao que se é transmitido. Lembro que fiquei durante algumas semanas me preparando para apresentar esse acontecido às pessoas do grupo. Pensava nos gestos, pensava nas falas, lembrava-me da maneira como meu pai se expressava e, ao mesmo tempo, procurava tomar muito cuidado para não ser uma cópia dele contando o caso, mas, não deixando de o ter como fio condutor de uma história, dando corpo e vivacidade a ela.

Durante todo o processo de preparação para a história que contei, houve um conteúdo além, aparentemente distante pelo tempo, no entanto, muito presente: todas as histórias que ouvi na infância, as imagens das pessoas que contavam, suas vozes e todo o conjunto de sensações e emoções atreladas a esse contexto.

Preparar a primeira história a ser contada despertou-me as recordações de infância: a história foi o elo mágico entre eu e meu mundo interno. Os mitos e as histórias têm a essência que nos mantém vivos: o nosso conteúdo inconsciente e atemporal, que preserva nossa existência. Além, as histórias apresentam os significados que dão sustentação à vida de todos nós, de nossos antepassados, das remotas civilizações.

“Não se pode viver sem lembranças, não é possível contar histórias sem que haja um traço próprio nela” (PIZA, 2009), o caráter das sensações e emoções do contador e toda sua bagagem por meio do mergulho na própria história de vida. Nossa história de vida é nosso combustível interno, é a fantasia e a imaginação que temos desde pequenos. É ela que nos leva ao caminho da criação, da possibilidade de enfrentar os medos e as dificuldades. A própria história de vida precisa estar presente no contador, desde o momento de preparar o que será entregue ao ouvinte até o instante da entrega da história ao público.

É por meio das recordações de infância, da fantasia, das memórias de contadores e das emoções que encontrei o caminho para o que conto. Esse conteúdo interno é o acesso para meu ofício de contadora. E quanto mais conto, mais percebo dois aspectos que são importantes: a história como bálsamo e o processo da contação de histórias como ritual.

3.2 A história como um bálsamo

Antes da apresentação de uma narrativa é importante que o contador a sinta dentro de si, perceba o que ela lhe causa, acolha o conforto ou a turbulência que o corpo contador apresenta diante do que lhe é apresentado.

Quando comecei a participar do encontro de contadores não entendia direito o que me acontecia, entretanto, tinha a nítida sensação de que às vezes, uma ou outra história apresentada se encaixava apropriadamente com

situações, sentimentos ou emoções que eu estava vivenciando; era como uma perspectiva do que estava me acontecendo. Até então, não tinha a conscientização das histórias como portadoras de uma linguagem íntima que tem grande importância no auxílio do processo de elaboração de situações de vida.

Em 2000, durante um convite para contar histórias a crianças que estavam hospitalizadas no setor de pediatria do Hospital da Unicamp, uma enfermeira me pediu para contar uma história que abordasse o tema morte, de maneira que não fosse drástica ou amedrontadora. Lembro que fiquei muito preocupada com o pedido, já que o assunto é muito delicado em nossa cultura ocidental. Além disso, havia o receio pessoal de ir ao encontro de uma história com esse assunto, pois meu pai havia falecido há pouco tempo, fato que ainda me incomodava muito.

Nesse período mantive um vínculo de desenvolvimento de atividades socioculturais com a Prefeitura Municipal de Sumaré. Toda terça-feira havia sessões de contação de histórias na Biblioteca Municipal. A preocupação com a história relacionada à morte ocupava, e muito, meus pensamentos.

Certo dia, numa arrumação coletiva de livros na biblioteca, a bibliotecária pediu para que eu ajudasse na organização, de modo que os livros sem tobo fossem organizados em ordem de tamanho. Assim que comecei a organização, notei que um dos livros era muito fino em relação aos outros que estavam próximos, porém de tamanho maior. Quando o retirei da prateleira li “O teatro de sombras de Ofélia”, por Michael Ende (1988).

Lembro que, num primeiro instante, o que me chamou a atenção foram os desenhos do livro. Comecei a lê-lo, esquecendo-me da organização dos livros. Sentei-me num cantinho bem confortável da biblioteca e adentrei o mundo mágico. Quando terminei, já tinha deixado muitas lágrimas saírem dos meus olhos: era a história que *eu* precisava, mais do que para contar no hospital. Era a que precisava para contar a mim mesma, pois, tratava do tema morte.

A história é a seguinte:

Numa cidade pequena e antiga, vivia uma velhinha chamada Ofélia. Quando ela veio ao mundo - e isso tinha acontecido há muito, muito tempo - seus pais disseram:

- Um dia nossa filha vai ser uma grande atriz.

E puseram-lhe o nome de uma conhecida personagem de uma peça de teatro. Mas a única coisa que a pequena Ofélia herdara dos pais era o gosto pelas grandes palavras dos poetas. E ela tampouco poderia se tornar uma atriz famosa. O motivo é que sua voz era bem fraquinha. Mesmo assim, ela queria servir à arte, ainda que da forma mais humilde.

Na velha cidadezinha havia um belo teatro. Bem em frente ao palco ficava uma caixa que não era vista por quem estivesse na plateia. Toda noite Ofélia ficava naquela caixa e soprava para os atores as falas de seus papéis, para que eles não perdessem o fio da meada. A voz fraquinha de Ofélia era perfeita para isso, pois os espectadores não a ouviam.

Durante toda a sua vida Ofélia fizera esse trabalho, e com o tempo foi aprendendo de cor todas as grandes comédias e tragédias, e já não precisava mais ler as falas das personagens dos livros.

Assim, Ofélia foi envelhecendo e os tempos foram mudando, e cada dia vinha menos gente ao teatro, pois já havia cinema, televisão e outros divertimentos. E então aconteceu que o velho teatro da cidadezinha foi fechado, os atores tiveram que ir embora, e até Ofélia foi despedida.

Quando acabou o último espetáculo e a cortina desceu pela última vez, ela ficou mais um pouquinho no teatro, sozinha, sentada em sua caixa, lembrando a vida passada. De repente, ela viu uma sombra balançando pra lá e pra cá nos bastidores; ora ficava enorme, ora ficava bem pequena.

- Olá - disse Ofélia com sua voz fraquinha - quem está aí?

A sombra assustou-se e se encolheu. Logo ela se recompôs e ficou grande novamente.

- Desculpe - disse ela - eu não sabia que tinha alguém aí. Estou escondida aqui porque não tenho onde ficar. Por favor, não me mande embora.

- Você é uma sombra?, perguntou Ofélia.

A sombra fez que sim.

- Mas uma sombra sempre pertence a alguém - continuou Ofélia.

E a sombra fez que não. Disse que existem muitas sombras no mundo que não têm dono, e que ela era uma dessas sombras. Seu nome era Sombra Marota.

Ofélia achou aquilo muito triste, e então convidou a sombra para ficar com ela.

A sombra achou que seria muito bom, seria maravilhoso, mas Ofélia já tinha sua própria sombra.

- Acho que vocês duas vão se dar muito bem, disse Ofélia.

A sombra de Ofélia fez que sim. A partir de então, Ofélia passou a ter duas sombras. As poucas pessoas que notaram ficaram espantadas e acharam aquilo muito esquisito, e então, Ofélia pediu a uma das duas sombras que entrasse em sua bolsa e ficasse escondida durante o dia. As sombras podem se acomodar em qualquer cantinho.

Um dia Ofélia estava na igreja falando um pouco com o bom Deus, quando de repente viu uma sombra na parede branca. A sombra dava a

impressão de ser muito magra, e estendeu a mão como se estivesse implorando que Ofélia a aceitasse. Mas Ofélia respondeu que já tinha duas.

- Então, uma a mais não vai fazer diferença; falou a sombra em tom de súplica.

Ofélia perguntou o seu nome, e a sombra disse que era Negra Angústia.

- Pode vir comigo, disse Ofélia.

Agora ela já tinha três sombras.

A partir daí, quase todo dia sombras sem dono vinham procurar Ofélia, pois existem muitas sombras perdidas no mundo inteiro.

A quarta sombra chamava-se Morte Solitária.

A quinta sombra, Noite Enferma.

A sexta, Nunca Mais.

A sétima, Peso Oco.

O único problema é que o quarto de Ofélia era pequeno e ficava escuro, das muitas sombras que moravam com ela porque ninguém, a não ser ela, as queria.

Mas o pior foi quando as sombras começaram a brigar. E quando isto acontecia, Ofélia não conseguia dormir. Então ficava na cama, de olhos abertos, tentando, com sua voz fraquinha, acalmar as sombras. Mas de nada adiantava.

E então aconteceu que um dia ela teve uma boa ideia.

- Ouçam um pouco - disse ela para as sombras - se vocês querem continuar aqui, terão que aprender alguma coisa.

As sombras pararam de brigar e ficaram olhando para Ofélia. Então ela recitou para as sombras as grandes palavras dos poetas, que ela sabia de cor. Ela repassava frase por frase, com muita paciência, e pedia que as sombras as repetissem. Aos poucos elas foram aprendendo todas as grandes comédias e todas as grandes tragédias do mundo.

A vida delas mudara bastante. As sombras podiam representar os mais diferentes papéis, e podiam tomar a forma de um anão ou de um gigante, de uma pessoa ou de um pássaro, de uma árvore ou de uma mesa. Muitas vezes elas representavam pela noite adentro, diante de Ofélia, as mais belas peças de teatro. Durante o dia, porém, todas ficavam na bolsa de Ofélia - menos sua própria sombra, naturalmente.

As pessoas não viam as sombras de Ofélia mas notavam que algo estranho estava acontecendo. E as pessoas não gostam de nada fora do normal.

- A velha está muito esquisita. Ela deve estar louca. Quem sabe o que ela pode vir a fazer qualquer dia desses?

E todos a evitavam.

Um dia veio o proprietário do quatinho e disse que o aluguel aumentara em dobro. Ofélia não tinha dinheiro para pagar tanto. Então ela pôs tudo o que possuía - que não era muito - numa mala e foi embora. Pegou o trem e saiu pelo mundo sem saber ao certo aonde ia. Por fim, chegou ao mar, e não pôde seguir adiante. Sentou-se, então, para descansar um pouco e adormeceu.

As sombras saíram da bolsa e ficaram à sua volta, perguntando o que deviam fazer, e todas resolveram ajudá-la. Quando Ofélia acordou, contaram-lhe do plano que tinham feito.

Ao chegarem a uma pequena aldeia, tiraram um lençol branco da mala e penduraram num varal. E começaram a representar no lençol as peças que Ofélia lhes ensinara. No começo vieram alguns dois garotos e olharam espantados. Mas à tarde apareceram também alguns adultos, e no final todos pagavam algum dinheirinho pelo interessante espetáculo.

E assim Ofélia foi de aldeia em aldeia, de cidade em cidade. As pessoas vinham, riam e choravam. Logo Ofélia ficou conhecida, e aonde quer que fosse era esperada ansiosamente, porque sempre tinha algo interessante a apresentar. Depois de certo tempo Ofélia já tinha juntado dinheiro o bastante para comprar um carrinho velho. Ela levou-o a um pintor e pediu-lhe que o pintasse com belas cores e escrevesse dos dois lados do carro, em letras grandes:

TEATRO DE SOMBRAS DE OFÉLIA

Com esse carro, Ofélia andou pelo mundo inteiro, acompanhada de suas sombras.

Bem que a história poderia acabar por aqui, mas as coisas se passaram de maneira diferente. Um dia, quando Ofélia se encontrava presa com seu carro em uma tempestade de neve, apareceu-lhe subitamente uma sombra gigantesca, ainda mais negra que as outras sombras.

- Você também é mais uma daquelas que ninguém quer?

- Sim - disse a sombra devagar - acho que se pode dizer isso de mim.

Ofélia perguntou à sombra se gostaria de ficar também com ela.

- Você não gostaria antes de saber meu nome?, quis saber a sombra.

- Como você se chama?

- Chamam-me Morte.

Então houve um grande silêncio.

E a grande e fria sombra envolveu Ofélia e tudo escureceu à sua volta. Mas subitamente ela se achou com olhos novos, olhos que eram jovens, claros e não mais velhos e míopes. E não tinha mais necessidade de usar óculos para ver onde estava: ela estava na porta do céu. À sua volta havia figuras muito bonitas, trajadas com belas roupas coloridas e sorrindo para ela. Eram as muitas sombras que Ofélia havia adotado como suas, e agora estavam livres, não precisariam mais vagar pelo mundo.

A porta do céu se abriu, as luminosas figuras entraram, e junto com elas Ofélia. Elas a levaram a um maravilhoso palácio, que era, na verdade, o mais belo e suntuoso teatro que se possa imaginar. Na entrada, lia-se em grandes letras douradas:

TEATRO DE LUZ DE OFÉLIA

E desde aquele dia as sombras representaram o destino dos homens, segundo as grandes palavras dos poetas, que os anjos também conseguem entender. E assim eles aprendem como é mesquinho e como é grandioso, como é triste e como é divertido ser homem e viver na Terra. E Ofélia sopra-lhes as palavras para que não percam o fio da meada. Dizem, também, que de vez em quando o bom Deus vem assistir ao espetáculo. Mas isso a gente não pode afirmar com certeza.

Todas as vezes que eu entrava em contato com essa história, preparando-a para a contação, era impossível não chorar. Ela mobilizava algo muito forte em mim, que nem eu mesma entendia direito. Sabia que estava lidando com uma história que falava de morte, mas não entendia claramente o que se passava comigo. Foi um longo período até que eu conseguisse contar a história, ainda em laboratório pessoal, de maneira completa e sem interrupções. Mas ela sempre me emocionava.

Quando contei essa história no hospital, não sabia o que poderia acontecer, nem comigo e nem com os ouvintes. Tudo aconteceu de maneira tranquila, numa troca de acolhimento mútuo. Assim que a história acabou um garoto disse “Não tenho mais medo da morte, a Ofélia me mostrou como é. É muito bonito”. Tenho a emoção que senti daquele momento até hoje.

Tive vontade de chorar de emoção ao presenciar o que estava acontecendo, entretanto, sabia que naquele momento não era viável, pois as crianças poderiam não entender o que se passava. Saindo do hospital tive certeza de que as histórias, os contos, os mitos, enfim, todo esse universo simbólico é um bálsamo para quem os encontra e se deixa ser acolhido por eles. Eu começava a entender porque tanto choro ao ler e interpretar essa história: ela possibilitava o diálogo com meu íntimo porque as histórias representam a psique humana (SPERBER, 2008), na verdade, eu contava a história para mim mesma, a fim de elaborar acontecimentos difíceis e superá-los.

Muita vez o texto surge num momento em que nossas imagens internas estão num momento caótico. Daí servem para ajudar a organizar essa matéria disforme e já acumulada em agonia, porque a angústia por manifestar o que nos assoma também cresce e quer ganhar forma para apaziguar nosso espírito. Podemos pensar, ou melhor, intuir que os ritmos do texto e do leitor entram em sincronia, para atuarem em sinergia em busca da forma mais adequada de expressão.(...) Uma teia de sentidos vai se tecendo subliminarmente. Quero dizer que nem sempre chegaremos a compreender o todo desse processo no sentido mais racional da palavra. Compreendemos sim, mas com o nosso coração. (JESUS, 1996)

Foi a partir da história de Ofélia que me senti contadora de histórias de corpo inteiro, contadora de histórias de verdade, a partir de então, deixei que

as histórias fizessem parte de mim e me ajudassem em questionamentos e situações que nem sempre as palavras e a razão conseguem dar conta. Descobri o conteúdo terapêutico e balsâmico das histórias.

3.3 A contação como ritual

Outra descoberta foi o entendimento da contação de histórias como ritual, entendido como conjunto de gestos, palavras e formalidades, um conjunto de práticas realizadas em determinadas situações e com objetivo definido, possibilitando aproximação e contato com o sagrado.

Não exponho aqui o termo ritual vinculado às diversas religiões existentes, mas ao conteúdo profundamente respeitável que ocorre na realização das narrativas. No decorrer desta dissertação há um capítulo voltado aos conteúdos simbólicos dos mitos e histórias, porém, adianto aqui que a contação ganha um caráter sagrado por entrar em contato com o mais íntimo do ouvinte, quando este se deixa ser acolhido pelo que ouve e presencia: os mitos e as histórias falam conosco através da linguagem simbólica, aparentemente simples, todavia, tão arrebatadora e profunda. Esse conteúdo de narrativas dialoga conosco de maneira sutil e com a mesma linguagem do inconsciente, o mesmo que acontecia e ainda acontece em tribos e populações que desenvolvem seus rituais de agradecimento pelo alimento, pela mudança de estação, pelo atendimento de um pedido, por um nascimento, uma passagem de vida e morte.

As pessoas que participam de um ritual preparam-se para receber o que lhes será apresentado; elas interagem com o ritual, do início até o final, e recebem ou encontram algo a agregar em suas vidas. Particularmente, é assim que vejo a contação de histórias: o público tem certa ideia do que irá acontecer, há preparação antecipada do local onde irá acontecer as narrativas, existe horário estipulado e sequência de acontecimentos com início, meio e fim. Além disso, a pessoa estará no seu próprio ritmo para receber e interagir com a história, encontrar ou agregar o que lhe for sensível.

Atento-me também ao fato dos contadores de histórias, de modo geral, se prepararem para o que vão apresentar. Assim como os xamãs, mestres dos

rituais de tribos e comunidades, os contadores de histórias, cada qual à sua maneira, possuem seu rito de preparação.

Quando comecei a contar histórias, não tinha claro que começava a desenvolver meu rito pessoal para as apresentações. Aos poucos, e naturalmente, esse processo interno foi ficando cada vez mais evidente e ao mesmo tempo necessário ao meu ofício de contadora. Hoje percebo que aproximadamente uma hora antes da apresentação sou diferente de meu estado cotidiano de consciência: lembro-me de minha infância e das imagens de contadores. As histórias preparadas vão tomando força, como se pedissem para sair por meio da entrega de contá-las. Também fico num lugar mais isolado e tranquilo, onde tudo muda: a saia longa, a atmosfera, a respiração, o olhar. Penso em tantos contadores de histórias e as tantas narrativas que apresentaram, e faço o pedido íntimo de poder continuar o que eles há muito tempo já faziam. É meu rito de entrada para o mundo da imaginação, dos símbolos, meu mundo interno.

Considero esse processo como ritualístico porque ele sempre acontece, tanto o pessoal quanto aquele com o público, de maneira sistematizada, diante de determinada situação: a contação. Foi uma descoberta que, somente com o tempo, pude e continuo a perceber e descobrir mais.

Por fim, o que mudou totalmente meu modo de contar histórias foi o uso da saia longa, minha segunda pele.

No início do ofício de contar, era difícil especificar o figurino adequado para as apresentações, apenas achava que deveria ser diferente da roupa do dia a dia, habitual, justamente pelo conteúdo ritualístico.

Durante certo tempo usei macacões de dança de cores neutras, com uma camisa de cor mais “viva”, lisa e sem estampas. Acreditava, no entanto, que aquele não era o vestuário adequado: ele não estava por completo nas narrativas. Aos poucos, comecei minhas pesquisas sobre imagens de contadores de diversas partes do mundo. Com essa roupa, as crianças se aproximavam, mas os adultos ficavam distantes, acompanhando as histórias de longe. Eles interagem nas cantigas de roda e também nas histórias, contudo, sempre distanciados.

Nas pesquisas, após algum período, notei que muitas imagens de contadoras de histórias de países como França, Espanha, Colômbia, Venezuela e Brasil apresentavam a saia longa. Isso me cativou completamente. Foi como descobrir uma passagem para outro mundo – logo entenderia que era o mundo psíquico.

Em uma apresentação numa livraria em Campinas, SP, usei pela primeira vez a saia longa e rodada. Como as apresentações aconteciam em todos os finais de semana, havia um público frequentemente presente; como de costume, com a roupa antiga, as crianças ficavam próximas e os adultos, mais distantes.

Nesse dia em que me apresentei com a saia, notei que o público adulto foi se aproximando, e depois de algumas histórias, estavam sentados no tapete, junto com as crianças. Estavam mais presentes. Não pude deixar de notar essa mudança, e assim que as narrativas terminaram expus o que havia percebido para parte dessas pessoas, disse que gostaria de saber se elas haviam notado algo, ou se alguma mudança acontecera com elas. Para meu espanto, um senhor disse que sentia que quando eu usava o macacão o espaço era mais reservado ao público infantil e que, mesmo gostando de ouvir histórias, sentia-se um pouco intruso se ficasse mais perto. No entanto, a partir do momento que me viu usando a saia, lembrou-se de sua avó, que lhe contava histórias em sua infância e usava o mesmo tipo de saia longa e rodada. Isso fez com que ele se sentisse convidado e acolhido a participar de maneira mais próxima, pois possibilitou a lembrança de sua infância e de sua avó.

Depois de algum tempo, outro ouvinte disse que havia lido num livro que as contadoras usam a saia longa e rodada para poder abarcar a todos os ouvintes, assim como as mães antigas que, tendo muitos filhos e apenas dois braços, faziam da saia a extensão de suas mãos para que seus filhos, segurando em suas pontas, se sentissem apoiados pela figura materna.

Foram relatos que me comoveram muito e me fizeram confiar que a escolha de uma vestimenta mítica para meu ofício de contadora havia sido feita. Além, pude perceber que “às vezes não temos a ideia da extensão do nosso trabalho” (PIZA, 2006), não nos damos conta do quanto o contar

histórias abarca, e só nos damos conta quando esse mundo encantador já nos envolveu por completo em suas teias mágicas. Pessoas como eu, você leitor, e tantas outras, ouvindo e contando histórias descobrimos e redescobrimos tanto de nós mesmos. O que fazer com essas descobertas e redescobertas? Eis um bom começo para muitas e muitas histórias!

Foi assim que deixei a velha pele e passei a usar as saias longas e rodadas, de tecidos rústicos, às vezes coloridas, outras não. As contações ficavam mais verdadeiras e sensíveis. As saias tornaram-se o prolongamento do corpo que sou, podendo tocar e acolher cada ouvinte.





4. HISTÓRIAS E MITOS: NARRATIVAS EM TODOS NÓS

*“O mito é o nada que é tudo.
O mesmo sol que abre os céus
É um mito brilhante e mudo –
O corpo morto de Deus,
Vivo e desnudo.”*

Fernando Pessoa

Quando lemos, ouvimos ou contamos uma narrativa, costumamos chamá-la de história. No início do ofício de contadora era comum chama-las assim. Conforme me aprimorava, percebia as diferenças entre elas. Há autores¹¹ que apontam a classificação e as definições das narrativas, e com a leitura desses autores fui entendendo melhor suas características. Descrevo a seguir, alguns tipos de narrativas que são muito frequentes nas contações:

HISTÓRIA

Caracterizada como uma narrativa sistematizada e real, de um fato ou fatos passados, em relação a uma ou mais pessoas, um povo, um país.

HISTÓRIA (antes escrita como estória)

É tida como uma narrativa popular, tradicional, folclórica, e muitas vezes entendida como causo ou lenda. É um acontecimento irreal, ilustrado de maneira a dar maior realismo ao fato mencionado.

FÁBULA

É uma narrativa curta, que geralmente transmite valores morais e na qual os animais intervêm e têm comportamentos humanizados. Geralmente os animais são os protagonistas.

¹¹SPERBER (2009) e COELHO (1999).

PARÁBOLA

Geralmente é um relato curto e simples, e seu conteúdo sempre traz uma temática de cunho moral ou religioso. É uma história em forma de comparação com o intuito de fazer analogia com assuntos de aprendizagem.

CONTO

É caracterizado como narrativa mais curta que os romances. Sua estrutura é bem delimitada: poucos personagens, acontecimentos breves e sem grandes complicações de enredo. Há apenas um clímax no qual a tensão da história atinge seu auge.

Apesar de existirem diferenças conceituais entre os tipos de narrativas, neste trabalho usarei os termos histórias e contos abrangendo todo o conteúdo acima exposto a fim de evitar dificuldades de entendimento e esclarecimento do assunto abordado. No entanto, há outra forma de narrativa que apresenta características significantes, pedindo denominação diferente de contos e histórias: o mito.

Tanto as histórias quanto os mitos são muito presentes na história de cada um de nós, ora na infância ora quando nos tornamos adultos.

O que é o mito e como identificá-lo? O que é uma história e de onde ela nasce?

Fiz essas perguntas muitas e muitas vezes a mim mesma, a fim de entender o que eu percebia superficialmente, mas ainda sem clareza. Com ajuda dos próprios contos e mitos e conteúdos teóricos sobre essas narrativas, pude perceber as características de cada uma delas que, na infância, aparecem muito por meio da oralidade.

Mitos e histórias são expressões da criação humana. Essa criação necessita de referências que muitas vezes pode estar ligada ao passado pessoal ou ao passado da comunidade onde a narrativa surge. Muitas vezes a origem dessas narrativas está ligada a acontecimentos que valem pelas emoções vividas e não necessariamente pelo fato ocorrido. São emoções que tomam forma de brincadeiras e jogos para então tomarem forma de mitos e histórias. No entanto, mitos e histórias podem tomar rumos diferentes.

4.1 Os mitos

A definição de mito está sempre ligada à narrativa de uma história sagrada (ELIADE, 1998), que relata acontecimentos de um tempo primordial. É por meio de forças sobrenaturais que o sagrado pode se manifestar no mundo, e a maneira como ocorre essa manifestação, passada de geração para geração, cria o mito.

Os mitos muitas vezes aparecem como uma maneira de interpretar a natureza, procurando explicar o mundo. É como se fosse uma resposta movida por buscas interiores do ser humano, procurando responder os mistérios da existência humana, como por exemplo, a vida e a morte. E assim, os mitos nos dão acalanto.

Eles procuram explicar um fenômeno por meio da narrativa, e os aspectos que nos são desconhecidos assumem caráter mágico, nos dão a ilusão de poder explicar o universo. Esse caráter mágico, outrora, ligado aos rituais sagrados é o que mantém relação com o mito: a história é especial, sagrada, os atos são sobrenaturais assim como muitos dos seres.

Os mitos geralmente mostram uma verdade que é inquestionável e mostram destinos, fragilidades e limites do humano, mesmo que este seja um herói ou um semideus. Estes últimos, por sua vez, têm nomes e características muito claras. Em cada narrativa mitológica há um personagem principal ou mais importante, sendo dada a ênfase ao seu destino.

Há a figura do herói que, mesmo não sendo um deus ou semideus, é o diferenciador dos seres humanos e concentra força física e força de palavra. Muitas vezes ele se torna o fundador de uma nação ou região, e aparece explicitamente a luta de seus conflitos internos contra seu desejo de ser uma figura íntegra.

O espaço da narrativa mítica é geográfico e há explicação e descrição da existência das coisas. A narrativa apresenta resquícios históricos, mesmo que estes não sejam datados.

O conteúdo mitológico está estritamente ligado ao universo e às condições de existência e sobrevivência do ser humano como também a contextos sociais, procurando definir os limites da ação humana. Nas narrativas

míticas é possível perceber o efeito de comportamentos sociais que ultrapassam limites propostos: consequências terríveis diante de um ato mal escolhido.

As narrativas dos mitos apresentam hierarquias, de modo que haja controle social e ajuste das regras sociais, de modo que os seres se submetam às mesmas normas e relações. Também mostram a ambição que existe na humanidade e os riscos dos excessos (SPERBER, 2009, p.288).

Implicamente, os mitos representam os efeitos externos dos aspectos internos do ser humano e a ideia do ciclo de vida, onde este permanece apesar da morte, muitas vezes representada pelo fenecimento físico do herói.

4.2 As histórias

Elas são caracterizadas por narrativas mais simples que os mitos, e seus aspectos são mais generalizados. Têm um passado remoto, difuso, com seu percurso rodeado de muitas gerações, variações e versões. Elas estão presentes, assim como os mitos, tanto na história da humanidade quanto na história pessoal. Muitas vezes refletem as transformações e as adaptações ocorridas nos ritos e mitos ancestrais.

Essas narrativas têm o poder de reunir o presente pessoal ao passado mágico, ficcional, justamente por terem características universais.

O início do conto, geralmente com “Era uma vez...”, “Há muito tempo atrás” ou “No tempo em que...” permite que os lugares e incidentes sejam sempre renovados, pois não têm lugar e temporalidade definidos, dando pistas apenas da cronologia dos personagens: o rei, a princesa, a bruxa, a velha, por exemplo. O espaço geográfico não é definido; há apenas informações indicativas como o reino, o mar, o castelo, a floresta, e só aparecem quando são necessários à compreensão da narrativa.

Neste conteúdo de narrativa, o tempo é interno e pessoal, comum a todos os seres humanos, e a magia, em geral, corresponde às próprias forças internas, de modo que a criação feita pelo imaginário permita projeções necessárias para a superação de dificuldades.

Nos contos estão presentes os rituais de passagens, as mortes psíquicas, o renascimento da vida e a continuidade da espécie. Aqui, a morte muitas vezes simboliza a resolução de um problema, ou a ameaça da solução, e abre espaços para as forças internas e vivas do ser humano. Esse conteúdo narrativo aponta para a integração de aspectos contraditórios existentes no ser humano, de maneira elaborada e compreendida.

O mundo dos contos fala de apresentações de provas, as próprias provações e o mundo posterior a elas¹², e da predominância do amor à vida e da alegria. As características principais dessas narrativas são a função positiva de superação de dificuldades e o acolhimento, pois matiza os temores e tira a noção do medo imobilizado, principalmente para os pequenos ouvintes e leitores.

4.3 Os mitos e as histórias

Apesar de suas particularidades, mitos e histórias estão intrinsicamente ligados e o entendimento de cada uma das narrativas fez com que o ofício da contação se tornasse mais cuidadosa com os ouvintes.

Nas apresentações para crianças a preferência pelas histórias sempre foi notável. Isso acontecia porque o conto é uma narrativa simples e disponível para a criança desde muito cedo, apresenta conteúdo que faz parte do universo infantil. Para adolescentes e adultos era percebido o bom recebimento das narrativas mitológicas.

Muitos contos, como já mencionado, são desenvolvidos a partir dos mitos ou a eles são incorporados (BETTELHEIM, 1980). Apesar de ambos trazerem consigo experiências acumuladas de comunidades ou sociedades remotas, por meio da oralidade passada de geração a geração, essas narrativas são sentidas da mesma maneira para os diferentes públicos.

As narrativas míticas, sendo mais detalhadas e trazendo mais especificidades, tornam-se menos acessíveis ao universo infantil, mas, por sua vez, atraem o público juvenil e adulto. As histórias, sendo mais abrangentes,

¹² Sperber (2009) cita os três mundos dos contos de fadas: mundo anterior à provação, mundo da provação e mundo posterior à provação, todos constituintes do mundo ativo do ser humano.

permitem que a imaginação e a criatividade das crianças sejam bem vindas ao conteúdo exposto. Em outras palavras, as histórias são mais simples que os mitos, estes transformam-se em contos quando perdem sua função e narração ritualística (ELIADE, 1998). Ocorre muitas vezes, no entanto, dos contos adotarem ou transporem motivos de mitos, podendo ser os únicos a apresentarem vestígios de ritos e mitos que caíram no esquecimento (RADINO, 2003). Nesse contexto, os contos parecem refletir as transformações dos rituais e mitos ancestrais (SPERBER, 2009, p.178), mostrando que esses conteúdos não desapareceram, apenas mudaram.

Fui percebendo que, apesar das particularidades dessas narrativas, muitas vezes elas encontram-se quase que fundidas nas contações, justamente por terem a mesma essência: a criação humana. Contando pude perceber que mitos e histórias não são formas rígidas, mas possuem uma ligação tão forte, assim como intensa plasticidade, que muitas vezes chega a tornar difícil a identificação de cada uma dessas narrativas.

Penso que, quanto às suas origens, tanto os mitos quanto os contos tenham sido originados da imaginação, simbolização e efabulação¹³ coletiva e pessoal, onde narradores, muitas vezes anônimos, tornaram-se responsáveis e transmissores dessas narrativas.

Antes do ofício de contadora, eu tinha a impressão de que os mitos estavam vinculados somente aos conteúdos culturais gregos e romanos, e os contos aos países europeus e, anteriormente, ao povo celta. Apesar dessas narrativas terem sido muito difundidas pelos povos citados, aprendi e depois compreendi que qualquer povo e qualquer cultura tem seus mitos e suas histórias.

No momento em que minhas dúvidas começaram a ser desvendadas, pude seguir adiante na reflexão de como mitos e histórias tornaram-se presentes e importantes no cotidiano humano e permanecem conosco.

¹³ Para Sperber (2009), imaginação, simbolização e efabulação são recursos inatos de todo ser humano, e constituem o que a autora chama de Pulsão de Ficção.

4.4 A transmissão das narrativas

Todo ser humano é uma construção psíquica, social e cultural em seu ambiente, e os diversos códigos simbólicos organizados por meio da cultura estão presentes em cada ser: tradições, costumes, artes, religiões e linguagem, entre outros.

A linguagem apresenta grande importância para que os códigos simbólicos possam ser transmitidos de uma pessoa para outra, dentro de uma comunidade, para gerações diferentes e comunidades diferentes. É por meio da linguagem que ocorre a transmissão cultural, a qual também abrange as brincadeiras de rodas, as histórias, cantigas e mitos.

Em várias contações para crianças pude notar variações de contos clássicos. As crianças mostravam suas versões para as narrativas que eu apresentava a elas, as quais também já eram alterações de outra história. Algumas vezes as versões eram muito parecidas com as que eu sabia, outras vezes tomavam um rumo muito diferente.

Quando eu perguntava de onde vinham essas narrativas, elas diziam que os pais ou avós lhes contavam. Em outras palavras, um conteúdo cultural e simbólico havia sido transmitido a essas crianças por meio da linguagem, através de histórias orais.

A narrativa oral constitui um documento histórico vivo do passado e do presente¹⁴, é uma voz dinâmica que recebe influência desta ou daquela cultura. Desde épocas remotas, contando seu dia e acontecimentos aos próximos, falando de seus medos e anseios, o homem já se tornava contador de histórias. E quem é que sabe se daí não surgiram muitos mitos e histórias?

Mitos e contos foram criados no cotidiano pessoal e coletivo de culturas e sobreviveram graças à passagem oral de geração a geração. Somente a transmissão de conhecimentos possibilita a sobrevivência de um povo, e, graças à transmissão oral de mitos e histórias, a memória de uma cultura tem a possibilidade de criar novas ideias, de recriar o conto e de reviver o mito; o conteúdo cultural não é um depósito de informações.

¹⁴ Piza (2003) comenta que as histórias estão constantemente se atualizando e modificando em decorrência da oralidade e da dinâmica cultural.

Quando comecei a participar dos encontros de contadores, ficou claro que, ao narrar e ouvir mitos e histórias, todo esse teor passa a pertencer a todos que entram em contato com ele, que a narrativa torna-se a linguagem viva de um povo.

Há muitas informações presentes no nosso dia a dia. Muitas delas somente têm valor no momento em que são novidade, depois perdem a força. Esse tipo de informação não se conserva no tempo, não exerce força ou sensibilidade em quem a recebe. Os mitos e as histórias, por sua vez, restabelecem uma comunicação viva, mobilizam a imaginação, os sentimentos, enriquecem o espírito e dão sustentação para a continuidade de características de uma cultura. São conteúdos tão viscerais aos seres humanos que, mesmo sofrendo alterações e adaptações, perpetuam-se.

Às vezes, me pergunto se essa linguagem viva de um povo – a oralidade do contar, e o tempo e o espaço para ouvir mitos e histórias – caminha para um possível desaparecimento em decorrência de tanta tecnologia. A narrativa oral é um documento histórico vivo, tanto do passado quanto do presente, que recebe influências das mais diversas culturas. É necessário que essa linguagem tenha continuidade para manter o ser humano vivo. Se não ouvirmos e contarmos histórias como contavam os velhos contadores, teremos que descobrir tudo isso dentro de nós, em nossas lembranças, arquétipos, mitos e sonhos da infância, ou seja, voltar à descoberta de nossos mitos e histórias, porém sozinhos (PIZA, 2006, p.43).

Mesmo que a descoberta dos mitos e das histórias pessoais seja individual, é necessário que não seja perdido o caminho feito por tantos contadores e culturas nesse encontro com as narrativas.

4.5 A presença dos contadores

Nas sociedades tradicionais, os mitos eram acontecimentos sagrados e reais em que o narrador era testemunha viva dos fatos. As histórias também eram narradas como acontecimentos reais. Esses relatos davam consistência à realidade dos povos que dela participavam.

Essa expressão narrativa

é também necessidade, pois precisamos comunicar de alguma maneira como o mundo e as coisas desse mundo nos tocam, e nos sentimos conectados e participantes desse mundo, de uma coletividade. (JESUS, 1996)

Por meio dos mitos e das histórias, os povos tradicionais davam sentido à vida e aos acontecimentos relacionados a ela, conseguiam explicar o inexplicável.

O contador, mais do que melhorar a figura que transmitia o conhecimento do mito ou da história, apropriava-se dele, fazendo as modificações de acordo com seu público. Essas narrativas, se não aconteciam ao narrador, havia acontecido com algum conhecido seu: esse caráter de acontecimento real dava à narrativa o significado de importância de ser transmitido como algo sagrado.

Em várias culturas, o ato de contar histórias e mitos era algo tão significativo que tinha momento e lugar certo de acontecer. Em antigas sociedades, contar histórias durante o dia era um ato de transgressão sujeito a punições; essas narrativas aconteciam à noite, depois que os membros de uma comunidade já estavam longe do momento de trabalho e preocupações: todos estavam presentes de corpo inteiro para ouvir o que o contador trazia para cada um deles.

O momento que abarcava a narração se envolvia com rituais contra a cólera de deuses e demônios ou maus espíritos: contava-se em volta de uma fogueira ou em formação de roda ou em volta da mesa, a fim de proteger todos os participantes da narrativa, tanto contador quanto ouvintes.

Contar à noite relacionava-se com o período dos sonhos – em que mitos e histórias estavam sempre muito vinculados – e também ao momento em que era possível pensar sobre a própria existência, imaginar e criar a própria vida. O contador era a figura, muitas vezes, tida como o xamã, responsável pela transmissão de conhecimentos valiosos e sagrados para sua comunidade; suas narrativas eram consideradas vitais para os ouvintes.

Existe, até os dias de hoje, um grupo étnico chamado Toradjas¹⁵, onde a celebração de rituais e a transmissão oral são muito intensas. As histórias são transmitidas para pequenos grupos pelos contadores de histórias escolhidos entre os próprios membros da comunidade. Durante períodos de falta de alimento, os contos são os alimentos da alma, contados em momentos específicos: ao anoitecer, enquanto as mulheres mais velhas tecem fios; por meio das narrativas, elas transmitem funções e espaços sociais.

Assim como as culturas, as narrativas são dinâmicas. Há lugares em que as modificações de transmissão de mitos e histórias aconteceram de maneira diferente ao modo dos Toradjas. As sociedades mudaram, os costumes e valores também, e o mesmo aconteceu com a maneira de contar e ouvir. Em regiões da Europa, no início da modernidade, reuniões noturnas¹⁶ junto à lareira permitiam que artesãos e agricultores trocassem contos de fadas.

As transformações culturais que acompanham o ser humano podem ter modificado a maneira de narrar mitos e histórias e contribuído para suas mais diversas versões. No entanto, esse mundo de maravilhas e mistérios dos contos e mitos sempre esteve presente na vida humana, pois é pura expressão de vida.

Conhecer e compreender um pouco mais o universo de nossos antepassados contadores permitiram que eu pudesse ter olhos para outros contadores, nem sempre conhecidos e mencionados, principalmente as figuras femininas, pouco mencionadas na história enquanto contadoras.

Fiandeiras contavam histórias enquanto teciam e são representações de contos de diversas coletâneas. Como não se lembrar de Sherazade, protagonista de sua própria história e que se tornou símbolo da imagem dos contadores de histórias e representante de astúcia e coragem.

Há outras figuras, menos conhecidas e nem por isso menos importantes, como Agatuzza Messia, ama do colecionador de fábulas siciliano Giuseppe Pitré; Marie-Jeanne L'Héritier de Villandon, prima e amiga de Perrault, a qual

¹⁵ Radino conta a história dessa e outras tribos que mantém suas características de sobrevivência muito vinculadas às histórias e mitos de seus ancestrais (2003, p. 40).

¹⁶ Essas reuniões noturnas recebiam o nome, segundo Radino (2003) de Veillées. Versões antigas de contos de fadas considerados clássicos, como *Pele de Asno* e *Cinderela*, eram narrados nessas reuniões.

escreveu uma série de contos inspirada nas histórias que ouvia de sua governanta; Dorothea Wild, mãe de Dortchen Wild, que se casou com Wilhelm Grimm e lhe forneceu 36 contos para sua coleção; Annette Von Droste-Hülshoff e sua irmã Jenny, contribuíram com histórias que ouviram quando crianças para a coletânea dos Irmãos Grimm. Outra personagem, a Marquesa de Rambouillet, que, em seu leito de gala ouvia histórias, trocava notícias e criava muitos dos contos de fadas que hoje são contados às crianças.

Mulheres das mais diferentes classes sociais também têm importante papel tanto pela criação quanto pela transmissão de muitos contos que são conhecidos até os dias de hoje. Foram pessoas importantes na transmissão de narrativas a adultos, que hoje são muito conhecidas pelo público infantil.

Muitas dessas histórias e mitos contados continuam presentes em nossos dias, adaptados às características do que somos e vivemos. Acredito que mitos e histórias fazem parte de cada um de nós, estão registrados, de alguma forma, nos corpos que somos. Eles nos dão sustentação em períodos críticos, perigosos, sejam eles externos ou internos. O conteúdo mágico permanece em todo ser humano.

Mitos e histórias são conteúdos plásticos, modificados e adaptados a partir de experiências tanto de comunidades quanto pessoais, atingindo a todos: quem conta e quem ouve, nesse ciclo vital e contínuo de narrativas.

Quando criança, ao ouvir histórias de minha avó paterna, de minha mãe e tia, recriava o que ouvia, e mesmo sem saber e perceber apreendia e incorporava costumes e valores que estavam tanto nas histórias quanto em quem as contava, ao mesmo tempo que formava minhas impressões. Muito pequena, ouvi a história, a lembrança de minha avó sobre seu encontro com o Saci-Pererê. Não era uma história alegre e divertida, causava medo, e a lição apresentada era a de que não se devia mexer ou zombar daquilo que não se conhece.

Minha avó, Eufrosina de Carvalho, contava assim...

Numa noite escura de lua cheia, quando saí da casa da comadre, ela me avisou pra não passar pelo corta-caminho; era um trilhinho de um matagal, e

diziam que ali morava o Saci-Pererê, e que à noite não gostava nem um pouco de ser incomodado.

Não fiz conta do que ouvi. Com meus dois filhos, o Luiz¹⁷ e o Osvaldo, ainda bem pequenininhos, atrevi passar pelo caminho.

No meio do caminho, o ar parecia parado, e tudo num silêncio fundo de dar medo. E de repente uma ventania começou, e parecia que um redemoinho corria atrás da gente.

Fiquei com tanto medo que comecei a correr, puxando os dois pequenos pelo meio do mato, e quando achava que estava saindo do matagal, lá tava no meio dele de novo.

E assim foi acontecendo, até que eu pedi desculpas por ter perturbado quem tava zangado demais ali, e foi então que vi só os dois olhos vermelhos do Saci-Pererê e ouvi sua risada. De repente, eu tava na frente da casa onde morava.

Entrei correndo com os filhos e prometi que nunca mais faria aquilo, zombar do desconhecido.

Outra história, muito viva em minha lembrança, me foi contada por minha tia materna, Luiza Franciscatto Gonçalves:

Perto da casa onde você¹⁸ morava tinha um pasto, e nesse pasto, morava uma árvore, um ipê rosa, sempre muito afastado das outras¹⁹.

Há muito tempo ali, não sei se a sua mãe²⁰ vai lembra disso, morava uma mulher muito ruim, numa casa grande²¹, e ela era muito ruim com as pessoas.

Teve um dia que os moradores de perto, cansados de tanta maldade, pegaram e fritaram essa mulher num tacho com gordura bem quente e a penduraram num dos galhos desse ipê.

¹⁷ Meu pai, Luiz Alves Ramos

¹⁸ Minha tia está contando a história para mim.

¹⁹ Tanto o pasto quanto a árvore realmente existiam até aproximadamente dez anos atrás. Hoje, nesse espaço há uma empresa de transportes.

²⁰ Essa tia que me conta a história é irmã de minha mãe, Janete Franciscatto Alves Ramos.

²¹ A casa também existia e foi demolida há uns quinze anos.

Por isso, as pessoas não passam muito ali, tem gente que fala que ainda vê a mulher, e o ipê parece que até fica olhando pra gente. As pessoas não gostavam de passar perto daquele lugar.

Essas duas histórias, entre tantas outras, fazem parte de minhas lembranças, marcaram minha infância e me trazem algo a pensar: o cuidado com o que não se conhece, e o saber respeitar os outros. Hoje, sendo uma contadora de histórias, percebo que aconteciam os rituais preparativos para a narrativa e a transmissão cultural por meio das narrativas. Certamente não era como nas sociedades tradicionais, mas estava presente a mesma essência da imaginação, simbolização e efabulação, o mesmo preparo e cuidado para a transmissão das histórias e tudo o que elas abarcam.

Em todo lugar, os mitos, as histórias e seus narradores sempre encontraram quem os escutassem, desde os períodos mais remotos até os dias de hoje, quando da linguagem oral há o registro escrito, no desejo que a memória humana não se perca.

Além de perpetuarem-se por meio da linguagem oral, as narrativas mantêm-se presentes tanto por meio dos contadores de histórias, cada qual sofrendo e promovendo transformações de sua época, quanto pelo uso da escrita, possibilitando a herança dos conhecimentos pelas muitas gerações já existentes.

Os mitos recontados nos contos e histórias apresentam caminhos para o autoconhecimento, e o narrador, ao recontá-los, coloca suas experiências e interpretações, razão pela qual todos nós fazemos parte desse contexto, somos contadores e responsáveis pela continuidade desse mundo criativo.



5. O CONTATO COM AS NARRATIVAS PARA O PÚBLICO INFANTIL

“Onde mora o perigo também mora o que salva.”

Johann Friedrich Hölderlin

Todos nós temos implícitas as histórias que nos foram contadas, as brincadeiras apreendidas, as cantigas ouvidas que embalavam nosso sono, o brincar, a imaginação e a criatividade, tudo tão saudável e necessário a todo ser humano. São conteúdos mágicos presentes em todas as idades, condições sociais e econômicas, gêneros e culturas.

As narrativas permitem que cada ser humano entre em contato com seu mundo imaginativo, de fantasias e símbolos. Mitos e contos ajudam a compensar, até certo ponto, os medos, os anseios, as pressões da vida ou as que se originam do inconsciente (PIZA, 2006, p.85).

Se mitos e histórias são tão importantes ao permitir que os adultos efabulem e reconstruam suas histórias, no contexto infantil as narrativas são extremamente importantes e necessárias.

5.1 O surgimento da infância

Histórias e mitos, em princípio, não foram escritos especificamente para o público infantil²². Essas narrativas voltavam-se aos adultos, já que não havia o conceito de infância: o mundo infantil e a infância surgem no Renascimento - período aproximadamente entre fins do século XIV e meados do século XVI - diante de mudanças sociais e culturais²³. As crianças eram consideradas adultas somente no momento em que ganhassem força física suficiente para

²² Radino (2003) aponta detalhadamente o contexto de reformulação dos mitos e dos contos para o público infantil ao longo da história da humanidade.

²³ Ariés (1981) descreve o surgimento da infância e suas modificações em seu livro *História social da criança e da família*.

ajudar nos pequenos trabalhos domésticos e artesanais – seis ou sete anos de idade.

Até o século XIII, a adolescência se confundia com a infância, de modo a existir apenas a palavra “enfant”, ou seja, criança, mas não o termo ou a ideia de infância, e muito menos de adolescência.

Entre os séculos XIV e XV começam a surgir nomes para designar as crianças, como “valeton, garçon, fils e beau fils;”, mas é somente no século XVII que surge a denominação infância, juntamente com vocabulário e nomenclaturas específicos a ela, por meio da Burguesia. O termo adolescência surge somente no século XVIII, provavelmente na Alemanha, na época Wagneriana, por volta de 1900, tendo o entendimento de mistura entre pureza e força física.

Nos mesmos períodos em que ocorrem novas nomenclaturas e características de fases da vida do ser humano, as histórias também recebem alterações e adaptações. As histórias que conhecemos hoje e as denominamos como infantis, eram na verdade, histórias contadas para os adultos, e que, com o surgimento da infância, sofreram modificações e adaptações, tornando-se acessíveis e voltadas para esse novo ser que, reconhecidamente, surge na sociedade.

Faço essa pequena exposição histórica sobre a infância para poder dar continuidade ao que proponho neste capítulo, refletir sobre a influência de mitos e contos no universo infantil.

5.2 A fantasia no desenvolvimento infantil

Na interação com crianças de diferentes idades pude perceber que as histórias cativavam-nas mais do que os mitos, sendo esses mais interessantes ao público juvenil. Mais tarde tomei conhecimento das particularidades dos contos e dos mitos, já descritas em capítulo anterior. O conteúdo apresentado nas histórias torna-se muito atraente para a criança, pois permite que ela jogue cenicamente com o que lhe foi apresentado, motivando-a a imaginar e simbolizar. O jogo cênico permite que o pequeno ouvinte faça a passagem de um evento real e externo – no caso, a história contada – para um nível

particular e individual de figuração, o conteúdo imaginário. Ao imaginar e fazer elos com suas vivências, a criança começa a simbolizar o acontecido, dando-lhe novos sentidos.

O valor das histórias para as crianças está em dar a elas a oportunidade de poder lidar com seus conflitos, respeitando o tempo de cada uma delas (SAFRA, 2005, p.90). Com as histórias, uma criança tem condições de reconhecer aspectos da narrativa que também pertencem à sua realidade psíquica, sem, no entanto, sentir-se invadida pelo conteúdo apresentado.

Lembro que, quando criança, em meu primeiro dia na escola – na época, pré-escola – houve um início assustador. No portão de entrada, outras crianças começaram a chorar e eu, vendo aquilo, comecei a chorar também: percebi que estava saindo de um ambiente conhecido para um lugar novo, diferente.

A sala de aula era novidade, havia crianças desconhecidas, muitos brinquedos, cadeirinhas e uma professora que eu não conhecia, mal a havia visto. Tenho a lembrança de ter sido acalmada, junto com as outras crianças, ao ouvir histórias contadas por aquela professora, Rosemary Rinaldi.

Ela contou uma história que não me lembro mais qual era, mas a atitude de acolhimento ficou em minhas lembranças. Pude fazer um desenho da história que ouvi, o que me deixou muito feliz: eu tinha a liberdade de criar sobre o que acabara de ouvir e imaginar, e começava a simbolizar o que me foi apresentado.

Contar histórias é ser consciente da narrativa e suas implicâncias, e nossas atitudes são marcas. É fundamental atentar-se às características e condições infantis para uma preparação de contação de histórias.

Muitas vezes as crianças pedem para que lhes sejam contadas as mesmas histórias. Elas decoram falas dos personagens, fazem gestos e imitam o que se passa na narrativa. Na verdade elas, mais do que jogando cenicamente, repetem o jogo. A brincadeira com o imaginário vai sendo ressignificada, reunindo aspectos internos e externos, organizando sentimentos e valores que permitem que a criança simbolize e se desenvolva psiquicamente.

No período de 2002 a 2006 tive muito contato com crianças de ensino fundamental – Ciclo I – de escolas públicas. Na época, era desenvolvido o

projeto “Baú de Histórias”, em parceria com a Prefeitura Municipal de Sumaré, SP.

As atividades caracterizavam-se por sessões de contação de histórias e posterior conversa com os ouvintes. Paralelamente, no mesmo período, (estendendo-se até 2010) eram desenvolvidas sessões de contação de histórias em livrarias localizadas em *shoppings centers* da cidade de Campinas, e oficinas de formação de contadores de histórias em Serra Negra, também no Estado de São Paulo.

Nas livrarias, após a contação, aconteciam atividades arte-educativas com o público, relacionadas à história contada. Em muitos momentos presenciei o quanto as histórias influenciam e auxiliam um pequeno ser em formação. Crianças, no meio da atividade, começavam a comparar os personagens a elas mesmas ou a pessoas que lhes eram conhecidas; faziam comparações dos lugares das histórias com os lugares que gostariam de estar, e então relatavam o que acontecia em suas casas, contavam seus medos e aflições. Houve momentos em que pais, que participavam frequentemente das contações, relatavam que determinada história tinha influenciado muito o/a filho(a).

Quando lecionei para os pequeninos do ensino fundamental, costumava contar histórias que auxiliassem nas atividades de Educação Física. Eram histórias curtas que levavam os alunos a pensarem sobre o trabalho em grupo, a alegria em fazer amigos, a importância de participar sem a preocupação em ganhar. Em outros momentos as histórias eram contadas sem a intenção que as atividades de aula se seguissem, a proposta era justamente cantar cantigas, ouvir e contar histórias. Esses acontecimentos eram sempre bem vindos pelos alunos, que também contavam suas histórias.

Pude sentir e acompanhar mudanças que aconteceram com meus alunos: brilhos de esperança em seus olhos, a motivação de mudar, o desejo de superar dificuldades, a alegria em conseguir participar. Pude compartilhar das entregas dos alunos às histórias, quando uns procuravam o colo de outros para ouvir e cantar, sem qualquer preocupação, e era um dos momentos que eu mais gostava: presenciar a despreocupação e o relaxamento de meus alunos.

Contava histórias aos alunos como “Belinda, a bailarina” (Amy Young), “Funiquico e siricutico no mosquito” (Jonas Ribeiro), “O grande rabanete” (Tatiana Belinky), “A menina que não tinha medo de nada” (Tônio de Carvalho), “Chapeuzinho Amarelo” (Chico Buarque), “Dorotéia, a centopeia” (Ana Maria Machado), “Maneco Caneco Chapéu de Funil” (Luís de Camargo), “Maria-vai-com-as-outras” (Sylvia Orthof), “Marilu” (Eva Funari), “Nicolau teve uma ideia” (Ruth Rocha), “O presente de aniversário do marajá” (James Rumford), “O rei da fome” (Marilda Castanha) e “O rei que queria alcançar a lua” (Heloísa Prieto).

Essas histórias mediavam nossas conversas e auxiliavam no caminhar de cada um que tive a honra e a felicidade de poder compartilhar momentos.

5.3 Histórias para espantar o medo e que proporcionaram mudanças

Muitas vezes, no contato com crianças e adolescentes, surgiam dúvidas por parte deles e minhas explicações não conseguia tocá-los. Eram questionamentos sobre separações de pais, as dúvidas sobre a morte, o medo de crescer, as curiosidades do que é ser adulto, as angústias de sentir-se apaixonado. Todos temas que me eram apresentados, principalmente no ambiente escolar. Como conversar sobre tudo isso de maneira lógica? Seria difícil, e acredito que as respostas não seriam suficientes e talvez suscitassem ainda mais dúvidas.

Qual era o caminho, então? Recorri às narrativas. Por meio delas não eram dadas respostas, mas eram mostradas possibilidades e caminhos para que cada um encontrasse sua própria resposta, a mais íntima e verdadeira possível. As conversas aconteciam, mas eram as histórias que norteavam e auxiliavam as questões que surgiam. As narrativas foram instrumentos pedagógicos porque transmitiam, por linguagem simbólica, o auxílio a esses ouvintes na aquisição de conceitos, compreensão e assimilação da realidade.

5.4 Lembranças que marcaram

Relato agora dois acontecimentos onde as narrativas proporcionaram significativas mudanças nos pequenos ouvintes.

O primeiro foi há alguns anos, numa oficina ministrada por mim para professores da cidade de Assis, SP.

Uma participante que era professora relatou sua dificuldade em contar histórias para seus alunos, crianças com idade entre sete e oito anos. A classe, segundo ela, apresentava dificuldades de comportamento e de trabalho em grupo e não aceitavam as leituras que lhes eram oferecidas. Disse que sua participação ali era a busca de novas tentativas. Ao longo da oficina, todos do grupo trocaram ideias e mais uma vez a professora relatou o fracasso ao tentar contar histórias para a classe. Aquele era o dia em que denominaram “o dia do descobrimento do contador de histórias”, quando seriam apresentadas as histórias escolhidas por cada um, com os conteúdos de preparação corporal.

Passados dois dias, a professora expôs sua experiência, emocionando a todos do grupo. Disse que, vestida diferentemente dos dias ditos por ela como normais de aula, ela entrou na sala com uma longa saia e com um passarinho de artesanato em um dos dedos da mão. Conta que havia composto a sala numa disposição diferente da habitual, com carteiras e cadeiras num canto e tapete com almofadas em outro. Ao entrar na sala falou aos alunos que aquele dia ela era contadora de histórias, e começou a narrar, interagindo o tempo todo com seu amigo de histórias, o passarinho de artesanato.

Disse que foi algo mágico: todos participavam e interagiam nas histórias, conversaram com o passarinho e deram nome a ele. Ao final das narrativas, dispostos em roda, os alunos expressaram seus sentimentos e emoções, fizeram desenhos, encenaram personagens e pediram que houvesse mais momentos assim. Depois de algum tempo, a professora me relatou que havia contação de histórias toda semana, num dia determinado, em que o grupo já vinha preparado para um dia diferente. Disse também que o ambiente da sala começava a mudar, os alunos começavam a se aceitar e trabalhavam em grupo e estavam mais dispostos a interagir nas atividades das aulas.

O segundo acontecimento deu-se com um aluno meu, pré-adolescente. Por seu comportamento considerado agitado por grande parte do corpo docente da escola, ele era considerado um menino de difícil interação, sem compromisso e que atrapalhava as aulas.

Aos poucos procurei pesquisar e saber sua história de vida, a qual me comoveu muito por ser tão sofrida e solitária para um garoto em tão tenra idade. Ele não conhecia seu pai, e sua mãe era viciada em *crack*, e se mudara para a cidade de Santos, SP, deixando o garoto com a avó materna. Esta, de origem muito humilde, era coletora de latinhas de alumínio e, mesmo presente nas reuniões de pais, dizia não ter tempo e disposição suficientes para o neto. O irmão gêmeo do garoto havia se mudado com a mãe. Certo dia, no início de uma das aulas de Educação Física, disse aos alunos que contaríamos histórias, podendo fazer encenações sobre seus enredos. Num determinado momento, esse aluno interrompeu minha fala, dizendo que se identificava com um personagem cuja história estava em andamento; disse que o personagem era um vilão assim como ele. Aproveitei para dar uma pausa na história e perguntei à classe se cada um poderia pensar um pouquinho na história e o que fazer com ela. E em seguida esse aluno fez o seguinte comentário: “Talvez o vilão não tenha um final feliz. Podemos mudar o final da história?”. Os alunos concordaram e todos ajudaram a construir um novo rumo da história, com um final feliz.

Quando a aula estava terminando, o aluno me chamou num cantinho e disse que, assim como o vilão da história, ele achava que também poderia mudar seu modo de ser. E antes de terminar seus estudos no Ciclo I do Ensino Fundamental, ele estava diferente: tornara-se mais tranquilo consigo mesmo, participativo e alegre, e gostava de ler histórias.

Essas lembranças que exponho aqui são para contar que as histórias são possíveis e necessárias de serem contadas. Todo contador é semeador e incentivador de buscas e encontros.

As histórias possibilitam sensações e emoções nas crianças, as quais nem sempre elas têm contato. Para quem conta, é importante se colocar no lugar delas ao fazer a doação das narrativas, perceber o que elas demonstram sentir e seus ritmos.

5.5 A atenção e a concentração das crianças para com as histórias

Fato que, muitas vezes, grande parte dos adultos esquece ou ignora, é o ritmo de concentração e observação da criança, bem como sua maneira de entender e apreender conteúdos que lhe são apresentados. Fomos crianças e, às vezes, nos esquecemos que a infância é uma fase de descobertas, aprendizagens e medos e, que os pequenos, mais do que compreendidos, precisam ser acolhidos.

Embora, algumas vezes, a criança possa parecer alheia ao que está acontecendo, ocorre o contrário, ela está muito atenta ao que se passa ao seu redor. Ao participar da contação a criança vai entrando na história e muitas vezes ali vê o que tanto lhe aflige. Pelas histórias ela tem a possibilidade e o acolhimento de se deparar com problemas que muitas vezes não consegue dizer. Ela pode não demonstrar o que acontece com ela no momento da narrativa, pode até parecer alheia ao que lhe contam, mas demonstra a interação com a história em outras situações, como nas brincadeiras, nos desenhos, nos comentários com amigos ou até familiares. As histórias são as metáforas que ajudam nas descobertas de caminhos para o imaginário, a elaboração, a simbolização e novas narrativas.

Quando comecei o ofício de contar histórias, de maneira consciente, em 1998, presenciei alguns desses momentos em que os pequenos ouvintes pareciam estar alheios à história contada: eu não entendia o que estava acontecendo. Aos poucos, fui percebendo que é preciso respeitar o ritmo dos pequenos ouvintes e que eles me ensinam muito. De maneira tão sincera e transparente, crianças mostram suas possibilidades e seus limites, permitem que as auxiliemos em seus desenvolvimentos.

5.6 A fantasia no desenvolvimento infantil

As histórias não são as únicas possibilidades para auxiliar no desenvolvimento infantil. Como são bem aceitas pelas crianças, formam um contexto dentro das possibilidades que auxiliam esse desenvolvimento.

Muitas vezes, por meio do conteúdo das histórias, a criança consegue se manifestar e expressar o que lhe aflige. Nem sempre uma criança fala o que se passa em seu interior. Pela história contada, há possibilidade da criança agregar-lhe significados e valores pessoais, e a história pode motivá-la e auxiliá-la a se expressar. A criança também recebe a motivação para manifestar-se na imitação ou criação de um personagem ou apresentação de uma música, onde a letra mostra o que ela está sentindo: ela desenvolve o jogo cênico e assim faz suas ressignificações.

São manifestações sutis e delicadas que a criança muitas vezes manifesta, de acordo com seu mundo, que, sem dúvida, precisa, antes de ser compreendido, ser respeitado.

Somos movidos pela fantasia: ela é nosso combustível interno. Winnicott (1987) diz que, para que um bebê sobreviva, ele fantasia para superar suas angústias de bebê, como fome e dores, o corpo começa a descobrir-se. Quando criança, fantasiamos para, de alguma forma, realizar nossos desejos, enfrentar nossos desafios e para afastar nossos medos. Já adultos fantasiamos nossas vidas e damos nomes ao que nos aflige.

Em todas as fases de vida, a fantasia está presente. Creio que sem as fantasias, seríamos assolados por nossas angústias. Os conteúdos fantasiosos são muito presentes nas histórias, portanto, as narrativas podem auxiliar as crianças justamente porque são metáforas que elas conseguem entender e vão ao encontro do que elas sentem. Com auxílio dos contos, as angústias, os medos, os anseios e desejos tornam-se possíveis de compreensão na linguagem da criança, e então surgem possibilidades para que ela consiga entender o que se passa internamente.

Sendo linguagem acessível ao mundo infantil, os contos conseguem mostrar às crianças muitas questões humanas que elas já vivenciam, e que, no entanto, às vezes não têm condições de verbalizá-las (RADINO, 2003, p.117).

Os contos emprestam às crianças o cenário da fantasia, para que ela possa imaginar, simbolizar e dar novos significados para seus conflitos, além de permitirem que elas adentrem o conteúdo social e cultural onde vivem. Ao contar histórias para uma criança, os saberes de quem conta tornam-se impulsos imagéticos, simbólicos e culturais para que ela desenvolva a capacidade imaginativa, simbólica e efabulativa.

É preciso pensar na criança como ser em formação: ao mesmo tempo ela não é nem um corpo vazio, sem conjuntura interna, nem é o corpo cheio, conhecedora de linguagem simbólica abrangente, ela está aprendendo, incorporando, vivenciando a capacidade de imaginar e simbolizar. E não podemos esquecer que a criança aprende muito por meio da emoção e da afetividade. Essas subjetividades é que darão forma à linguagem infantil, permitindo que os desejos se expressem, sejam perguntados os mistérios das coisas no mundo.

Nós adultos, conforme crescemos, geralmente perdemos muito da nossa criança interior. Sinto que essa perda nos faz mal, precisamos voltar às nossas raízes, reaprender a ser simples e a olhar com encanto as grandezas da vida que se mostram em pequenas coisas.

Os temas que desencadeiam as histórias em sua grande maioria não se encontram no mundo real, mas fazem parte do jogo imaginário e fantasioso da criança. Nesse ambiente, desejos e medos, muitas vezes assustadores para ela, são projetados e encontrados facilmente nas narrativas. Por meio do conto, esses conteúdos que assustam são amenizados, pois apresentam, de maneira sutil e delicada, caminhos possíveis em sua revelação consciente. Para a criança, essa maneira de apresentação do conflito – e seu entendimento – é eficaz porque se torna menos dolorosa do que uma explicação lógica, e surge de acordo com as condições psicológicas do pequeno ouvinte.

E assim, o “conta mais uma vez” permite que a criança faça suas ressignificações de acordo com seu tempo psíquico. O pedido de contar mais uma vez se torna um instrumento para que a criança se aproprie de suas emoções e possa elaborá-las. A partir daí, ela poderá recontar sua própria história, brincando e encenando com sua realidade interna: ela aprende a simbolizar e, conseqüentemente, a expressar seu conteúdo interno.

O conhecimento e desenvolvimento da criança se dão por meio das relações que ela estabelece com o mundo²⁴. Ela vai construindo seu jeito de ser no mundo. A criança parte em busca de respostas e descobertas quando algo lhe falta, e por meio dos contos, assim como brinquedos e brincadeiras, cantigas e outras possibilidades que lhe sejam interessantes e acolhedoras, ela fará a ponte entre o conteúdo imagético e a realidade, o elo entre o mundo interno e externo.

O infante, diante de suas próprias características internas, não compreende o mundo com olhos racionais como o adulto, sua lógica é outra. Seu mundo é diferente do mundo adulto, sua maneira de compreendê-lo é outra, por isso, a imaginação e o mundo fantasioso têm papel fundamental nessa mediação entre o eu e o outro.

Por isso as histórias se fazem presentes, importantes e necessárias. É por meio da linguagem das narrativas do mundo mágico que ocorre a conexão com o processo de simbolização e efabulação, ambos fundamentais para que cada ser humano possa viver. A linguagem das histórias pode auxiliar justamente porque apresenta representações psíquicas da realidade, no modo em que a criança consegue entender.

Nós fomos física e psiquicamente crianças, sabemos o quanto essa etapa de vida é ao mesmo tempo mágica e frágil. É preciso que cuidemos das crianças que estão a nossa volta com carinho e respeito, respeitando seu tempo e seu mundo. É preciso que lhes contemos histórias.

²⁴ Palangana (1994) aponta para o desenvolvimento infantil de acordo com a Teoria de Desenvolvimento Infantil de Vygotsky, em que a criança se aprende e se desenvolve de acordo com o meio em que vive e interage.



6. A LINGUAGEM DO CORPO QUE CONTA

"Uma história é maneira de contá-la."

Joseph Campbell

Cada um de nós se expressa no mundo à sua maneira. Experimentamos, vivenciamos, aprendemos, sentimos, estabelecemos relações sociais e nos relacionamos com tudo o que há em nossa volta, com o que nos envolve, com o que nos toca.

Somos corpos que interagem e se relacionam. Os corpos que somos se comunicam: gestos, posturas, expressões, voz, atitudes. Somos indivíduos diversificados e únicos em tantos grupos sociais, e a comunicação corporal anuncia um leque aberto de possibilidades.

Somos seres perceptivos. A percepção nos abre para o mundo "como uma projeção de um ser para fora de si" (FURLAN; BOCCHI, 1996). Nossas linguagens estão intrinsecamente vinculadas aos corpos que somos, é um conjunto que faz parte do comportamento de cada ser. Eu consigo compreender o outro na medida em que consigo assumir suas expressões como podendo fazer parte das minhas expressões, dos meus gestos corporais, do meu comportamento²⁵.

A comunicação está intrinsecamente vinculada ao corpo que, por sua vez, apresenta conteúdos que estão vinculados a fatores culturais, como nossos costumes, nossas crenças, nossas comidas e vestimentas, a maneira de pensar e agir, entre tantas outras coisas mais. A cultura é a identidade de um povo, expressa por ele por meio de corpos e suas mais diversas manifestações. É todo esse conjunto que caracteriza um grupo, suas regras e seus rituais, onde se forma uma série de protocolos que se expressa a outras culturas e grupos sociais.

Quando contamos histórias ou mitos, não estamos somente narrando, na verdade, estamos transmitindo uma série de informações que, mesmo sem

²⁵ Os pesquisadores Reinaldo Furlan e Josiani Cristina Bocchi (1996) fazem, em seu artigo, uma reflexão mais detalhada e profunda sobre corpo, linguagem e expressão, baseados nos pensamentos de Merleau-Ponty.

intenção consciente, são transportadas de contador para ouvinte. O corpo é ser, e ao contar histórias é preciso ter a apreensão de que corpo não é coisa, mas fenômeno expressivo, que aprende, ensina, sente e interage.

Ao nos expressarmos para alguém, apresentamos nossas intenções, significamos algo para o receptor, assim por diante. Estamos constantemente recebendo e expressando signos e significados. Cada um de nós se expressa e transmite tais expressões enquanto corpo que é.

Expressando, indicamos também nossos estados afetivos, costumes e origens (RECTOR; TRINTA, 1990). A comunicação se dá justamente quando há significação expressa na conduta de um corpo indo ao encontro do que o outro corpo entende.

Corpo é estrutura complexa, formada de ossos, músculos, nervos e tendões, camadas e camadas de pele, sincronias de estímulos e respostas. Por outro lado, é também o ser e sua mais profunda maneira de expressão.

Ser corpo é nossa mais profunda forma poética. Conhecer quem somos, com olhar profundo, acolhedor e próximo, é descobrir que não somos matéria e espírito, não há separações. Ser corpo é ser tudo o que somos.

Contar histórias é ação de corpo íntegro, que expressa, fala e dialoga com o outro e com o próprio contador. A objetividade e a intuição são caminhos de uma essência, o corpo permite que essa unidade ocorra, ele é a única possibilidade para que essa unidade se faça (JESUS, 1996). Posturas, gestos, diferentes intensidades de movimentos, tensões, voz, vestuário, intenções e desejos, medos, enfim, tudo interfere, interage e participa do processo de comunicação durante a contação. Todos esses elementos constituem uma forma de contar. Entretanto, para contarmos histórias precisamos nos alimentar de exercícios preparatórios que antecedem a contação, permitindo que a substância perceptiva corporal nos traduza o conhecimento da narrativa encarnada. Para tanto, descrevo na sequência seguinte algumas descobertas referentes a minha percepção. É um caminho pessoal que descrevo e que permitiu que eu me descobrisse contadora de histórias, e que permite sempre novas possibilidades.

6.1 Os exercícios preparatórios como (re)descobertas

Se pensarmos nos contadores de causos, os predecessores dos contadores de histórias, perceberemos neles uma forma, aparentemente simples, de contar ou de narrar oralmente um assunto. Para mim, contudo, é cativante justamente por se apresentar com tanta simplicidade. Ao mesmo tempo, considero a maneira mais difícil de contar, pois, o contador precisa estar totalmente entregue à narrativa e em interação com ela, sentir o momento em que é narrador ou personagem, mudar a entonação da voz e diferenciar suas posturas com clareza. Ele é – e somente ele – o fio condutor do conto, a porta de entrada para o mundo imaginário e simbólico de seu público ouvinte. Percebendo essa aparente simplicidade, os exercícios e as dinâmicas desenvolvidos nos encontros de formação de contadores de histórias foram de grande valia às minhas (re)descobertas.

Quando comecei a contar histórias, senti o quanto era difícil transmitir informações de maneira consciente e intencional. A apreensão e o medo faziam com que palavras direcionassem uma atitude, e gestos ou posturas caminhassem pelo lado oposto, causando tremenda confusão. É preciso descobrir o corpo que conta. Os encontros de contadores me auxiliaram nessa contínua caminhada.

O primeiro acontecimento dos encontros, após os abraços, era o relaxamento. Era muito importante porque permitia sentir-me corpo. Era possível perceber a pulsação por completo e procurar acalmar o ritmo.

Depois começavam os exercícios preparatórios para as apresentações das narrativas escolhidas. Eles não aconteciam na mesma sequência escrita aqui, e nem todos eram realizados em todos os encontros. Todos, porém, muito preciosos, e que serão descritos em capítulo adiante.

Logo que fui cativada pelo ofício de contar histórias, percebi que é necessário leveza e entrega total ao ato, preparando a narrativa que será doada ao ouvinte.

Para mim, contar histórias está intimamente ligado ao teatro, à dança, à pintura e à música, assim como também na preparação corporal é importante

para cada uma dessas linguagens também, na contação é preciso conhecer o corpo que se expressa ao narrar histórias.

Todos os exercícios e dinâmicas que expus fazem parte dos chamados trabalhos de preparação corporal, onde novas propostas de ampliação da linguagem corporal são possibilitadas, de modo que o contador de histórias ganha nova percepção e conhecimento de si e sua atuação. Essa preparação corporal envolve elementos da dança, da música, do teatro e muitas imagens. Com esses recursos cada contador vai descobrindo sua maneira pessoal de contar. Toda preparação é um ponto de partida e um fio condutor, mas nunca um ponto de chegada, porque novos caminhos sempre são descobertos por cada um que conta.

Acredito que quando o contador vivencia e incorpora elementos da dança, da música, do teatro e das artes plásticas, percebendo as sensações e emoções afloradas por eles, sua atuação se faz muito mais verdadeira, intensa e penetrante. Esses elementos estão presentes na expressão do contador justamente porque convidam o corpo que conta a imaginar, simbolizar e criar. Ocorre a expansão do horizonte de experiências e sensibilidades, o contador se estabelece como próprio e autêntico, íntegro e sem artificialismos. A partir de então, conto e contador se relacionam porque se tornam intrinsecamente ligados, são um só.

Também observar a apresentação de outros contadores de histórias é como perceber a sua presença em cena. Essa presença é uma forma de aprendizagem que estimula a preparação corporal de outros aprendizes de contação. Aprender com outros contadores, é um grande e importante momento de apreciar como o corpo emana a memória e as lembranças. Assim, desabrocha a corporeidade das histórias, revelando a mais pura expressividade.

6.2 Aprendendo com os contadores

É uma felicidade apreciar contadores de histórias se apresentando. A vivacidade das histórias alimenta minha essência contadora. Sempre aprendo com eles. É essencial que estejamos abertos às aprendizagens, sem nos

massacrarmos com nossos erros ou nos aprisionarmos somente no conhecimento teórico.

Três acontecimentos foram importantes para que eu pudesse compreender melhor a necessidade da preparação corporal do contador.

O primeiro ocorreu comigo ao contar histórias para o público infantil em uma feira de livros.

Certa vez eu estava contando e na apresentação usei um colar colorido que, para mim, combinava com as histórias que havia preparado. Nesse mesmo evento usei um batom no tom vermelho escuro. Tais escolhas, aparentemente simples, influenciaram muito na contação. Muitas crianças focavam a atenção no colar e na cor do batom. Algumas queriam fazer comentários sobre o colar, quebrando assim o ritmo de interação durante a apresentação.

Depois, o acontecimento deu-se quando presenciei a contadora de histórias Ângela Café se apresentando num congresso de Educação Física. Quando ela começou a apresentação parecia que o mundo havia parado para mim. Falas, gestos, posturas, o corpo da contadora era inteiramente um convite para adentrar os mistérios do que ela contava. Ela era o fio condutor que levava cada ouvinte ao universo imaginário individual. Era possível ver e vivenciar internamente cada momento do que ela contava e expressava. Foi um momento mágico e único.

E por último, o caso é referente a um escritor que fazia o lançamento de seu livro e ia narrar histórias numa livraria. Após breve conversa com o público que o aguardava ansiosamente - inclusive eu - o escritor disse: "Vou contar uma história". Falando assim, abriu o livro sobre a mesa, debruçou-se sobre ela e olhou para o público ao dizer o título da história a ser narrada. A partir de então foi como se o público não existisse mais, pois não lhe foi direcionado qualquer outro olhar ou atenção, o escritor parecia narrar a história para si mesmo. Tive a sensação de que outras pessoas tiveram a mesma opinião, e logo vi que algumas se afastavam do local, assim como eu o fiz também. Foi como se o público tivesse sido excluído do ambiente da contação.

As contações que mencionei acima permitiram que eu aprendesse muito com as observações, podendo assim refletir e expor meus comentários pessoais.

6.3 Aprendendo com as observações

No primeiro exemplo é clara a minha dificuldade em não possibilitar ao ouvinte sua imersão no mundo fantástico. Havia elementos que chamavam a atenção do ouvinte mais do que a história: o colar colorido e o batom vermelho. O ofício do contador de histórias é acolher o ouvinte delicadamente e levá-lo até a história, para que ele próprio a veja, sinta e viva tudo o que lhe é apresentado.

Não quero com isso deduzir que o contador não pode utilizar-se de enfeites ou adornos, mas que é preciso atentar-se para a atenção do ouvinte, colocar-se no lugar dele para tentar perceber o que ele vê e sente, sua sensação diante do contador, exercício que naquele momento não exerci.

No segundo exemplo surge a contadora como mediadora entre o universo fantástico e o ouvinte. Tudo que era apresentado parecia convidar quem via e ouvia a criar as próprias imagens e ambientes da história. Essa apresentação, sem dúvida, foi trabalhada, refletida e elaborada muitas vezes antes da última etapa do processo de criação da história: a apresentação ao público.

O terceiro exemplo ajuda a refletir sobre a importância de ser consciente de que em qualquer forma ou situação, interagimos com o mundo e transmitimos algo a ele, mesmo que seja o contrário do que pretendíamos expor. Não é a intenção aqui, julgar ou criticar a situação que mencionei, mas atentar sobre a necessidade de atenção que o contador tem que ter: ele interage sempre com o ouvinte, de uma maneira ou de outra.

Nossos gestos, posturas e comportamentos muitas vezes equivalem a palavras e frases, entretanto, nem sempre o ser humano percebe o corpo que é. Nossa cultura separa corpo e alma como se fossem entes em oposição (MATURANA, 2000).

O corpo não é apenas um veículo, antes, constitui percepção e expressão humana. E expressão significa trazer à luz, exprimir, pois o corpo, não sendo um instrumento, é a própria pessoa (TISI, 2004, p.53).

Pude perceber, nessas observações de contação, o quanto eu não sabia do corpo que sou, e o quanto os trabalhos de preparação corporal auxiliam nesse processo de descobertas e redescobertas pessoais.

6.4 O corpo narrador

Em muitas atividades corporais nas disciplinas de graduação tive sensações nunca sentidas antes, pude perceber o quanto cada um de nós se expressa de corpo inteiro. Eram sensações que traziam à tona muitos sentimentos e emoções. O choro era certo, era a maneira de deixar transbordar o que não era possível conter.

Nossos corpos são nossas memórias e lembranças presentes no mundo. É maravilhoso descobrir e acordar quem somos ao trilhar o caminho de contar histórias e mitos. Ao contar, o corpo e suas linguagens se interagem, trazendo à tona experiências e emoções internas, permitindo contato entre mundo interior e mundo exterior. As sensações e experiências de quem conta se manifestam, tomam forma e a narrativa abre caminhos para a interação com o ouvinte (PIZA, 2006, p.74).

O corpo que conta precisa manifestar-se como um todo. O que o contador sente necessita ser o que ele fala e faz. Ele é a testemunha viva do que narra, sendo fundamental acreditar naquilo que está expressando. O corpo que conta é o mesmo que sente.

Na maioria das oficinas ministradas frequentemente havia tensão nos participantes devido ao cansaço do dia, ao estresse acumulado, às condições emocionais e psicológicas de cada um e às limitações pessoais. A fala de separação entre corpo e mente se revelavam. Assim, como se passou comigo nos encontros do Grupo Manauê, no início de cada dia de oficina havia o momento do relaxamento. Era motivada a possibilidade de cada participante sentir, perceber e se permitir enquanto ser expressivo. Em seguida eram

realizadas massagens em grupo e somente depois eram iniciados os trabalhos corporais e as técnicas de contação de histórias.

Cada participante começava a manifestar-se de maneira que nunca havia sido percebido antes, permitindo assim o próprio desabrochar e a descoberta do contador de histórias em cada um.

Para Café (2000, p.74), cada contador tem linguagem corporal própria e individual, a marca de suas experiências, de sua cultura, da sua atuação no mundo e sua história, bases de sua existência. Há uma linguagem comum, com o mesmo significado, mas também há uma linguagem que, mesmo sendo semelhante, é própria, tanto para quem conta quanto para quem ouve: a forma de vivenciar o mundo é própria de cada sujeito em sua individualidade.

Todas as vezes em que os participantes das oficinas mergulhavam para as descobertas corporais, havia muita emoção no ambiente, e eu via a cena pessoal se repetir: corpos sensíveis em lágrimas, felizes por sentirem-se íntegros, completos. Momentos assim sempre me emocionam. É algo único, onde cada participante torna-se íntimo de si mesmo, acolhido e acolhedor. A palavra corpo passa a ter outro significado, tão individual quanto cada pessoa.

Acredito que o corpo é nosso conteúdo interno palpável, sempre repleto de emoções, sentimentos e individualidades. É fundamental ter clara a manifestação corporal como meio de comunicação do contador, ela é muito rica.

Há, porém, outra maneira de expressão do contador: a representação. É importante que o contador também se volte para ela, muito estudada na dança e no teatro. Assim como o ator e o dançarino, o contador utiliza-se tanto da sua linguagem cotidiana quanto da linguagem representativa. A contação pede essa preparação, sem deixar que a atuação pareça artificial. O corpo contador conduz a história, ele é o mediador entre o ouvinte e a narrativa que se apresenta, precisa estar preparado para isso.

Quem conta, além de ser testemunha dos fatos, dá vida a eles. O que é narrado para o ouvinte é sempre real e acontecido, e o contador dá seu relato com detalhes, procurando dar consistência à realidade daquilo que narra.

Quando o contador associa a linguagem cotidiana à linguagem de representação, encontra lembranças pessoais e vai misturando-as com o que

narra, criando uma forma íntegra de contação (PIZA, 2006, p.48). Contar “O Teatro de Sombras de Ofélia” possibilitou a mistura dessas linguagens, onde enredo e baú pessoal de histórias se misturaram: tornaram-se conteúdo da história e conteúdo pessoal.

Para mim é muito evidente que quando contamos já não somos mais a mesma pessoa, porque algo muda em nós. Quando descobrimos o corpo que somos, resgatando os mitos e as histórias, voltamos às nossas lembranças e às cantigas, damos sentido aos nossos sonhos e despertamos para a vida. O ofício de contar torna-se então uma grande e longa jornada de criação e experiência.

Quando o contador entende suas linguagens e passeia pelas formas de expressão, compreende seus potenciais e limites, reconhece os recursos e elementos expressivos dos quais poderá desenvolver na preparação de sua contação. Essa conscientização corporal permitirá que o repertório próprio do contador ultrapasse sua expressão cotidiana²⁶, aflorando mais criatividade e autenticidade em suas ações.

Todo esse contexto está intimamente ligado ao grau de doação e ao envolvimento do contar histórias no dia a dia do contador. Para mim, o envolvimento com as histórias é cotidiano, acontece a cada instante, e a cada narrativa desenvolvida vou me entregando mais e mais a esse universo tão acolhedor.

6.5 O processo pessoal de preparação das narrativas

Contar histórias implica em ser simples e equilibrado, mas pede que a preparação corporal, a imaginação e a criatividade caminhem de mãos dadas. Tudo faz parte da comunicação do contador.

Quando comecei as primeiras preparações de mitos e contos, as lembranças do que foi vivido nos exercícios e principalmente as lembranças

²⁶ Na oficina Mímesis Corporea ministrada pelo ator e Prof. Dr. Renato Ferracini e nos conteúdos de aulas do Prof. Dr. Adilson Nascimento de Jesus, ambos desenvolvem exercícios e técnicas corporais que visam o surgimento da expressão corporal de maneira que ultrapassa a linguagem corporal cotidiana.

das emoções tornaram-se muito presentes, porque abarcam um contexto atemporal, sempre acessível.

O corpo que conta sabe o caminho a ser percorrido na preparação da narrativa, a memória é ativada, as lembranças são resgatadas e novamente sentidas. Corpo é memória e lembrança viva. Eu voltava a lembrar da avó e dos pais contando histórias, via e sentia as histórias ouvidas. E continua sendo assim.

Nesse processo de preparação, necessito de lugares que não me são cotidianos e apresentam menor exposição de pessoas, como bosques, lugares onde eu possa ouvir o vento, sentir o cheiro da terra e das árvores, escutar o barulho do riacho, ver e sentir a natureza viva e dinâmica. Lugares assim permitem minha conexão com partes do sonho descrito no início desta dissertação: a entrada da caverna, o lugar em que no sonho não adentro, pois sou chamada a voltar para o barco.

Então posso adentrar a caverna tão silenciosa: o encontro comigo mesma. É nessa caverna que me vejo criança, adulta e anciã ao mesmo tempo, posso sentir o que há de mais sombrio que me é conhecido, assim como o que tenho de melhor. É nesse lugar atemporal que encontro meus medos, minhas angústias, minhas raivas, meus desejos, minhas alegrias, minha paz. É meu caldeirão de bruxa, e o fogo que ferve tudo o que está contido nele é o que me move: energia pura, indescritível e inacessível com palavras, figurativamente é o meu coração pulsante e o que está no caldeirão é meu sangue, é o corpo que sou.

Essa caverna é minha fonte, ao mesmo tempo acolhedora e perigosa. Acolhedora por permitir que eu sinta o que sou, aberta a me receber. Perigosa por ser o lugar onde eu possa perecer. Esse lugar interno é como a casa da Baba Yaga que é adentrada pela pequena Vasalisa²⁷, norteadas por sua boneca que simboliza a intuição.

Sinto que é esse caminho, como o de Vasalisa, que faço ao entrar em minha caverna. E assim como a personagem, consigo sair com um pouco do fogo que ilumina meus passos no caminho de volta, guiados pela intuição. A caverna é meu lugar de resgate, repouso e abastecimento.

²⁷ Conto apresentado logo no início desta dissertação.

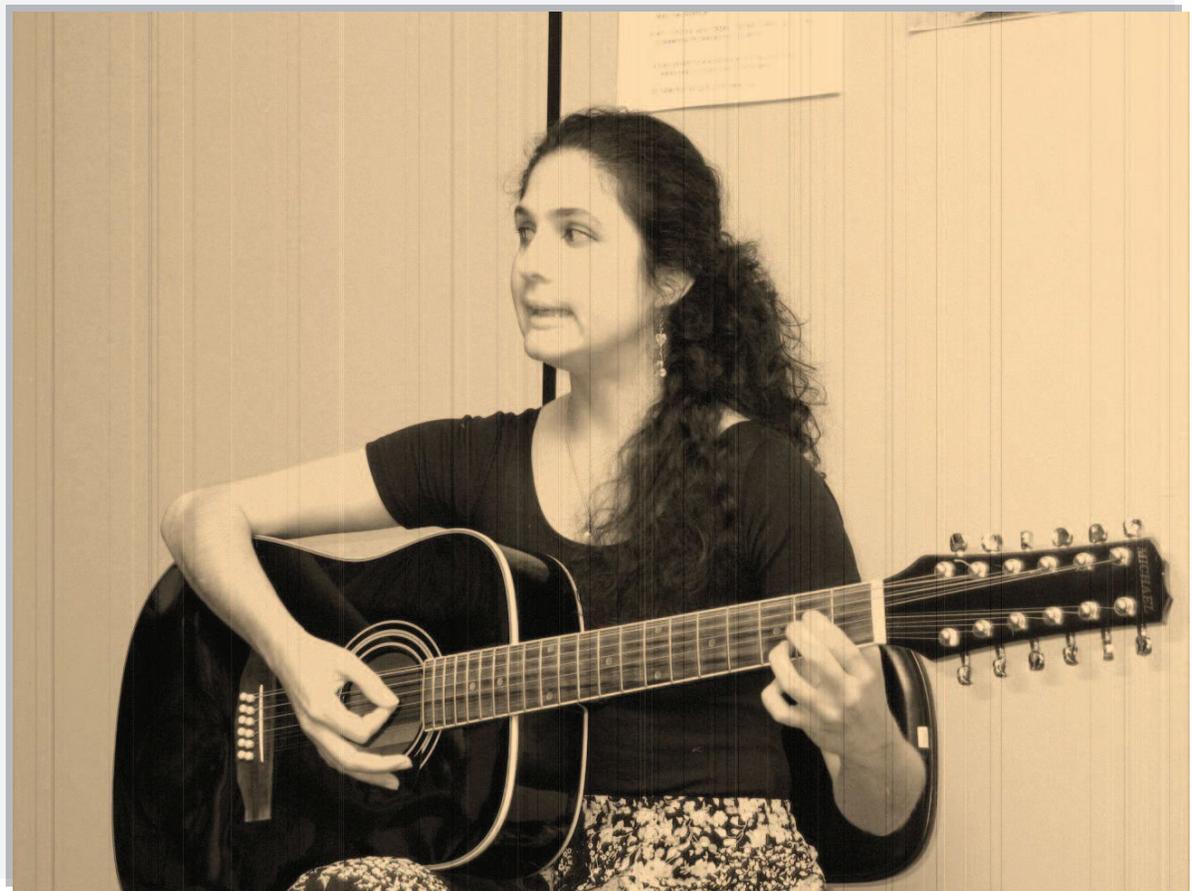
Quando essa etapa se finda, quando saio da caverna e volto à realidade, danço, imito, canto, faço meus jogos cênicos e a história começa a ganhar corpo, começa a expressar-se e os personagens surgem. Reconto a narrativa a mim mesma, quantas vezes forem necessárias, até que ela e eu finalmente nos tornemos uma só, até que eu pertença a ela e ela faça parte de mim. E então ocorre a doação ao público.

Esse é meu processo de preparação das narrativas, por meio dele tenho claro o que se passa comigo: procuro resgatar as lembranças, os sentimentos e as emoções, principalmente de infância, para então mostrá-las ao mundo.

A lembrança das histórias da infância é importante, assim como a lembrança das sensações corporais que eu tinha ao ouvi-las. A percepção do que eu vivenciava, minha memória corporal é o que permite que eu volte às narrativas que ouvia quando pequena. Muitas vezes me pego lembrando do gesto ou da postura de quem me contava a história: oralidade e corpo caminhavam juntos, são uma coisa só.

Creio que os conteúdos aqui expostos podem auxiliar e nortear toda e qualquer pessoa que queira contar histórias, mas não deve ser entendidos como teor inflexível. Ao contrário, são apenas estímulos para a ampliação de descobertas e possibilidades para a manifestação de contar histórias e a capacidade transformadora do entendimento de corpo e sua interação com o mundo.

Acredito que todos somos contadores de histórias em diferentes contextos sócio-culturais e cada corpo é narrador dotado de muitas histórias. Mas para que tenhamos um aprimoramento, relacionado aos contadores que tomam isso como uma profissão, é preciso preparar-se para (re)descobrir histórias, desenterrá-las, e resgatar nestas a sensibilidade para escavar a própria história.



7. MITOS E HISTÓRIAS NAS OFICINAS DE CONTAÇÃO

“Quando a história está em sua mente, você percebe sua relevância para com aquilo que esteja acontecendo em sua vida. Isso dá perspectiva ao que lhe está acontecendo. Com a perda disso, perdemos efetivamente algo, porque não possuímos nada semelhante para pôr no lugar. Esses bocados de informações, provenientes dos tempos antigos, que têm a ver com os temas que sempre deram sustentação à vida humana, que construíram civilizações e enformaram religiões através dos séculos, têm a ver com os profundos problemas interiores, com os profundos mistérios, com os profundos limiares da travessia, e se você não souber o que dizem os sinais ao longo do caminho, terá de produzi-los por sua conta. Mas assim que for apanhado pelo assunto, haverá um tal senso de informação, de uma ou outra dessas tradições, de uma espécie tão profunda, tão rica e vivificadora, que você não quererá abrir mão dele.”

Joseph Campbell

O mundo imaginário e o ato de se expressar fazem parte de um campo presente na vida de todos nós: as nossas próprias histórias. Em todos os povos há mitos e contos onde se buscam valores e referências (SAFRA, 2005, p.24). Essas narrativas aparecem acompanhando a humanidade, através dos tempos, como meios, por exemplo, educativos, medicinais, religiosos, filosóficos, lúdicos.

As narrativas nascem com o próprio homem. O ser humano, ser criativo que é, necessita desse conteúdo mágico para procurar ou entender sobre sua própria existência: cada ser humano é uma história. Criamos mitos e contos, assim como as religiões e as ciências criam seus recursos para desvendar a existência e o sentido da vida²⁸.

Todos nós contamos e ouvimos histórias. Precisamos ouvir e contar para significar a vida, procurando descobrir quem realmente somos.

O que pude perceber é que nas preparações das narrativas, antes de narrar para os ouvintes, narro para mim mesma. Não é um simples narrar, é algo mais profundo.

²⁸ Radino (2003) faz reflexões sobre a necessidade das narrativas, das ciências e das religiões na vida humana.

No trabalho de preparação de “O teatro de Sombras de Ofélia”, mencionei que pude encontrar na história conteúdos que me mobilizavam internamente, e que foi muito preparo até que eu conseguisse contar a história sem chorar.

O que antes eu não entendia – e agora começo a compreender – é o fato de que, ao repetir uma história ou mito várias vezes, ocorre um jogo imaginário e simbólico, que é interno e de grande poder. E como isso acontecia, acontece comigo e com cada um de nós?

A pesquisadora Suzi Sperber (2009) relata que quando algo sofrível ocorre ao ser humano, ele procura substituir o sofrimento pelo seu apaziguamento, por meio desse jogo imaginário e simbólico. Esse jogo permite que algo real e externo passe para o nível de figuração particular e pessoal, ou seja, imaginário. A partir daí, o sujeito passa a elaborar o acontecido e o projeta para um novo evento ou acontecimento (no caso, efabular, contar a história acontecida), podendo condensar nesse novo caso, os acontecimentos vividos no passado, agora, de maneira elaborada e, de certa forma, vitoriosa. O ser humano tem a capacidade de simbolizar, transformando o acontecimento vivido que lhe foi desagradável.

Esse processo que mencionei recebe o nome de Pulsão de Ficção²⁹, e ocorre por meio da imaginação, da simbolização e da efabulação, ou seja, a capacidade inata que o ser humano tem de narrar o que lhe foi acontecido, porém, com outro olhar sobre o fato, o olhar ressignificado.

Quando cito que a história “O Teatro de Sombras de Ofélia” foi um marco em meu ofício de contadora, é por que, mesmo sem saber nomear, eu passava por esse momento de ressignificações pessoais. Ela me conduziu às minhas entranhas, até que eu conseguisse elaborar fatos vividos que me foram marcantes, e por meio da imaginação, eu conseguisse simbolizar a mim mesma na história: era o conto mostrando minha história de outra maneira. “O Teatro de Sombras de Ofélia” e eu nos tornamos um único ser, inseparável.

Acredito que essa possibilidade de imaginar, simbolizar e efabular não se encontra presente só nas narrativas, mas também no jogo cênico do teatro,

²⁹ Sperber (2009) relata de maneira mais detalhada, em seu livro, sobre a Pulsão de Ficção e seus três componentes: imaginação, simbolização e efabulação.

na dança, na música e nas artes plásticas. Essas linguagens expressivas permitem que o ser humano dê ressignificados à vida.

Antes de apresentar uma narrativa ao espectador, quem o faz apresenta a si mesmo, quantas vezes forem necessárias, até que a preparação ali presente ganhe significado interno. Isso transpõe o que é visível aos olhos, pois fala ao coração. Por isso é que entre outras manifestações expressivas humanas, os mitos e os contos, de certa forma, respondem aos mistérios da vida e aos problemas humanos, sustentam a humanidade e mostram o que é comum aos homens: sua condição humana.

Creio que fica mais fácil entender o quanto essas narrativas permitem que compreendamos um pouco da nossa existência, desde nossas origens. Permitem que entendamos o que nossos antepassados foram, pensavam, acreditavam e simbolizavam, assim como possibilitam que simbolizemos, criemos e procuremos respostas e aconchego que nem sempre o mundo lógico e real supre.

Para Severino Antônio³⁰ “ouvir e contar é uma das paixões mais radicalmente entranhadas em nosso destino.” O conteúdo imaginário e simbólico das narrativas motiva nossa capacidade de sonhar e criar, tanto individual quanto coletivamente, possibilita que cada um de nós, possa viver imaginariamente a história de uma civilização, de uma cultura e até da humanidade inteira, como vemos nos contos de criação, presentes em todas as civilizações e culturas.

Como já havia dito sobre civilizações que, em períodos de dificuldades e escassez de alimentos, alguns povos procuravam as histórias para manterem-se vivos, alimentavam suas almas com histórias, não tenho dúvidas de que esses povos buscavam significados emocionais e simbólicos para sobreviver.

Presentes na vida humana, histórias e mitos apresentam-se muito semelhantes às de povos tradicionais. Seus conteúdos abarcam todo o contexto de vida humana, não só de maneira temporal e cronológica, mas também psicológica e metafórica.

³⁰ Apud. PIZA, 2006 (p. 8). Prof. Dr. Severino Antônio Moreira Barbosa, docente do curso de Mestrado em Educação – UNISAL. Obra não citada em Piza (2006).

Nossa identificação com mitos e histórias é de tamanha grandeza, que neles encontramos nossos ciclos de vida, nossos sentimentos e emoções, nossas ações, nossos medos e nossas capacidades, nossas próprias respostas e capacidades de reagir perante tempos difíceis.

7.1 Nas oficinas de formação de contadores

Ao escrever estas páginas lembro-me de oficinas realizadas com educadores das regiões de Campinas, Hortolândia, Sumaré, Indaiatuba, Vinhedo, Valinhos, Serra Negra, Monte Alegre do Sul, Assis e Capivari, cidades do Estado de São Paulo.

Parte dos integrantes apresentava-se desmotivada, mais do que com sua função profissional, com a própria vida. Ouvi muitos relatos sobre o vazio interno e a tristeza de não haver qualquer expectativa de novos horizontes.

Conforme as atividades eram desenvolvidas, as histórias escolhidas por cada um e apresentadas ao grupo, eu percebia, ainda sutil, uma significativa mudança nos encontros. Geralmente no terceiro encontro³¹ era clara a mudança nos participantes, eles mesmos percebiam e relatavam: vinham mais dispostos e felizes, sorridentes e com ideias para apresentação de histórias. Tornava-se grandiosa a doação e a entrega ao que estavam fazendo.

Em todas as oficinas, o penúltimo encontro era repleto de relatos de transformações e (re)descobertas pessoais. Os participantes mostravam-se radiantes e diziam que haviam traçado novos motivos em suas vidas e em seus ofícios de trabalho. Relatavam que ao trabalharem com as histórias que haviam escolhido para contar, na verdade, buscavam e haviam encontrado muitas respostas e significados para o que sentiam, elaborações para seus conflitos internos.

Mais do que dar um sentido à vida, é preciso saber que se está vivo, promovendo experiências que permitam internamente o encontro com o verdadeiro prazer de viver. (CAMPBELL, 2003). Pessoalmente, acredito e sinto

³¹ Cada encontro de formação de contadores de histórias era composto de quatro horas. A oficina era realizada em cinco encontros.

que mitos e contos são fios condutores que nos levam a entender a grandeza da vida, a importância de ser no mundo e para com os outros.

Os temas apresentados tanto nos mitos quanto nas histórias tratam de nós mesmos, promovem a externalização de nossas belezas e feiuras. Mostram o que está dentro de nós, permitem que experimentemos nosso interior de sensorial: nas narrativas nos é dada a possibilidade da percepção do que nos é íntimo e pessoal, permitem que sintamos no mundo exterior nosso mundo interior, nossas almas.

Acredito que por tudo isso, contos e mitos estão presentes na vida de cada um de nós, desde nosso nascimento. A chegada de cada ser humano é uma história a ser contada por ele mesmo, história que vai dando vida a outras histórias. Somos todos contadores.

Ser contador é dar passagem a outras histórias por meio da própria. Por isso considero tão importante e vital a continuidade do ofício dos contadores de histórias e das narrativas. A experiência interior de quem conta traz à tona a intensidade de sentimentos e emoções que ultrapassam tempo e espaço, e as narrativas contadas ganham outra dimensão, a de preciosidade.

7.2 Descobertas e aprendizagens nas oficinas

Mitos e histórias são nossas preciosidades atemporais. São nossos anciãos conselheiros, nos mostram caminhos.

Em algumas oficinas, houve relatos de participantes achando que, tanto nos mitos quanto nas histórias, só havia o crescimento do personagem principal diante de dificuldades que lhes eram impostas.

Campbell (1990, p.VII) relata o mesmo argumento: “no contexto de mitos e histórias à vida humana, só a privação e o sofrimento abrem o entendimento para tudo o mais que se esconde”. Comentários assim levaram a todos os envolvidos nas oficinas a ver e pensar sobre esse questionamento: menos é mais.

As narrativas estão aí, presentes a todo instante, assim como o ar que respiramos e nem nos damos conta. Édipo Rei, a lenda do Santo Graal, João e Maria, Cinderela, entre tantos outros mitos e histórias encontram-se nos

nossos dias, em personagens de histórias em quadrinhos e desenhos animados, em filmes e em lugares que nem sempre percebemos.

Realmente, muitos personagens de contos e mitos têm grande desenvolvimento e aprendizagem após vivenciarem momentos de grande estresse emocional, e a partir de então procuram respostas e buscas para o que são e o que fazem, caminhos que dão sentido às suas vidas. Creio que esse acontecimento possibilita elos de identificação para com o leitor ou expectador, pelo que já foi falado sobre a pulsão de ficção.

Tanto conto quanto mito apresentam, em sua maioria, mesmo que por caminhos e significações diferentes, o desenrolar do grande momento de estresse dos personagens principais, onde os mesmos superam as dificuldades apresentadas e tornam-se vitoriosos.

Exemplos como os contos “O patinho feio”, “João e Maria”, “Cinderela”, mitos como os de “Édipo Rei”, a “Lenda do Santo Graal”, e desenhos como “O rei leão”, “Mulan”, “A bela e a fera”³², apresentam esse contexto de resolução e superação de problema ou conflito. Acredito que este seja um elo forte, o ponto de identificação para quem está ouvindo a narrativa ou vendo o desenho.

A ideia apresentada de resolver ou superar a dificuldade dada na história por meio do personagem, traz esperança e orientação ao leitor, permite que haja expectativa, apontando que o momento de dificuldade também é um período de grande aprendizagem e crescimento individual.

Nossas dificuldades e separações – situações muito comuns nos contos, mitos e cantigas – fazem parte da nossa existência. A pesquisadora Glória Radino (2003) comenta que nessas narrativas há conteúdos de separação, de morte, desamparo, os quais, desde o nascimento, são constituintes da condição humana, e são fatores importantes para nossas elaborações e simbolizações.

Nesse caminho de reflexão, tanto nas oficinas quanto em momentos mais solitários, percebi o quanto estamos distantes de contadores tradicionais, os contadores de causos, nossos antepassados, assim como estamos longe das conversas ao redor da fogueira, das narrativas ao pé da mesa. Muitas

³² Tais exemplos de mitos, contos e desenhos foram citados por serem conhecidos por amplo público, geralmente citados por pessoas que participam de oficinas e contações de histórias.

histórias mudaram e outras formas de se comunicar surgiram. No entanto, apesar de todo o avanço tecnológico que nos cerca, o conteúdo dos mitos e das histórias continua a nos auxiliar, estando ele em sua forma mais próxima do original ou não.

O que mantém mitos e histórias vivos? Suponho que seus conteúdos preservam suas funções de existência: o teor inconsciente e universal, permitindo que cada um de nós possa imaginar, compreender e contar nossas próprias narrativas, que já foram de outros e provavelmente farão parte dos que virão.

Todos nós precisamos contar mitos e contos, e entender que com essas narrativas somos contadores e criadores de nossa própria história e necessitamos, mais do que entendê-la, dar significados a ela.

Esse é o maior tesouro que todos encontramos nas oficinas de contar histórias: nós mesmos.



8. AS OFICINAS DE CONTADORES DE HISTÓRIAS: PROPOSTAS DE (RE)DESCOBERTAS

*“Sempre corri atrás de mim como uma criança
atrás de um balão levado pelo vento.
Eu era o vento e não sabia.”*

Alexandre Brito

O percurso no ofício de contar histórias é longo e contínuo, como uma narrativa que, no entanto, não tem fim.

Como contadora de histórias, tive momentos em que trilhei o caminho de narrar sozinha, em outros momentos estive muito bem acompanhada. No início desta dissertação mencionei o grupo Manauê, que foi fundamental para a minha descoberta pessoal de contar histórias. Fiz minhas andanças solitárias para narrar, depois de um tempo comecei a desenvolver atividades ao lado da Profa. Dra. Ana Elvira Wuo³³, também contadora.

Muitas oficinas aconteceram, e em cada uma delas era eu quem aprendia, e muito. Os participantes apresentavam suas dificuldades e todo o grupo chegava a respostas e descobertas. Com a contadora Ana Elvira pude entender melhor o universo do contar histórias, e continuo aprendendo muito.

Durante as oficinas apareciam relatos de inseguranças e medos iniciais dos participantes em contar histórias. É que, após reflexão e muita ajuda, foi elaborado um conjunto de ideias, presente nas oficinas de contadores de histórias. Esse conteúdo foi desenvolvido através de observações tanto individuais, enquanto as oficinas aconteciam, quanto em interação com a professora Ana Elvira.

Em nossas interações e reflexões pudemos interagir com áreas acadêmicas como Educação Física e Artes Cênicas, e elaborar e desenvolver

³³ Docente da Faculdade Metrocamp Campinas, SP e Universidade São Judas Tadeu, em São Paulo, SP. É atriz, clown, diretora teatral, Bacharel em Artes Cênicas-UNICAMP, Mestre em Estudos do Lazer-FEF UNICAMP, Doutora em Pedagogia do Movimento-Corporeidade FEF-UNICAMP e Pós-Doutora em Linguística – IEL-UNICAMP. É contadora de histórias.

vivências, atividades e exercícios com o objetivo de auxiliar a preparação corporal do contador, apresentando-lhe, assim, um meio de interação com elementos de dança, música, teatro e artes plásticas.

Em algumas apresentações em escolas e palestras para professores e estudantes do curso de Pedagogia da Faculdade Vêris Metrocamp Campinas, percebíamos certa ansiedade e temor por parte dos ouvintes. Muitas vezes, professores nos diziam que gostariam muito de contar histórias a seus alunos, mas não sabiam por onde começar. E foi diante de exposições como essa que levantamos o questionamento: há processos pedagógicos ou metodologias que permitem o desenvolvimento sensível e corporal para o despertar do contador de histórias, consciente de sê-lo?

No contato com alunas da disciplina lecionada pela Profa. Dra. Ana Elvira Wu, do curso de graduação em Pedagogia da mesma faculdade, tivemos retorno de conteúdos apresentados a ela sobre o ato de contar histórias.

A interação dessas alunas com o material didático e pedagógico proposto reforçou o que pensávamos: esse suporte é importante e necessário.

Ressalto que, em momento algum tivemos preocupações ou objetivos de buscar respostas fechadas e concretas ao elaborar um conteúdo pedagógico e didático. Ao contrário, as inquietações surgiram da necessidade de compreensão mais clara do contexto do ato de contar histórias e das questões e dificuldades apresentadas pelos participantes de oficinas. E foi a partir de então que meios foram pensados, criados e elaborados, com caráter dinâmico e flexível, a fim de auxiliar toda e qualquer pessoa em sua (re)descoberta de contador de histórias, para sentir-se segura e tranquila ao narrar.

Neste capítulo faço as exposições e considerações sobre esse material criado a partir das oficinas partilhadas com a professora Wu, nas quais parte deste experimento inicial foi publicado em forma de capítulo de livro e artigos, os que estão referenciados na bibliografia deste trabalho.

8.1 CRITÉRIOS A SEREM SUGERIDOS PARA A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

8.1.1 OBJETIVOS A SEREM PENSADOS PARA A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Desenvolver a criatividade do ouvinte participante em conteúdo multidisciplinar.

Como as histórias possibilitam acesso ao desenvolvimento criativo, é possível relacionar seus conteúdos às diversas e diferentes áreas de conhecimento, como também às mais variadas maneiras de se expressar.

Estimular a troca de experiências entre os ouvintes participantes da história apresentada.

É justamente aqui que se promove a continuidade da preservação dos contos e mitos: sua transmissão oral que possivelmente os ouvintes fazem ao contá-la a seus parentes e amigos.

Incentivar a leitura de maneira lúdica, prazerosa e criativa.

Mostrar ao participante que ler é gostoso e que pode trazer muitas informações e surpresas, promove a descoberta de um mundo imaginário e criativo, o qual pode ser transmitido à realidade por meio de desenhos e pinturas, músicas, poesias, expressões teatrais, expressões corporais, invenções de brincadeiras e brinquedos. Quem lê descobre que a história e a leitura são mediadores para novas possibilidades e descobertas pessoais.

Estimular no ouvinte o desejo da leitura e acesso ao texto impresso.

Por meio do contato com a história contada, transmitida oralmente, mostrar a importância e a gostosura tanto de ler quanto ouvir histórias: são acessos aos conteúdos imaginários e simbólicos de quem lê, ouve e vê.

Promover vivências e conhecimentos culturais diversos.

Por que não fazer uma feira de livros, ou de culinária e objetos, ou exposição de desenhos e outras expressões artísticas relacionadas às contações realizadas? Todo esse ambiente facilitador e acolhedor promove a busca pelo saber em todos os envolvidos nas histórias contadas.

Divulgar a importância de contar histórias.

Vista a possibilidade de realizar diversas atividades relacionadas às histórias contadas, é interessante ressaltar para o espectador a importância de seu papel na propagação dos contos e tantas manifestações de conhecimento e criatividade relacionados a eles.

8.1.2 LOCAL E DESENVOLVIMENTO

Não há como negar a necessidade de local e espaço adequados para a contação de histórias. Lugar e espaço devem ser criados, organizados e adaptados, caso seja necessário. De uma sala pequena de escola, com tapetes e almofadas a um espaço aberto, qualquer dos dois é um ótimo lugar para a contação, desde que o ambiente ao redor não cause interferências negativas para a atividade.

Para o contador, a busca por lugares diversificados e abrangentes é importante e deve ser contínua: é uma maneira dele descobrir sua “marca pessoal” e os meios de envolver seus ouvintes no universo das histórias.

8.2 HISTÓRIAS A SEREM CONTADAS

Quem narra precisa ter claro que as histórias apresentam informações que estão nas entrelinhas do enredo. Essas informações podem estar vinculadas:

- à transmissão de valores;
- ao autoconhecimento;
- à memória cultural;
- à Educação e maneiras de como é entendida a leitura;

- à descoberta de manifestações culturais;
- ao lazer, etc.

Cabe ao contador perceber o que cada história apresenta subjetivamente em seu conteúdo, pois o mesmo será transmitido ao seu ouvinte. Por isso, ressalto mais uma vez o cuidado que deve haver ao preparar as narrativas.

Importante também é não excluir a informação sobre a faixa etária do público, para que o mesmo não se sinta desmotivado ou não acolhido pelo contador.

Para um público misto – quando há alguma atividade ou evento que envolva pessoas além dos alunos – vale a pena pensar em histórias que cativam o público de maneira geral, como aquelas em que os pais também possam interagir de maneira mais ativa (cantando, respondendo alguma pergunta ou completando parte de frases, tendo algum papel na história).

Também podem ser contadas as histórias que sabemos, por informação oral, que os pais costumam – ou costumavam infelizmente – contar para seus filhos: os contos clássicos.

8.2.1 AUXÍLIOS PARA A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

É de essencial importância que o contador identifique-se com a história que irá contar. Ela precisa mobilizá-lo de alguma forma. Costumo dizer que é um “amor à primeira vista”: o contador encanta-se com ela e quer contá-la.

Delimitar o público predominante, as adaptações necessárias e a melhor técnica para o momento também são fatores que devem ser pensados e trabalhados por quem conta. Por exemplo, não ajudará muito escolher o uso de dedoches – uma das técnicas que será mencionada mais adiante – para uma contação ao ar livre com um grande número de ouvintes. É preciso que os fatores mencionados estejam em harmonia entre si e com quem contará o conto.

Todo o conteúdo de uma história é sempre muito importante, mas nem sempre é adequado a uma sessão de contação, e por isso, considerar enredo,

personagens principais, secundários e supérfluos, cenários e mensagens, é de grande significado para uma boa história contada.

Da mesma forma que um músico instrumentista seleciona uma obra entre tantas de determinado compositor e a desenvolve para uma boa interpretação, o contador precisa adequar a história de maneira que esta seja bem apresentada ao seu público. Por isso, a importância dos ouvintes terem contato com a obra ao final da contação, para que possam ver, ler e entender as ideias de seu criador, o autor.

8.2.2 ENREDO DA HISTÓRIA

Sempre que lemos ou ouvimos uma história, percebemos que há um sentido em seu caminhar: o enredo nos acolhe, nos leva em seu percurso até o clímax, e então nos apresenta o desfecho tão esperado.

Introdução: O conteúdo introdutório de uma história é muito importante, já que é ele quem dá as informações e pistas que acompanharão o ouvinte por toda a narrativa: tempo, espaço, personagens e paisagens que compõem a história, ambiente e estados psicológicos dos envolvidos.

Enredo: É responsável por capturar o ouvinte. Às vezes o enredo aparece de forma muito empobrecida, de modo que o contador tem que preenchê-lo com informações que parecem supérfluas e então lançar mão de sons e vozes diferentes, posturas e gestos, música, ou outro elemento que julgar necessário para ajudar na narrativa. Outras vezes o enredo é tão rico em detalhes que o narrador precisa “limpar” o conteúdo, ou seja, escolher o que será importante para acompanhar o ouvinte durante a contação. No entanto, torna-se essencial que o contador não perca os acontecimentos e sucessões dos episódios contidos na história contada.

Clímax: É ponto culminante de emoção, a parte mais forte da história, quando todos os fatos e informações até então contadas levam a um desfecho.

Cabe ao contador dosar a quantidade de emoção que será apresentada ao público, por isso, a importância do preparo antecipado da história à contação.

Conclusão: É o desenlace da história, sua parte final. Não há necessidade, por parte do contador, em terminar a história rapidamente, de maneira brusca: estar atento ao ritmo do ouvinte é a melhor resposta para se terminar uma história. Ainda faz parte, cativá-lo, deixando aquele gostinho de “quero mais”, deixá-lo atraído para outras histórias que poderão ser procuradas por ele mesmo.

Cada vez mais vamos percebendo como é necessário que haja a identificação do contador com a história, para que todas essas etapas descritas sejam desenvolvidas da melhor maneira possível: com leveza, segurança e naturalidade, e acima de tudo, convicção por parte do contador, de que tudo realmente é verdade. É essa ligação que tornará importante o desenvolvimento da sessão de histórias.

8.2.3 AS ADAPTAÇÕES

As adaptações variam muito de uma história para outra. Algumas narrativas exigem grandes adaptações, outras nem tanto. Há histórias que não precisam de adaptações por apresentar conteúdo claro e conciso, adequado a uma apresentação.

Tomo por exemplo “O caso do bolinho”, de Tatiana Belinky. Particularmente, vejo essa história tão completa que não é necessário qualquer tipo de adaptação, e ao mesmo tempo ela permite que se usem gestos diferenciados, música e vozes diferentes.

Para as histórias que pedem adaptações, vale lembrar que o tipo de técnica a ser empregada para a história contada está estritamente relacionada à adaptação que será feita, e vice-versa.

Por exemplo:

a) A técnica de uso de marionetes pede muito diálogo, e assim, o enredo da história precisará ser rico em conversas;

- b) A técnica do uso do livro necessita a habilidade de entonação de voz e expressão facial para que o público se envolva com a narrativa;
- c) O uso da simples narrativa como técnica exige gestos, movimentos e marcações de espaços precisos. Há necessidade maior de trabalhos de expressão e conscientização corporal e o desenvolvimento de laboratório de observações: prestar atenção em diferentes vozes, posturas e gestualidades, “marcas” pessoais nas pessoas para auxiliar na construção de personagens.

8.3 CORPO QUE CONTA

Se pensarmos nos contadores de causos, nossos predecessores, notaremos que a narrativa direta, oral é a primeira maneira, mais original e aparentemente simples de se contar histórias, e, no entanto, para mim, a mais difícil por ser tão simples e ao mesmo tempo cativante do começo ao fim: o contador de histórias precisa estar totalmente entregue e em interação com ela, tem que saber e sentir o momento em que é narrador ou personagem, mudança de entonação de voz e postura pedem clareza, e o contador precisa ser consciente de que somente ele é o fio condutor da história, a porta de entrada do mundo imaginário, mágico e simbólico para seu público ouvinte.

Como já há no capítulo “O corpo contador e suas linguagens” a reflexão sobre o corpo contador de histórias, creio que é desnecessário fazer a repetição do que foi exposto.

8.3.1 ATITUDES QUE AJUDAM NA INTERAÇÃO E PARTICIPAÇÃO DO PÚBLICO

Ao contar histórias, quem narra não deve esquecer que não basta sua figura na contação, a figura do ouvinte participante é igualmente importante. A sessão de histórias contadas só acontece havendo contador e ouvinte, e existindo a interação e harmonia entre eles. Por isso, alguns cuidados e atitudes proporcionam uma contação prazerosa e valiosa.

A conversa informal antes da apresentação

Essa é sempre muito bem vinda! Ela ajuda a diminuir a ansiedade dos ouvintes, principalmente quando esses são pequeninos. Perguntar ao público o

que ele acha que irá acontecer, se gosta de ouvir e contar histórias, quais acham que serão apresentadas, é o primeiro acolhimento necessário.

Também vale a pena apresentar-se e, havendo curiosidade do público, contar como surgiu o interesse próprio por contar histórias: começar contando a própria história. Sugiro ao educador-contador que fale um pouco do ambiente em que a história se encontra, por exemplo, se for trabalhar com contos folclóricos de uma determinada cultura. Por que não falar um pouco sobre ela e aguçar a curiosidade do ouvinte?

Disposição do público e local da contação.

Em meu ponto de vista, o contador de histórias é sempre acolhedor, e ficar atento à disposição do público faz parte desse acolhimento. Deixar os ouvintes à vontade, e quando chamá-los para perto, fazer como se fosse um convite, evitando o constrangimento, é uma das maneiras de organizar a disposição da plateia participante.

Considero que, antes de seguir normas – elas ajudam, mas não podem ser flexibilizadas? – é mais prazeroso observar o próprio estilo e o do público, entender o que ele está pedindo para que assim todos se sintam bem.

O local da contação deve permitir acomodação aconchegante a todos os ouvintes. Não precisa ser um espaço requintado, mas que permita que o ouvinte sinta-se acolhido e protegido, como se estivesse em sua própria casa: é importante lembrar que a história contada atuará nos ambientes simbólico e imaginário, os quais pedem cuidado e proteção.

A possibilidade de um tapete no chão e algumas almofadas permite que o público encontre a melhor posição para interação. Havendo pessoas com limitações ou alguma necessidade, é saudável acomodá-la de maneira adequada, aquela em que a pessoa sinta-se bem.

Outra chamada que acredito ser de grande cuidado: lugares em que ruídos ou estímulos externos possam atrapalhar a contação. Diante do que já foi exposto neste trabalho, fica claro que o público precisa de um espaço seguro para o mergulho no mundo imaginário, protegido das “invasões” externas.

Horário e tempo da contação.

Informações e características prévias do público são fundamentais para que o contador organize a atividade, o melhor horário para seu início e o seu tempo de duração. Se a contação estiver vinculada a outros eventos torna-se viável considerar os primeiros horários para o seu desenvolvimento, pois o público encontra-se com maior grau de atenção e relaxamento corporal.

Interações e interrupções do ouvinte.

Tanto nas interações quanto nas interrupções é preciso o manejo ao indicar alguma manifestação ou reação ao ouvinte: um gesto, um sorriso, um olhar, tudo isso auxilia na sinalização para com o ouvinte, principalmente quando a situação interfere de maneira negativa na contação.

No entanto, a atitude do contador deve ser sempre sutil, evitando o constrangimento de seu público. O contador de histórias necessita ser consciente de que ouvintes, principalmente os pequenos, costumam interagir e interferir nas histórias apresentadas.

Assim, o educador deve pensar previamente nas possibilidades de atitudes que poderá tomar nas interrupções, para que durante o desenvolvimento da atividade, não haja nem quebra do ritmo da história nem a exclusão do ouvinte que intervém.

Geralmente a criança, ao ouvir uma história, costuma contar algo que é do seu universo particular. Se o contador ignora a informação, o pequeno ouvinte poderá continuar insistindo em querer contar aquilo que deseja muito falar. Aqui, a proposta é que o educador ouça o pequeno ouvinte com atenção, procurando delimitar um tempo para que o mesmo se expresse e, usando a informação do que seu ouvinte disse, faça uma ponte, um elo entre essa informação e o conteúdo da história.

Tempos atrás, durante uma contação numa livraria, um pequeno ouvinte – o garoto devia ter uns seis anos – disse, no meio da história, que havia ganho uma bola. Num primeiro momento fiz um sinal gestual de alegria e surpresa para ele, e dei continuidade à contação.

Não demorou muito tempo, o pequeno levantou a mão, e então pausei a história, usando gestos e posturas para indicar silêncio ao público ouvinte, e ao voltar o olhar para o garoto, este disse: “Você sabia que eu ganhei uma bola?”

Minha estratégia foi a seguinte: perguntei como era a bola desse garoto, e logo após ouvir as informações dele, disse que o personagem da história que eu estava contando também tinha uma bola como a dele, e o pequenino teve uma atitude de espanto. Reafirmei o que tinha dito, e fui dando continuidade à contação: foi uma maneira de mostrar ao pequeno ouvinte que ele e sua bola eram importantes e também uma maneira de “enlaçar” esse ouvinte, trazendo-o novamente à história contada.

Tais situações são muito comuns de acontecerem, e com o tempo, o educador-contador vai aprendendo com o ouvinte e descobrindo a sua própria maneira de trazê-lo de volta à história. Contar histórias é sempre uma descoberta e muita aprendizagem!

8.3.2 SEGURANÇA E NATURALIDADE

Neste trabalho tenho ressaltado o valor do preparo contínuo do educador-contador de histórias. Leituras e exercícios de preparação corporal, laboratório de observação e muita persistência são fundamentais para que as histórias fluam com naturalidade e o contador sinta-se seguro com seu público. Se ele está entrosado com o assunto, sem dúvida alguma dominará a técnica que escolheu e estará preparado para contar.

Tenho o hábito de dizer que contar histórias é um trabalho solidário, mas preparar histórias é um trabalho solitário: quem conta carece descobrir-se, mesmo que participe de um grupo de contadores. Estará consigo mesmo ao preparar uma narrativa.

Às vezes é difícil começar a desenvolver uma história para contá-la, principalmente seu início. Como ajuda, percebo que decorar as partes principais – pequenos trechos de frases – além do fim, é uma maneira de diminuir o nervosismo inicial como também um auxílio para que a mensagem não seja perdida e conseqüentemente, não aconteça a conclusão esperada daquilo que se contou.

Outro exercício que auxilia na segurança e naturalidade é o contar em voz alta, de preferência para outra pessoa, percebendo a própria entonação da voz e a velocidade das palavras.

Contar na frente de um espelho grande também é um bom auxílio: quem exercita pode prestar atenção em seus próprios gestos e fazer um equilíbrio – o que os contadores de histórias chamam de “limpeza” – na preparação da narrativa: não sobrecarregar e não empobrecer gestos, posturas e falas no conteúdo desenvolvido.

Tais propostas de exercícios, para serem satisfatórias na execução, precisam ter a disponibilidade e a tranquilidade de fazê-los ou não. São auxílios para que o contador, aos poucos, encontre seu próprio caminho de preparar-se para as histórias, encontrando suas propostas pessoais.

8.3.3 AUXILIAR NA DESCOBERTA DO CORPO QUE CONTA

Alguns exercícios simples que auxiliam no desenvolvimento da preparação corporal do contador:

- Observar atores em teatro e televisão, posturas de músicos, dançarinos e artistas de circo e outros que desenvolvam qualquer forma de expressão. Tentar imitar os gestos observados até encontrar os próprios gestos para fazer o que foi visto;
- Assistir gravações da própria sessão de histórias com ouvintes e tentar lapidar o que foi visto;
- Exercitar expressões vinculadas ao silêncio: parar, fixar a atenção do corpo todo em um só lugar enfatizando os olhos, fazer gestos de atenção com a mão, procurar expressões que indiquem silêncio ao ouvinte. O silêncio ajuda o ouvinte a organizar suas ideias e aflorar sentimentos e reações;
- Tentar fazer imitações como o corpo todo e não apenas parte dele;
- Narrar em voz alta, ora na primeira ora na terceira pessoa do singular. Esse exercício contribui muito a interiorizar a história e a confiar em si mesmo para contar a história;

- Desenvolver expressões e posturas que promovam a reação desejada e no tempo certo nos ouvintes. Para isso, contar histórias na frente de um espelho grande é muito viável;
- Apreciar, sempre que possível, outros contadores de histórias. Observar como contam e quais os recursos e técnicas que utilizam, e como os utilizam.

Enfatizando o trabalho vocal, procuro prestar atenção na maneira como as pessoas ao meu redor falam e se comunicam. Alguns exercícios que auxiliam no trabalho direcionado à voz:

- Fazer aquecimento vocal usando exercícios semelhantes às atividades de fonoaudiologia, formação de cantores e atores;
- Prestar atenção na dicção: contar a mesma história de maneira rápida, devagar, para então apreender a articulação e pronúncia das palavras de maneira agradável ao ouvinte;
- Trabalhar o volume da voz para perceber possibilidades e limites pessoais. Falar bem alto e depois num volume baixo, até encontrar equilíbrio na altura da voz;
- Exercitá-la em espaços diferentes: salas grandes, espaços pequenos, lugares abertos. Tal exercício permite que o praticante perceba se está ou não sendo ouvido durante uma sessão de histórias contadas e, havendo ruídos no ambiente, se interferem muito ou pouco na atividade;
- Explorar a tonalidades – graves e agudos – de maneira intencional, para ter controle vocal na construção de vozes de personagens e na própria voz de narrador;
- Narrar textos tentando expor estados emocionais diferentes, percebendo mudanças de alteração de voz, para poder fazê-las conscientemente nas histórias contadas.

Autores como Barba & Savarese (1995) enfatizam a importância da conscientização e preparação corporal do ator para sua posterior atuação.

Noto que a preparação do contador de histórias caminha na mesma estrada do ator, do dançarino, onde todos se descobrem corpos, seus limites e suas possibilidades, expressando seus universos internos ao público.

Esses autores enfatizam que, por meio de métodos pedagógicos, transmitidos como experiências, assumem um conjunto didático de técnicas que, a partir de então, auxiliam na expressão inovadora e criativa.

8.4 DIVERSAS TÉCNICAS DE CONTAR HISTÓRIAS E SEUS RECURSOS AUXILIARES

Sugiro que, no processo de descoberta, o contador pesquise, vivencie e prepare várias técnicas até que perceba aquela em que se vê como contador de maneira mais completa, segura e natural. É uma escolha individual. Ressalto que, mesmo com uma técnica escolhida, é interessante que o contador também se apresente usando outras técnicas ou materiais auxiliares, se assim desejar, visto que as técnicas têm diálogo entre si e a escolha de uma não significa a exclusão das outras, apenas o sobressair de uma delas.

Aqui são apresentadas algumas técnicas e recursos auxiliares. No entanto, nota-se que contar histórias é sempre uma nova descoberta, a porta aberta para algo novo, o que permite, felizmente, a concepção e o desenvolvimento de outras novas maneiras de se contar histórias bem como a construção e uso de novos e diferentes recursos auxiliares.

Técnica da simples narrativa

É a técnica que mais se aproxima da figura do contador de causos, do contador de histórias tradicional. Ela é a maneira aparentemente mais simples de se contar, no entanto, precisa ser bem preparada porque exige exclusivamente a presença completa do contador e sua interação com o ouvinte.

Técnica do uso do livro

Tendo como recurso auxiliar o livro da história, esta técnica pede um conteúdo com muitas gravuras, e as ilustrações podem e devem ser muito requisitadas e exploradas pelo educador-contador.

Na técnica do uso do livro, a maneira mais comum desenvolvida é o manuseio do livro de modo a mostrar ao ouvinte a gravura contida nele. O educador-contador vai mostrando a ilustração de cada página, apoiando o livro no colo quando sentado ou entre as mãos, estando em pé, de modo que todos possam ter acesso visual às gravuras.

Técnica do dramacontação³⁴

Aqui, o contador cria e desenvolve um personagem que conta histórias. É necessário que o contador tenha conhecimento da linguagem teatral para que, por meio do laboratório de observação e pesquisa, construa seu personagem de maneira viva e natural.

Técnica do uso das gravuras

Muitos contadores fazem sequência de quadros das ilustrações da história, em tamanho natural, ampliado ou em forma de slides e apresentação, e ao apresentá-los, vão contando a história. Também há os que preferem usar gravuras diversas coladas num papel de boa sustentação, apresentando-as conforme a história se desenvolve.

Técnica de figuras sobre cenário

É uma maneira mais trabalhada da técnica anterior, uma sobreposição do uso de ilustrações e figuras. Sobre um cenário que não muda são adicionadas figuras conforme o desenvolvimento da história. Um exemplo de recurso auxiliar muito utilizado desta técnica é o flanelógrafo, que pode ser substituído por um cenário de outro material e peças feitas de maneira pessoal e artesanal, de acordo com o gosto e criatividade de quem os confecciona.

Técnica dos fantoches

A grande vantagem nesta técnica é o uso do roteiro escrito, geralmente lido e não decorado, o que não significa que não tenha que ser trabalhado e ensaiado. O educador-contador precisa ficar atento para que o movimento do fantoche esteja em sintonia com a sua fala. Precisa também tomar o cuidado

³⁴ Técnica criada e desenvolvida pela Profa. Dra. Ana Elvira Wuol.

para que o manuseio do fantoche aconteça de forma natural: o boneco tem que ser vivo para o público e para o contador, é um personagem que participa e interage na sessão de contação. É uma técnica muito encantadora, permitindo muita interação com o público.

Técnica do teatro de sombras

Aqui os recursos auxiliares são figuras recortadas, lençol ou parede e luz projetada sobre essa superfície escolhida. A luz é interceptada pelas figuras e o resultado projetado é sua sombra. Alguns contadores usam posições diferentes da mão e fazem movimentos formando figuras, o que lembra muito as brincadeiras de criança: fazer figuras com a mão projetando-as na parede com o auxílio da luz de vela. Músicas e efeitos especiais são de grande valia como auxiliares na execução dessa ideia, enriquecem a contação.

Técnica de dobraduras

Esta técnica exige muita habilidade por parte do contador: ao mesmo tempo é necessário interagir com os ouvintes e fazer a dobradura conforme a história é contada. É recomendado um público pequeno para que este possa acompanhar a criação da dobradura. E por que não, depois da narrativa, convidar os participantes a fazer a dobradura realizada na história contada? É um grande modo de cativar e interagir com o público.

Técnica de marionetes

Usa-se uma miniatura dos cenários da história, caso seja do gosto do contador, e as marionetes selecionadas por ele. Há necessidade de muita habilidade com a manipulação dos bonecos, ensaiando a narrativa juntamente com a articulação das marionetes. Comumente é considerada uma técnica que requer muito conhecimento e prática no uso do recurso auxiliar. Muitas vezes quem conta a história não é a mesma pessoa que manipula o boneco, e nesse contexto, deve existir uma sintonia previamente treinada entre contador e manipulador do recurso. Outras vezes a história é contada somente com a manipulação de várias ou uma marionete, o que exige muita interação e coordenação por parte dos manipuladores entre si.

Técnica de bocões e bonecos de ventríloquos

Estes materiais auxiliares, assim como os fantoches, permitem muita interação com os ouvintes.

Bocões e ventríloquos são bonecos maiores que os fantoches que podem se passar por contadores de histórias. Os bocões são mais simples no manuseio de articulação comparados aos bonecos de ventríloquos. Eles pedem treino de manipulação juntamente com a voz, para que tenham vivacidade e naturalidade.

Técnica das histórias cantadas

Nesta forma de apresentação as narrativas são apresentadas em forma de cantigas e canções, como a “História das nove irmãs”, conto popular muito conhecido na região nordeste do Brasil, trazida por portugueses. Quem as apresenta pode explorar instrumentos musicais e outros recursos auxiliares que possam trazer riqueza à apresentação. Torna-se necessário, para o educador, conhecimento básico de musicalização infantil, ritmo musical e manuseio de instrumentos musicais. Há muito conteúdo de histórias cantadas em livros do pesquisador Luís da Câmara Cascudo.

Técnica dos dedoches

Os dedoches nada mais são que fantoches de dedo. Esses bonecos são pequenos e usados nos dedos das mãos, por isso, pedem um público menor e mais próximo do contador. A exigência e dificuldade de manipulação é menor que a dos fantoches.

Podem ser feitas as variações dos dedoches, como os meioches (são usadas meias coloridas para a confecção de personagens) e os palitoches (palitos dos mais variados formatos e tamanhos, com gravuras diversificadas).

Acredito que a exposição didática para o desenvolvimento prático do contador de histórias pode auxiliá-lo em suas descobertas e redescobertas referentes ao ato de contar. Creio que o contador que se apresenta para seus ouvintes consegue, na interação com os mesmos, transformar o espaço em

comum num ambiente de descobertas e aprendizagens mútuas, num ambiente de transformações individuais e coletivas.

Vejo a apresentação desse conteúdo didático como auxílio na proposta de contar histórias, permitindo que cada contador descubra novas possibilidades de se expressar, mantendo, assim, viva a nossa arte de narrar como a própria manifestação da expressão humana.



9. ENTROU POR UMA PORTA, SAIU PELA OUTRA... (CONSIDERAÇÕES FINAIS)

"A própria caverna na qual você tem medo de entrar acaba sendo a fonte do que você procura. A coisa terrível na caverna, tão temida, tornou-se o centro. Você encontra a joia e ela o descarta. A meta é trazer a joia de volta para o mundo, unir as duas coisas."

Joseph Campbell

Há muito tive um sonho, quando bem pequena.

Sonhei que estava num lugar bonito e na minha frente havia um lago. Em volta, um campo muito verde e admirável, com muitas árvores. Surgiu, então, num barco, um senhor que o conduzia com um remo. Era um homem de muita idade, de barba longa e veste branca. Chegou até a margem do lago e disse:

- Entre aqui e vou contar muitas histórias para você.

Subi no barco, e conforme esse senhor nos levava, também ia contando histórias.

De repente, percebi que não estávamos mais no lago. Ele havia se transformado em rio, e quando chegamos perto de duas montanhas, cortadas pelas águas desse rio, vi uma figura incrível. Era uma estátua enorme, de madeira, muito maior que as montanhas, as quais já eram muito altas. Ela era muito diferente: a figura de um homem em pé, com as pernas levemente afastadas e os braços abertos lateralmente. Em cada mão havia uma vasilha, também de madeira. Na mão direita, a palma estava voltada para cima, e a vasilha continha água, e algumas gotas grandes caíam no rio. Já na mão esquerda, cuja palma estava voltada para baixo, a vasilha continha fogo, com as labaredas voltadas para baixo. Os olhos pareciam olhar para frente, mas às

vezes davam a impressão de nos olhar, e isso me assustava um pouco, a única parte que parecia ser humana. O cabelo, também de madeira, e chegava quase ao pescoço, ao mesmo tempo imóvel, parecia movimentar-se. Diante dessa figura tão surpreendente e estranha para mim, perguntei ao senhor do barco:

- Como é que a tigela fica para baixo e não cai, e o fogo queima para baixo?

O ancião me olhou e dando um sorriso, disse:

- Um dia você irá entender.

E continuou contando histórias.

Conforme percorríamos o rio, o ambiente foi mudando. O céu já não era mais tão azul, e já não havia tanta luz. E foi então que vi: estávamos diante de uma caverna, cuja entrada tinha um cachorro muito grande, maior que um homem adulto em pé. Esse cachorro era diferente dos outros porque era um corpo com três cabeças. Não consigo lembrar sua cor, mas a tonalidade era escura, não muito definida, e ele parecia bravo com a nossa presença.

Mais uma vez o ancião me perguntou:

- Você quer descer e chegar mais perto dele?

Respondi que sim, já que não estava com medo daquele estranho cachorro.

Chegamos bem perto dele e ficamos a sua frente. Ele não latia, mas mostrava os dentes, e de início parecia estar bravo. Fiquei olhando quieta para ele, e nesse instante, o cachorro chegou bem perto de mim, e abaixou uma de suas cabeças para que eu a acariciasse. E foi o que fiz, em cada uma delas.

Depois disso, o ancião me chamou, estava me esperando no barco para voltarmos. Não me lembro de como foi a volta, porque assim que subi no barco, acordei.

Eu achava que a história tinha acabado. Mas ela tinha acabado de começar.

Depois de um longo período, eu estava novamente em frente à caverna. Parecia que o tempo havia parado. Estava lá o cão de três cabeças, que havia se transformado num dragão enorme, de uma cor esverdeada escura. Batia a

cauda com muita força no chão, e parecia que as chamas de sua boca seriam cuspidas a qualquer momento.

O ancião e seu barco não estavam mais lá.

- Que estranho! – pensei – Como conseguirei fazer meu caminho de volta?

O dragão era enorme, e dessa vez eu sentia medo. E ele sabia disso.

Durante alguns segundos ficou me olhando, corri quando percebi o fogo em seus olhos, e antes que percebesse, já havia adentrado a caverna.

Ela era escura, porém, ao mesmo tempo parecia que algo, no único caminho que ela apresentava, iluminava meus passos. Era um lugar antigo, e parecia que ninguém, nunca, havia pisado ali. Era assustadora, mas também era acolhedora. Parecia respirar comigo, parecia ter vida e saber tudo o que eu estava sentindo naquele momento. E isso fez com que eu pudesse andar mais devagar e deixar o coração mais tranquilo.

Não sabia há quanto tempo eu estava lá, o tempo não importava mais. Eu sabia que encontraria algo, ou talvez alguém, mas não sabia o quê ou quem seria.

Enquanto caminhava, comecei a lembrar de minha infância, de fatos engraçados e felizes e também de tempos difíceis. Lembrei-me de tantas pessoas. Lembrei-me da Dona Maria, que lavava roupas para minha mãe, quando eu tinha uns quatro anos de idade, e que havia me ensinado a dar as laçadas nos cadarços de meus sapatos.

Lembrei-me também da Dona Zefa, a querida mulher misteriosa, benzedeira, que sabia quando eu ia visitá-la sem aviso e já ficava me esperando na porta de sua casa, sentada no banco de madeira, e com o sorriso aberto.

E assim, fui lembrando de tantas pessoas enquanto caminhava, e de tantos outros acontecimentos, que nem me dei conta que todo o percurso havia me conduzido para um lugar que eu não imaginava: o coração da caverna.

No centro do que parecia um salão, havia uma fogueira. Era ela que iluminava meu caminho o tempo todo até que eu chegasse ali.

- Mas que lugar tão estranho e familiar é esse? Que sensação estranha é essa? Nunca estive aqui e, no entanto, conheço este lugar! – esse era meu pensamento contínuo.

Depois que parei de olhar para a fogueira, vi que no espaço tinha muitos objetos espalhados pelo chão e pendurados na parede.

Eram coisas que eu conhecia. Eram minhas coisas!

Minhas bonecas de pano. As bolinhas de gude coloridas. Os cadernos com tantos rabiscos quando eu ainda não escrevia. Os desenhos da escola. Minhas roupas de criança. Fotos que eu não me lembrava mais. Tudo sobre mim estava ali.

Comecei a ficar assustada, estava confusa. Era como se tivesse entrado em outra dimensão. O ar era diferente, tudo era diferente. Coloquei as mãos no rosto, e no momento que percebi lágrimas chegando, ouvi:

- Por que ficar assim? Não se assuste, você está em casa!

Abri os olhos e vi uma velhinha. Era difícil vê-la com nitidez, mas era uma velhinha com cabelos brancos e longos.

E ela continuou a falar:

- Depois de muito tempo, enfim você chegou. Achei que não fosse entrar na sua caverna. Mas vejo que você conseguiu cuidar de seu dragão.

Tudo ainda era muito confuso, eu ainda olhava para tudo aquilo que havia sido meu. Alguns objetos que foram perdidos, outros que eu ainda guardava comigo em algum cantinho.

De repente, foi como se tudo que estava naquele salão começasse a evaporar, ficando somente a velha, a fogueira e eu.

O ambiente estava esfumaçado, e por meio da fumaça, pude ver que algumas situações de vida se reproduziam ali. Não eram cenas da infância, mas acontecimentos da adolescência e da fase em que eu estava. Eram muitas cenas, que se revelavam a mim simultaneamente. Algumas eram boas, outras eram ruins.

Era como se cada uma das cenas mostrasse meu interior, o melhor e o pior de mim. Tudo era muito assustador.

Então, com os olhos vidrados nas cenas na minha frente, comecei a chorar. Chorava de tristeza e de alegria. A emoção pelo que acontecia era tão

grande que eu tremia e me sentia como se estivesse narcotizada, prestes a desmaiar.

Quando senti que não conseguiria mais ficar lúcida, e que sem perceber, já estava quase deitada no chão, ouvi uma voz:

- Ei, o que você está fazendo aí, assim?

Voltei meus olhos para onde vinha a voz, e da mesma maneira ofuscada que a velhinha, vi uma menininha, que parecia ter uns seis anos de idade. E era tão parecida comigo! Atônita, perguntei:

- Afinal, quem são vocês?

- Ora – respondeu a pequena – somos nós três aqui. Achei que você não viesse, porque demorou. Mas ela – disse apontando para a velhinha – sempre me disse que você viria. Então ficamos te esperando, e eu fiquei ouvindo suas histórias.

Como era possível aquilo? Eu estava diante de mim mesma, em duas situações e tempos diferentes!

A velhinha então me convidou para sentar próxima à fogueira, onde ela e a menina tornavam-se mais nítidas. Disse que nós estávamos ali, num lugar comum. Era o nosso lugar, nossa caverna. Caverna de nós três, passado, presente e futuro.

Continuou dizendo que era a caverna acolhedora mas também perigosa, pois abrigava tudo de nós ali. Era um lugar de acolhimento e resgate, mas também poderia ser um lugar de loucura, caso eu não conseguisse alimentar o que era necessário.

- Alimentar o que é necessário? – perguntei.

A anciã então me contou uma história, que eu já conhecia. Era a “História dos dois lobos”:

Sei que você já conhece essa história, mas às vezes é necessário escutá-la mais de uma vez. É preciso escutá-la quantas vezes forem necessárias.

Numa noite de lua cheia, em volta da fogueira, um velho índio estava contando histórias para seu neto, que sempre dizia que quando crescesse seria guerreiro.

A certa altura das histórias, o neto perguntou ao avô o que acontecia dentro das pessoas. E então o avô contou para a criança o que se passava, numa linguagem que ela conseguia entender.

Falou para seu neto sobre o combate que acontece dentro das pessoas. Disse que a batalha era entre dois lobos que existem dentro de cada um de nós.

Um deles é mau. É a inveja, a raiva, a tristeza, o ciúme, a arrogância, a pena de si mesmo, o ressentimento, o orgulho.

O outro lobo é o oposto, ele é bom. É a alegria, a paz, a humildade, a serenidade, a generosidade, a coragem, a fé, entre outras coisas boas.

O neto, entendendo sobre o que o avô falava, então perguntou qual era o lobo que venciam. E o que o velho respondeu?

Nesse instante nós três que estávamos ali nos olhamos, respondendo juntas:

- Aquele que eu alimento mais!

De repente, senti que era hora de ir, e a anciã me ofereceu um caldo. Disse que era a mistura da água com o fogo. Disse que os dois eram importantes, sabendo usá-los com sabedoria. Senti que não era sobre água e fogo que ela estava falando, mas do que sou. Ela me falava numa linguagem que eu conseguia entender.

Aceitei o que ela havia me oferecido, e assim que terminei de toma-lo, nós três nos despedimos, e a anciã disse que elas estariam sempre ali, e que agora eu já sabia o caminho para chegar até elas.

- Mas como faço o caminho de volta? O barco já não está mais lá, o velhinho também não. Como faço?

Então a menina me deu um livro. Disse que era especial e que eu precisaria cuidar bem dele. Ali estava guardada a alma das histórias, das minhas histórias e eram elas que me ensinariam o caminho de volta.

Emocionada aceitei o que ela me entregava, e num sorriso mútuo, me despedi delas e da caverna.

O dragão não era mais ameaçador. Ele apenas guardava o que havia de muito especial naquele lugar, e sabia que eu havia entrado porque era chegada a hora. Não era mais necessário ser amedrontador. Ele se tornara amigo.

E assim, fiz meu caminho de volta.

Todos nós temos nossa caverna. É nela que encontramos quem somos.

As histórias e os mitos permitiram que eu pudesse adentrar minha caverna, receber minha história, que é formada pela história de tantas outras pessoas.

Quando desenvolvi a monografia, em período de graduação, procurei descobrir como era esse caminho para adentrar a caverna, mas por meio do relato e das histórias de diversas pessoas. Elas haviam me contado sobre isso, cada uma a sua maneira. Mas era o caminho de cada uma delas.

Nesta dissertação, procurei mostrar meu próprio caminho para adentrar minha caverna, auxiliada pelas histórias e experiências alheias. Foram acontecimentos, referenciais teóricos, histórias de vida e relatos, reflexões e questionamentos que tomaram forma e se transformaram em palavras.

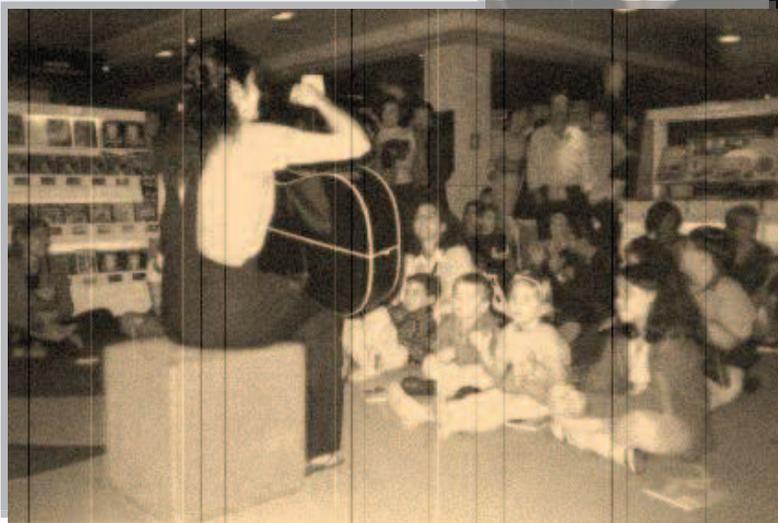
Na finalização desta etapa não pretendo fazer discussões do que expus, pois durante todo o tempo de escrita senti, e posteriormente mencionei que tudo é importante para mim.

Meu mais profundo desejo é que as informações e exposições aqui deixadas possam auxiliar, de alguma maneira, contadores, professores, educadores, artistas e pessoas que desejam contar histórias e mitos: eles estão aí, por toda parte e pertinho de nós, esperando para ganhar corpo e voz.

É preciso contar histórias, assim como fizeram nossos antepassados. Espero que elas ecoem, mesmo que seja devagar e sem pressa, porque contar histórias faz parte de um caminho longo e contínuo.

E como ensinam os velhos contadores de histórias, termino esta com o “entrou por uma porta e saiu pela outra, e quem quiser, que conte outra”.

E que a outra seja sempre uma porta aberta a todos aqueles que queiram contar.



10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIRÉS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981. 279 p.

BARBA, E.; SAVARESE, N. **A arte secreta do ator**: dicionário de antropologia teatral. Campinas, SP: Hucitec; Editora da Unicamp, 1995. 272 p.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. 366 p.

CAFÉ, A. B. **Dos contadores de histórias e das histórias dos contadores**. 2000. 104 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2000.

CAMPBELL, J. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990. 242 p.

_____. **Reflexões sobre a arte de viver**. São Paulo: Gaia, 2003. 311 p.

COELHO, B. **Contar histórias**: uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 1999. 78 p.

CORSO, D. L. **Fadas no divã**: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006. 328 p.

_____. **A psicanálise na terra do nunca**: ensaio sobre a fantasia. Porto Alegre: Penso, 2011. 328 p.

DICIONÁRIO Houaiss de sinônimos e antônimos. São Paulo: Publifolha, 2012. 764 p.

ESTÉS, C. P. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. 12. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. 627 p.

FRANZ, M. L. **A interpretação dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981. 216 p. (Coleção Psicologia Arquetípica)

FROMM, E. **A linguagem esquecida**: uma introdução ao entendimento dos sonhos, contos de fadas e mitos. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1966. 188 p.

FURLAN, Reinaldo; BOCCHI, Josiane Cristina. O corpo como expressão e linguagem em Merleau-Ponty. **Revista Estudos de Psicologia**, São Paulo, n.8, v.3, p.445-450, 2003.

JESUS, Adilson Nascimento de. **Literatura e dança**: Duas traduções de obras literárias para a linguagem da dança-teatro. 1996. 158 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1996.

MATURANA, H. **Formação humana e capacitação**. Petrópolis: Vozes, 2000. 86 p.

- MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002. 246 p.
- PALANGANA, I. C. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky**: a relevância do social. São Paulo: Plexus, 1994. 160 p.
- PIZA, C. T. **Entrou por uma porta, saiu por outra, quem quiser que conte outra**. 4.ed. Americana: Gráfica e Editora Adonis, 2006. 135 p.
- RADINO, G. **Contos de fadas e realidade psíquica**: a importância da fantasia no desenvolvimento. 1.ed. São Paulo: Casa do psicólogo, 2003. 236 p.
- RAMOS, M. I. A. Contando histórias: o universo que cada um vê, que cada um é. In: WUO, Ana Elvira (Org.). **Disfunções líricas na escola**: encontros entre corpo, educação física, comicidade, dança e teatro para espantar o tédio. Campinas, SP: Papel Social, 2012. p. 33-45.
- RECTOR, M.; TRINTA, A. R. **A comunicação do corpo**. São Paulo: Ática, 1990. 88 p.
- SAFRA, G. **Curando com histórias**: a inclusão dos pais na consulta terapêutica das crianças. São Paulo: Edições Sobornost, 2005. 98 p. (Coleção pensamento clínico de Gilberto Safra)
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- SPERBER, S. F. **Ficção e razão**: uma retomada das formas simples. São Paulo: Aderaldo & Rothschild: Fapesp, 2009. 622 p.
- TARKOVSKIAEI, A. A. **Esculpir o tempo**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 306 p.
- TISI, L. **Educação Física e a alfabetização**. Rio de Janeiro: Sprint, 2004. 168p.
- WINNICOTT, D. W. **Os bebês e suas mães**. Martins Fontes. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 98 p.
- WUO, A. E.; RAMOS, M. I. A. Dramacontação: para contar e dramatizar histórias. In: MUCCILO, Maria Aparecida; ALMEIDA, Ivanete Bellucci (Orgs.). **As faces da escola**: um olhar caleidoscópico. Campinas, SP: Emoped, 2010. p. 299-318.

APÊNDICE A – Relação de Fotografias na Dissertação

Foto pg. 1: Desenho do sonho de infância.

Foto pg. 5: Eu, com aproximadamente um ano de idade. Lembro-me desse dia.

Foto pg. 13: Uma das primeiras contações, em 1999, no espaço cultural Elogio à Loucura, em Barão Geraldo, Campinas, SP.

Foto pg. 27: A saia longa e rodada representa todos os mitos e contos dentro de mim.

Foto pg. 29: Apresentação de histórias para adultos, na Faculdade Unopec, Sumaré/SP, em 2001.

Foto pg. 45: Contação de histórias no Colégio Rio Branco, Campinas/SP, em 2005.

Foto pg. 59: Apresentação de mitos para público adulto, na Faculdade Unopec, em Indaiatuba/SP, em 2007.

Foto pg.75: Apresentação de histórias cantadas no espaço Trilhas da Palavra, em Serra Negra/SP, durante oficina de contadores de histórias, em 2004.

Foto pg. 85: Contação de histórias na I Feira de Livros de Serra Negra/SP, em 2011.

Foto pg. 105: O dragão como guardião da caverna.

Foto pg. 115: Fotos de apresentações, de cima para baixo, da esquerda para a direita:

1 – Apresentação em Serra Negra/SP, no espaço Trilhas da Palavra.

2 – Contação de histórias na Livraria Fnac, em Campinas/SP.

3 – Apresentação no Colégio Rio Branco, em Campinas/SP.

4 – Contação de histórias na Feira de Livros do Colégio COC, em Sumaré/SP.

5 – Contação de histórias na Livraria Saraiva, em Campinas/SP.

6 – Apresentação de histórias no Colégio COC, em Sumaré/SP.

Foto pg. 171: Apresentação na I Feira de Livros de Serra Negra/SP, em 2011.

APÊNDICE B – AS NARRATIVAS CONTADAS

Nos anexos que seguem abaixo, apresento algumas das histórias e mitos que conto. Aqui, faço uma introdução com breves comentários sobre os diferentes públicos que interagem com as narrativas.

As histórias para os pequenos

Nas apresentações dessas histórias para crianças, procurava agrupá-las, quando possível, por idades próximas ou por interesse do professor, quando as atividades eram realizadas em escolas.

Ao preparar uma história, sempre pensei em poder apresentá-la para o público infantil abrangente, caso não conseguisse fazer organizações como as que acabei de citar. Para isso, levava em conta as características infantis e seus interesses, como também a média de tempo de atenção e concentração das crianças.

Para conseguir a interação do público infantil durante a contação, eu lançava mão de histórias cujos elementos para apresentação se intercalavam: enquanto uma história enfatizava mais a narrativa, a história seguinte vinha com muitos personagens, diferentes diálogos, possibilitando assim a exploração vocal, as mudanças de gestos e posturas.

Entre uma história e outra, eu sempre procurava conversar com as crianças, ouvi-las também contando histórias. Era o tempo para a “respirada”, a preparação para o recebimento do próximo conto.

Como maneira de manter a interação – além de outros interesses como a preservação da memória cultural – também lançava mão das cantigas de roda, sempre acompanhadas do Folk, meu companheiro violão de doze cordas.

Essas possibilidades permitiam que o público infantil interagisse comigo nas histórias. O público não somente ouvia e via, mas participava ativamente da contação.

As contações voltadas para o público infantil – o que não quer dizer que o público era sempre exclusivamente infantil – constantemente me ensinam muito.

As crianças são diferentes dos adultos, pois apresentam poucas resistências para com aquilo que interagem. Elas me mostraram, assim como as histórias e os mitos, que é preciso ser simples, autêntico e crente nas ações. As crianças me indicaram o caminho da contação: autenticidade e entrega às narrativas.

As narrativas para jovens e adultos

Da mesma maneira que acontecia com as crianças, as narrativas também cativavam públicos adolescentes e adultos, mas de maneiras diferentes.

Com os jovens, o início da contação era geralmente engraçado: eles esperavam uma velhinha contadora narrando histórias voltadas para os pequeninos.

Para os adolescentes, as contações eram diferentes desde o início. Eu contava inicialmente uma lenda ou um mito, com enredos onde aconteciam conflitos amorosos. Era a situação em que muitos estavam experimentando: a paixão, os primeiros contatos amorosos.

Após esse primeiro contato o público já tinha outra postura, ficava mais atento ao que lhe seria apresentado. As cantigas também eram diferentes, geralmente aquelas com letras mais complexas que as cantigas de roda, ou então eram apresentadas histórias cantadas.

Ao final da contação, quando os adolescentes já estavam relaxados e numa grande interação com a contação, eu propunha uma brincadeira de trava-línguas – cantigas de repetições de letras ou palavras parecidas – como certo desafio a eles, o que era muito bem aceito.

E no final, quando parávamos tudo para a roda de conversa, os próprios jovens relatavam o que eles achavam que era uma contação de histórias: momento em que todos teriam que ficar quietos, ouvindo alguém ler, sem que, no entanto, houvesse interação com eles; muitas vezes pensavam que teriam que fazer relatórios posteriores sobre a interação.

Pois bem, a proposta não era essa.

Era notável perceber o quanto os mitos e as histórias tocavam esses ouvintes: essas narrativas mostravam possíveis soluções, aliviavam o ouvinte quando este sentia que não era o único a começar a experiência do novo, o caminho ainda incerto, as angústias e as ansiedades perante essas mudanças.

O público adulto era um misto de criança e adolescência, onde qualquer narrativa era muito bem vinda.

Os adultos já haviam vivido e experimentado tanto a infância quanto a adolescência, e muitas vezes relatavam que as histórias eram uma possibilidade de volta ao passado.

Nesse contexto era mais fácil organizar as histórias para a contação, pois os adultos pediam essas histórias e mitos para resgatar o tempo passado. E mais tarde fui entender que esse pedido os auxiliavam a repensar acontecimentos vividos, algumas vezes traumáticos: eles experimentavam um acontecimento externo – no caso, a contação – para então imaginar, simbolizar e dar novos significados aquilo que os afligia, muitas vezes sendo perceptível de maneira consciente, somente por meio das narrativas contadas.

A participação do público adulto era muito dinâmica, e eu conseguia perceber que cada participante procurava se doar ao momento de interação, mesmo que houvesse resistências quanto aos assuntos abordados na contação: algumas histórias e mitos apresentavam enredos onde há a traição, a vingança, o abandono familiar, entre outros contextos.

As cantigas, as histórias cantadas, todas eram muito bem vindas, e não demorava muito para que os adultos acompanhassem o que acontecia.

Ao final das apresentações, assim como as contações infantis e para os adolescentes, também acontecia a roda de conversa. Muitos depoimentos emocionados aconteciam ali, relatos de causos, ou a narrativa de outras versões da história contada. Ficava sempre, por parte de todos, um “gostinho de quero mais”.

Era comum ouvir os adultos relatarem que precisavam tirar um tempo para uma leitura prazerosa, ou para contar histórias para um ente querido.

Acredito que para os adultos as narrativas proporcionavam a possibilidade de sentirem-se vivos, saindo da sensação de sobrevivência: era

precioso dar significados à própria vida e fazer a diferença na vida das pessoas ao redor.

ANEXO A – MANECO CANECO CHAPÉU DE FUNIL

CAMARGO, L. **Maneco Caneco Chapéu de Funil**. São Paulo: Ática. 2002.

Era uma vez uma caneca.

A caneca morava numa cozinha onde não se bebia nada, nem um nadinha de nada. A caneca ficou cansada de fazer nada, e foi embora.

Foi andando, e encontrou um cabide. O cabide morava num guarda-roupas onde não se pendurava nada, nem um nadinha de nada. O cabide ficou cansado de fazer nada, e foi embora, junto com a caneca.

O cabide e a caneca foram andando e encontraram uma concha. A concha morava numa cozinha onde não se cozinhava nada, nem um nadinha de nada. A concha ficou cansada de fazer nada, e foi-se embora, junto com o cabide e a caneca.

A concha, o cabide e a caneca continuaram andando e encontraram uma escumadeira. A escumadeira morava numa cozinha onde não se fritava nada, nem um nadinha de nada. A escumadeira, cansada de fazer nada, foi embora, junto com a concha, o cabide e a caneca.

A escumadeira, a concha, o cabide e a caneca continuaram andando e encontraram uma vassoura e uma pá. A vassoura e a pá moravam numa cozinha onde não se limpava nada, nem um nadinha de nada. A vassoura e a pá também ficaram cansadas de fazer nada, e foram embora, junto com a escumadeira, a concha, o cabide e a caneca.

A caneca, o cabide, a concha, a escumadeira, a vassoura e a pá formaram um boneco engraçado:

Maneco caneco, cabeça de caneco.

Maneco cabide, ombro de cabide.

Maneco concha, braço de concha. Maneco concha, mão de cabo de concha.

Maneco escumadeira, braço de escumadeira. Maneco escumadeira, mão de braço de escumadeira.

Maneco vassoura, perna de vassoura. Maneco vassoura, pé de piaçava.

Maneco pá, perna de pá. Maneco pá, pé de pá.

Maneco Caneco foi andando e encontrou um funil. Colocou o funil na cabeça e saiu cantando:

O meu chapéu é um funil. É um funil o meu chapéu.

Se não fosse um funil, não seria o meu chapéu.

O meu chapéu tem três pontas. Tem três pontas o meu chapéu.

Se não tivesse três pontas, não seria o meu chapéu.

Maneco Caneco Chapéu de Funil continuou andando, e encontrou um armário, em forma de castelo. O armário tinha duas gavetas embaixo e quatro portas em cima.

Maneco Caneco Chapéu de Funil abriu a gaveta número 1. Na gaveta número 1 tinha uma cueca. Maneco Caneco Chapéu de Funil, pegou a cueca e vestiu.

Na gaveta número dois, tinha uma camisa. Maneco Caneco Chapéu de Funil, pegou a camisa e vestiu.

Maneco Caneco Chapéu de Funil abriu a porta número 1. Na porta número 1 tinha uma calça. Maneco Caneco Chapéu de Funil, pegou a calça e vestiu.

Na porta número 2 tinha um paletó. Maneco Caneco Chapéu de Funil, pegou o paletó e vestiu.

Na porta número 3 tinha uma gravata. Maneco Caneco Chapéu de Funil, pegou a gravata e... colocou!

Na porta número quatro tinha um... tinha um leitão! E o leitão estava lendo um livro!

“Lá na rua vinte e quatro,

A mulher matou um sapo,

Com a sola do sapato.

O sapato estremeceu,

E a mulher, morreu!

Urubu, tu, tu,

Quem não sai, é um tatu.”

Maneco Caneco Chapéu de Funil perguntou: “Ei, você é um tatu?”

“Não, eu sou o Leitão Leitor!”, respondeu o leitão... leitor.

Então Maneco Caneco Chapéu de Funil disse: “Ah, então, vamos embora!”

E o Leitão Leitor respondeu: “Tudo bem, mas eu levo vocês de cavalinho!”

E entraram por uma porta, e saíram pela outra, e quem quiser, que conte outra.

ANEXO B – MARIA-VAI-COM-AS-OUTRAS

ORTHOFF, Sylvia. *Maria-vai-com-as-outras*. In **O tesouro das virtudes para crianças 2**. Ana Maria Machado (org.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

Era uma vez uma ovelha chamada Maria.

Onde as outras ovelhas iam, Maria ia também.

As ovelhas iam pra baixo. Maria ia pra baixo. As ovelhas iam pra cima. Maria ia pra cima.

Maria ia sempre com as outras.

Um dia, todas as ovelhas foram para o Pólo Sul. Maria foi também. Ai, que lugar frio! As ovelhas pegaram uma gripe!!! Maria pegou gripe também. Atchim! Maria ia sempre com as outras.

Depois todas as ovelhas foram para o deserto. Maria foi também. Ai, que lugar quente! As ovelhas tiveram insolação. Maria teve insolação também. Uf! Puf! Maria ia sempre com as outras.

Um dia, todas as ovelhas resolveram comer salada de jiló. Maria detestava jiló. Mas, como todas as ovelhas comiam jiló, Maria comia também. Que horror!

Foi quando, de repente, Maria pensou:

_ Se eu não gosto de jiló, por que é que eu tenho que comer salada de jiló?

Maria pensou, suspirou, mas continuou fazendo o que as outras faziam.

Até que as ovelhas resolveram pular do alto do Corcovado para dentro da lagoa.

Todas as ovelhas pularam.

Pulava uma ovelha, não caía na lagoa, caía na pedra, quebrava o pé e chorava: mé!

Pulava outra ovelha, não caía na lagoa, caía na pedra, quebrava o pé, chorava: mé!

E assim quarenta e duas ovelhas pularam, quebraram o pé, chorando: mé! mé! mé!

Chegou a vez de Maria pular.

Ela deu uma requebrada, entrou num restaurante e comeu uma feijoada.

Agora, mé!, Maria vai para onde caminha o seu pé!

ANEXO C – O CASO DO BOLINHO

BELINKY, Tatiana. **O caso do bolinho**. São Paulo: Moderna, 1990. (Coleção hora da fantasia)

Era uma vez um vô e uma vó. Um dia o vô acordou e disse:

_ Vá, minha velha, e faça um bolinho gostoso pra gente comer.

A velha pegou dois punhados de farinha, recheou a massa com creme de leite, formou um bolinho redondinho e pôs no fogo pra assar. O bolinho ficou dourado e cheiroso, e a vó o colocou na janela pra esfriar.

No começo o bolinho ficou lá, bem quieto. Mas logo cansou de estar parado e começou a rolar.

Rolou da janela pra cadeira, da cadeira pro soalho, do soalho pra porta, e foi rolando pela porta afora até cair no quintal.

E foi rolando e rolando, do quintal pra porteira e da porteira pra fora, até chegar na estrada.

E lá se foi o bolinho, rolando pela estrada, até que encontrou uma lebre.

_ Bolinho, Bolinho, eu vou papar você - disse a Lebre.

_ Não me pape não, dona Lebre - disse o Bolinho. _ Deixe eu cantar uma canção pra você:

“Eu sou um Bolinho,
Redondo e fofinho,
De creme recheado,
Na manteiga assado.
Deixaram-me esfriando,
Mas eu fugi rolando!
O vô não me pegou,
A vó não me pegou,
Nem você, dona Lebre,
Vai me pegar!”

E saiu rolando antes que a Lebre pudesse piscar um olho.

Rola que rola, até que encontrou um lobo.

_ Bolinho, Bolinho, eu vou papar você - disse o Lobo.

_ Não me pape não, seu Lobo, deixe eu cantar uma canção pra você:

“Eu sou um Bolinho, (...)

A vó não me pegou,

A Lebre não me pegou,

Nem você, Lobo bobo,

Vai me pegar!”

E saiu rolando, antes que o Lobo pudesse piscar um olho.

Rola que rola, até que encontrou uma raposa.

_ Bolinho, Bolinho, pra onde vai rolando? - perguntou a Raposa.

_ Pela estrada afora, como você está vendo.

_ Bolinho, Bolinho, cante-me uma canção - pediu a Raposa.

E o Bolinho cantou:

“Eu sou um Bolinho,

Redondo e fofinho,

De creme recheado,

Na manteiga assado.

Deixaram-me esfriando,

Mas eu fui rolando!

O vô não me pegou,

A vó não me pegou,

A Lebre não me pegou,

O Lobo não me pegou,

Nem você, dona Raposinha,

Vai me pegar!”

E a Raposa disse então:

_ Que bela canção, Bolinho! Pena que eu sou dura de ouvido, não escuto muito bem. Lindo Bolinho, pula no meu focinho, fica mais pertinho, pra eu ouvir você direitinho!

O Bolinho pulou no focinho da Raposa, e a Raposa, nhoc!, papou o Bolinho!

ANEXO D – O REI DA FOME

CASTANHA, M. **O rei da fome**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995.

Era uma vez um rei que, pasmem...comia histórias!!!

Gente que come ouro, criancinhas, camarão, torta de maçã, caviar ou filé mignon se pode encontrar. Mas...HISTÓRIAS???

Para ser mais exata: este Rei comia toda e qualquer espécie de livro que à sua frente, do lado ou atrás aparecesse. Ordenava a seu criado Fiel que untasse as páginas. De manteiga, mas só do lado de dentro. Nas bordas, capa e contracapa nunca. Todo esse cuidado para que ele, o Rei, não lambuzasse as pontas dos dedos...

Dependendo do tema, Fiel, seu criado trazia-lhe prontamente sal, orégano, açafraão, urucum, coentro e manjeriço. E em muitas vezes pimenta, lógico, do-reino. Se fosse um romance, umas sementes de cravo e umas pitadas de canela faziam-se indispensáveis. Enfim, livros, condimentos e especiarias dignos de um rei.

Às vezes o Rei não se contentava com todas estas exigências e cismava que o livro não estava no ponto. Mandava-o de volta á cozinha, levavam-no ao forno, retornando à mesa quentinho, regado a azeite, numa travessa de prata, rodeado de folhas de alface.

Além de provocar sumiços reais nas prateleiras do palácio, este rei era calado como um criado-mudo. Assim guardava consigo todo o segredo daquelas páginas. Não adiantava insistir que ele não contava nada para ninguém. Letras, palavras, frases, vírgulas, verbos, sujeitos e predicados tornavam-se propriedade dele.

Isolado no seu desejo de comer, o Rei nunca estava satisfeito e ordenava a Fiel que providenciasse mais livros, fossem eles novos ou usados.

Alguém começou a ficar incomodado:

- Como este Rei pode ser tão cruel? Tudo o que entra em sua boca, de sua boca não sai.

Acontece que este alguém era a pessoa que mais gostava de ler no palácio, e exatamente por isto todos os conheciam como o Vocabulário. Vocabulário foi percebendo que se continuasse assim volumes com as histórias mais fantásticas desapareciam. Mais dia menos dia, não sobraria parágrafo sobre parágrafo. Nem uma página crua, muito menos assada.

Vocabulário procurava soluções como nas histórias:

- Corto-lhe a barriga, como fez o caçador de Chapeuzinho Vermelho naquele lobo e assim salvo algumas folhas perdidas... Não, melhor colocá-lo dentro de um canhão e mandá-lo pro espaço como na história do Barão de Münchhausen. Não, não e não. O jeito é espetá-lo numa roca enfeitada para que tenha um sono de mil séculos, como a Bela Adormecida.

Não, não e não de novo. O Rei podia ser burro, por comer livros com todas aquelas histórias, mas bobo é que ele não era. A Vocabulário só restou então vigiá-lo, e ficar de olhos abertos para ver se encontrava uma solução.

Vocabulário estava inconsolável. Para ele era o fim. E se não era estava perto, pois na despensa da cozinha não havia para o dia seguinte nem um livro sequer do último estoque.

Mas eis que amanhece um novo dia. Tudo parecia correr bem, mas não para Fiel que acordara doente de cama, com febre de 40 graus e olheiras enormes, e não pôde sem sair para trabalhar.

O Rei, quando soube ficou desesperado:

- Quem conseguirá mais livros para o meu almoço e jantar? - esbravejava, sacudindo os braços pelos corredores do palácio.

Ninguém se oferecia, pois não era tarefa fácil. Até que não suportando mais a braveza do Rei, Vocabulário, muito contrariado, resolveu providenciar novos livros para saciar sua fome.

E lá se vai Vocabulário. Escreve a máquina a requisição. Bate carimbo. Põe no envelope, fecha o envelope, desce a escadaria, segue o corredor, vira à direita, abre o portão, pega a carruagem, desce da carruagem, entra no cartório, tira o papel, reconhece firma, autentica, guarda o envelope, sai do cartório, volta para a carruagem, desce da carruagem, abre o portão, vira à esquerda, segue o corredor, sobe a escadaria, dá um respirada... bate na porta (pam, pam, pam) e se apresenta ao Rei.

- Majestade, aqui está sua requisição. Só falta o senhor assinar.

Qual não foi a surpresa de todos quando olham para o Rei e o vêem encolhidinho, olhando assustado para o Vocabulário com uma caneta pequenina tremendo feito gelatina.

Era a descoberta do dia! O Rei não escrevia, muito menos lia.

Se alguém tivesse me contado, eu não teria acreditado. A verdade é a seguinte: o Rei, não sabendo o que fazer com tantos livros, resolveu comê-los. E durante todos aqueles anos Fiel é quem assinava as requisições por ele, guardando o grande segredo do Reino a sete chaves, pois, como era fiel e temia a fúria do Rei, o pobre não contava nem pra sua sombra.

Desmascarado, o Rei não teve saída, ou melhor, naquele mesmo dia teve entrada na escola do Reino, com direito a matrícula, caderno, lápis e dever de casa. Quanto a Fiel, quando soube da boa-nova, sarou rapidinho, pois estava doente era de tanto ver tanto estrago. E Vocabulário? Está rindo à toa, feliz da vida.

E agora, segure o queixo que eu já te conto o desfecho: vi o Rei, ainda hoje, lá, no meio do beabá. Ele, que até ontem só sabia os livros comer, hoje já está aprendendo a ler. E Fiel continua a fazer requisições. Mas não se assuste, os livros daqui em diante não serão mais triturados, e sim devorados, só pelos olhos do Rei.

E tudo foi resolvido,
O rei não foi esquecido,
Pois hoje está tudo mudado,
Não gosta nem de livro arranhado.

ANEXO E – CHAPEUZINHO AMARELO

BUARQUE, Chico. **Chapeuzinho Amarelo**. 10ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

Era a Chapeuzinho Amarelo.
Amarelada de medo.
Tinha medo de tudo, aquela Chapeuzinho.
Já não ria.
Em festa, não aparecia.
Não subia escada, nem descia.
Não estava resfriada mas tossia.
Ouvia conto de fada e estremecia.
Não brincava mais de nada, nem de amarelinha.
Tinha medo de trovão.
Minhoca, pra ela, era cobra.
E nunca apanhava sol porque tinha medo da sombra.
Não ia pra fora pra não se sujar.
Não tomava sopa pra não ensopar.
Não tomava banho pra não descolar.
Não falava pra não engasgar.
Não ficava em pé com medo de cair.
Então vivia parada, deitada, mas sem dormir, com medo de pesadelo.
Era a Chapeuzinho Amarelo.
E de todos os medos que tinha, o medo mais que medonho,
Era o medo do tal do LOBO.
Um LOBO que nunca se via,
Que morava lá pra longe,
Do outro lado da montanha,
Num buraco da Alemanha
Cheio de teia de aranha,
Numa terra tão estranha,

Vai ver que o tal do LOBO, nem existia.
Mesmo assim a Chapeuzinho tinha cada vez mais medo
Do medo do medo do medo de um dia encontrar um LOBO.
Um LOBO que não existia.
E Chapeuzinho Amarelo,
De tanto pensar no LOBO,
De tanto sonhar com LOBO,
De tanto esperar o LOBO,
Um dia topou com ele que era assim:
Carão de LOBO,
olhão de LOBO,
jeitão de LOBO
E principalmente um bocão tão grande que era capaz
De comer duas avós, um caçador, rei, princesa,
Sete panelas de arroz e um chapéu de sobremesa.
Mas o engraçado é que,
Assim que encontrou o LOBO,
A Chapeuzinho Amarelo
Foi perdendo aquele medo, o medo do medo do medo
De um dia encontrar um LOBO.
Foi passando aquele medo do medo que tinha do LOBO.
Foi ficando só com um pouco do medo daquele lobo.
Depois acabou o medo e ela ficou só com o lobo.
O lobo ficou chateado de ver aquela menina
Olhando pra cara dele, só que sem o medo dele.
Ficou mesmo envergonhado, triste, murcho, e branco-azedo,
Porque um lobo, tirado o medo,
É um arremedo de lobo.
É feito um lobo sem pêlo.
Lobo pelado. O lobo ficou chateado: PÔ!!
E ele gritou: sou um LOBO!
Mas a Chapeuzinho, nada.
E ele gritou: sou um LOBO!

Chapeuzinho deu risada.
E ele berrou: EU SOU UM LOBO!!!
Chapeuzinho, já meio enjoada,
Com vontade de brincar de outra coisa.
Ele então gritou bem forte aquele seu nome de LOBO
Umás vinte e cinco vezes,
Que era pro medo ir voltando
E a menininha saber com quem não estava falando:
LO BO
Aí, Chapeuzinho encheu e disse:
“Pára assim! Agora! Já! Do jeito que você está!”
E o lobo parado assim
Do jeito que o lobo estava
já não era mais um LO-BO.
Era um BO-LO.
Um bolo de lobo fofo, tremendo que nem pudim,
Com medo da Chapeuzim.
Com medo de ser comido com vela e tudo, interim.
Chapeuzinho não comeu aquele bolo de lobo,
porque sempre preferiu de chocolate.
Aliás, ela agora come de tudo, menos sola de sapato.
Não tem mais medo de chuva nem foge de carrapato.
Cai, levanta, se machuca,
Vai à praia, entra no mato, trepa em árvore, rouba fruta,
Depois joga amarelinha com o primo da vizinha,
Com a filha do jardineiro,
Com a sobrinha da madrinha e o neto do sapateiro.
Mesmo quando está sozinha, inventa uma brincadeira.
E transforma em companheiro cada medo que ela tinha:
O raio virou orraí,
Barata é tabará,
A bruxa virou xabru e o diabo é bodiá.

ANEXO F – O DIÁRIO DO LOBO: A VERDADEIRA HISTÓRIA DOS TRÊS PORQUINHOS!

SCIESZKA, Jon. **A verdadeira história dos três porquinhos!** São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1993.

“Em todo o mundo, as pessoas conhecem a história dos Três Porquinhos. Ou pelo menos, acham que conhecem. Mas eu vou contar um segredo. Ninguém conhece a história verdadeira, porque ninguém jamais escutou o *meu* lado da história.

Eu sou o lobo. Alexandre T. Lobo. Pode me chamar de Alex.

Eu não sei como começou todo esse papo de Lobo Mau, mas está completamente errado. Talvez seja por causa da nossa alimentação. Olha, não é culpa minha se os lobos comem bichos engraçadinhos como coelhos e porquinhos. É apenas nosso jeito de ser. Se os cheeseburgers fossem uma gracinha, todos iam achar que você é Mau.

Mas como eu estava dizendo, todo esse papo de Lobo Mau está errado. A verdadeira história é sobre um espirro e uma xícara de açúcar.

ESTA É A VERDADEIRA HISTÓRIA:

No tempo do Era Uma Vez, eu estava fazendo um bolo de aniversário para minha querida e amada vovozinha. Eu estava com um resfriado terrível, espirrando muito.

Fiquei sem açúcar.

Então resolvi pedir uma xícara de açúcar emprestada para o meu vizinho.

Agora, esse vizinho era um porco. E não era muito inteligente também. Ele tinha construído a sua casa toda de palha. Dá para acreditar? Quero dizer, quem tem a cabeça no lugar não constrói uma casa de palha.

É claro que, assim que bati, a porta caiu. Eu não sou de ir entrando assim na casa dos outros. Então chamei: “Porquinho, Porquinho, você está aí?”. Ninguém respondeu.

Eu já estava a ponto de voltar para casa sem o açúcar para o bolo de aniversário da minha querida e amada vovozinha. Foi quando meu nariz começou a coçar. Senti o espirro vindo. Então inflei. E bufei. E soltei um grande espirro.

Sabe o que aconteceu? Aquela maldita casa de palha desmoronou inteirinha. E bem no meio do monte de palha estava o Primeiro Porquinho - mortinho da silva. Ele estava em casa o tempo todo.

Seria um desperdício deixar um presunto de excelente estado no meio daquela palha toda. Então eu o comi. Imagine o porquinho como se ele fosse um grande cheeseburger dando sopa.

Eu estava me sentindo um pouco melhor. Mas ainda não tinha minha xícara de açúcar. Então fui até a casa do próximo vizinho. Esse vizinho era irmão do Primeiro Porquinho. Ele era um pouco mais esperto, mas não muito. Tinha construído a sua casa com lenha.

Toquei a campainha da casa de lenha. Ninguém respondeu. Chamei: “Senhor Porco, senhor Porco, está em casa?”. Ele gritou de volta: “Vá embora Lobo. Você não pode entrar. Estou fazendo a barba e minhas bochechas rechonchudas”.

Eu tinha acabado de pegar na maçaneta quando senti outro espirro vindo. Eu inflei. E bufei. E tentei cobrir a minha boca, mas soltei um grande espirro.

Você não vai acreditar, mas a casa desse sujeito desmoronou igualzinho à do irmão dele. Quando a poeira baixou, lá estava o Segundo Porquinho - mortinho da silva. Palavra de honra.

Na certa você sabe que a comida estraga se ficar abandonada ao relento. Então fiz a única coisa que tinha de ser feita. Jantei de novo. Era o mesmo que repetir um prato.

Eu estava ficando tremendamente empanturrado. Mas estava um pouco melhor do resfriado. E eu ainda não conseguira aquela xícara de açúcar para o bolo de aniversário da minha querida e amada vovozinha.

Então fui até a casa do próximo vizinho. Esse sujeito era o irmão do Primeiro e do Segundo Porquinho. Devia ser o crânio da família. A casa dele era de tijolos.

Bati na casa de tijolos. Ninguém respondeu. Eu chamei: “Senhor Porco, o senhor está?”. E sabe o que aquele leitãozinho atrevido me respondeu? “Cai fora daqui, Lobo. Não me amole mais”.

E venham me acusar de grosseria! Ele tinha provavelmente um saco cheio de açúcar. E não ia me dar nem uma xicrinha para o bolo de aniversário da minha querida e amada vovozinha. Que porco!

Eu já estava quase indo embora para fazer um lindo cartão de aniversário em vez de um bolo, quando senti um espirro vindo. Eu inflei. E bufei. E espirrei de novo. Então o Terceiro Porquinho gritou: “E a sua velha vovozinha pode ir às favas”.

Sabe, sou um cara geralmente bem calmo. Mas, quando alguém fala desse jeito da minha vovozinha, eu perco a cabeça.

Quando a polícia chegou, é evidente que eu estava tentando arrebentar a porta daquele Porco. E todo o tempo eu estava inflando, bufando e espirrando e fazendo uma barulheira.

O resto, como dizem, é história.

Tive um azar: os repórteres descobriram que eu tinha jantado os outros dois porcos. E acharam que a história de um sujeito doente pedindo açúcar emprestado não era muito emocionante. Então enfeitaram o exageraram a história com todo aquele negócio de “bufar, assoprar e derrubar sua casa”. E fizeram de mim o Lobo Mau.

É isso aí. Esta é a verdadeira história. Fui vítima de uma armação.

Mas talvez você possa me emprestar uma xícara de açúcar.

ANEXO G – A HISTÓRIA DE AMOR E DE LOUCURA

História de domínio público.

Em tempos atrás viviam duas crianças, um menino e uma menina, que tinham entre quatro e cinco anos de idade. O menino se chamava Amor e a menina Loucura.

O Amor sempre foi uma criança calma, doce e compreensiva. Já Loucura era muito emotiva, passional e impulsiva, enfim do tipo que jamais levava desaforo para casa. Entretanto com todas as diferenças as crianças cresciam juntas, inseparáveis; Brincando, brigando ...

Mas houve um dia que o Amor não estava muito bem, e acabou cedendo as provocações de Loucura, com a qual teve uma discussão muito feia. Ela não deixava nada barato, estava furiosa como nunca com o Amor. Começou agredi-lo. Mas não só verbalmente como de costume. A menina estava tão descontrolada que agrediu o garoto fisicamente e, antes que pudesse perceber, arrancou os olhos do Amor.

O Amor, sem saber o que fazer, chorando foi contar a sua mãe, a deusa Afrodite, o que havia ocorrido. Inconsolada, Afrodite implorou a Zeus que ajudasse seu filho e que castigasse Loucura.

Zeus por sua vez, ordenou que chamassem a garota para uma séria conversa. Ao ser interrogada a menina respondeu como se estivesse com a razão, que o Amor havia lhe aborrecido e que foi merecido tudo o que aconteceu.

Embora soubesse que não fora muito justa com seu amigo, a menina que nunca soube se desculpar concluiu que culpa havia sido do Amor e que não estava nem um pouco arrependida.

Zeus perplexo com a aparente frieza daquela criança disse que nada podia fazer para devolver a visão do Amor, mas, ordenou que loucura estaria condenada a guia-lo por toda a eternidade estando sempre junto ao Amor em cada passo que este desse.

E ate hoje eles caminham juntos, onde quer que o Amor esteja, com ele esta a Loucura, quase que fundidos numa só essência. Tão unidos que por vezes não se consegue definir onde termina o amor e onde começa a loucura. E também por isso usa-se dizer que o Amor é cego; mas isto não é verdade, pois ele tem os olhos da Loucura.

ANEXO H – A LENDA DO BOITATÁ

História de domínio público.

Num tempo muito antigo, teve uma noite tão comprida que parecia não ter mais fim. Escura como breu, sem lume, sem vento. Naquela escuridão fechada nenhum tapejara seria capaz de cruzar pelos trilhos do campo. E a noite ia andando...ia andando...

Minto, no meio do escuro e do silêncio morto, de vez em quando, ora duma banda outra doutra, uma cantiga forte de bicho vivente furava o ar: era o téu-téu, ou quero-quero, espanta-boiada, assusta-papagaio, que não dormia desde o entrar do último sol e vigiava sempre, esperando a volta do sol novo, que devia vir e tardava tanto já...Só o téu-téu de vez em quando cantava.

Ah! Nessa última tarde em que houve sol, também desabou uma chuvarada tremenda; foi uma manga d'água que levou um tempão a cair, e durou...e durou... Os campos foram inundados, a água entrou em todas as tocas, entrou também na da cobra-grande - a Boiguaçu - que já havia muitas mãos de luas, dormia quieta. Ela então acordou e saiu rabeando.

Começou depois a mortandade dos bichos, e a Boiguaçu pegou a comer as carniças. Mas só comia os olhos e nada, nada mais. A água foi baixando, a carniça foi cada vez engrossando e a cada hora, mais olhos a cobra-grande comia. Todos - tantos, tantos!, que a cobra-grande comeu - guardavam, entranhando e luzindo, um rastilho da última luz que eles viram do último sol, antes da noite grande que caiu...e os olhos foram sendo devorados; no princípio, um punhado, ao pois uma porção, depois um bocadão, e depois como uma braçada...

E vai, como a Boiguaçu não tinha pelos como o boi, nem casca como o tatu ou escamas como o dourado, seu corpo foi ficando transparente, clareado pelas luzinhas de tantos olhos. E a Boiguaçu toda já era uma luzerna, um clarão sem chamas, já era um fogaréu azulado...

Foi assim, e quando os homens viram a Boiguaçu pela primeira vez tão demudada, não a reconheceram mais, e julgando que fosse outra, chamam-na, desde então, de Boitatá! Cobra-de-Fogo! Boitatá! Boitatá!

E muitas vezes o Boitatá rondou as rancheiras, faminto, e era então que o téu-téu cantava, como bombeiro. E os homens, por curiosos, olhavam para aquele corpo de serpente, transparente e que ia alumando as carquejas...e depois choravam. Choravam, desatinados do perigo, pois o Boitatá cobiçava os olhos vivos dos homens...

Mas como dizia, na escuridão só avultava o clarão do corpo do Boitatá, mas passado um tempo, ele morreu. Morreu porque os olhos comidos enchiam o corpo, mas não davam “sustância”. E foi então que a luz que estava presa se desatou por aí. E até pareceu coisa mandada: o sol apareceu de novo! Apareceu sim, mas não veio de sopetão...subiu, subiu, subiu, até vir a pino e descambar.

E o Boitatá? Anda sempre arisco, mas no inverno não aparece e dorme, talvez entocado. Quando aparece, todo enroscado, como uma bola, começa a correr o campo, coxilha abaixo, lomba acima, até que horas da noite! É um fogo amarelo e azulado que não queima; e rola, e gira, corre, corcoveia e se despenca e arrebenta-se, apagado...e quando menos se espera, aparece, outra vez, no mesmo jeitinho!

Quem encontra o Boitatá pode até ficar cego, e se topar com ele, só tem dois jeitos de se livrar: ou fica parado, muito quieto, de olhos fechados apertados e sem respirar, até ele ir embora, ou se estiver a cavalo, desarrolhida o laço, faz uma armada grande e atira em cima dele, tocando galope e trazendo o laço de arrasto. O Boitatá vem acompanhando, mas de repente, batendo numa macega, todo se desmancha e vai esfarinhando a luz, para formar-se de novo, mas com vagar, que é pra dar tempo da gente ir-se embora.

ANEXO I – A LENDA DO LOBISOMEM

XAVIER, Marcelo. **Mitos: o folclore do mestre André**. Belo Horizonte: Formato, 1997.

Diz a lenda que quando uma mulher tem sete filhas e o oitavo filho que nasce é homem, esse menino será um lobisOMEM.

Sempre pálido e muito magro, de nariz arrebitado e orelhas compridas, o menino cresce como uma criança qualquer. Porém, logo que completa treze anos, começa a viver sua triste sorte. Na primeira noite de terça ou sexta-feira depois do seu aniversário, enquanto todos dormem, ele sai de casa, silenciosamente, e vai até uma encruzilhada. Ali, observado apenas por uma coruja e por outros bichos noturnos, começa a se transformar em lobisOMEM. Seu corpo se cobre de pelos, as orelhas crescem, os olhos se avermelham e ele uiva como um lobo, pela primeira vez, para a Lua.

Daquele dia em diante, toda terça ou sexta-feira, o lobisOMEM tem que cumprir sua corrida desesperada pelo mundo. Visita, na mesma noite, sete partes da Terra, sete adros de igreja, sete vilas e sete encruzilhadas. No caminho, espanta os cães, apaga as luzes das casas, quebrando o silêncio da noite com seus uivos horripilantes.

Antes do sol nascer, o lobisOMEM volta ao lugar de onde partiu e se transforma novamente em homem.

Quem estiver no caminho de passagem do lobisOMEM, em noites de terça ou sexta-feira, deve rezar três Ave-Marias para se proteger.

Com muita coragem, alguém pode quebrar o encanto e libertá-lo para sempre. Para isso é preciso chegar bem perto, sem que ele perceba, e bater forte em sua cabeça - com todo o cuidado, pois se uma gota de sangue do lobisOMEM atingir uma pessoa, ela se transformará também em lobisOMEM...

E nessas histórias de lobisOMEM, ouvi dizer que num lugar perto de um rio, havia uma moça chamada Ritinha, que tinha um namorado que todos diziam ser lobisOMEM.

Uma sexta-feira, já mais de meia-noite, como estava fazendo um calor insuportável, a Ritinha resolveu sair e ficar sentada no banco que havia perto da porta de sua casa. Ficou ali uns minutos. Depois viu qualquer coisa se mexer no mato em frente e resolveu verificar o que era. Talvez fosse um bezerro perdido. Não pensou que pudesse ser uma onça, pois o lugar estava bem povoado e já fazia tempo que não se falava em bicho.

Imaginem a surpresa da moça quando um bicho enorme saiu do mato, os dentes arreganhados que dava medo. Embora Ritinha nunca tivesse visto aquilo, não teve dúvida: era um lobisomem. Quis fugir mas o bicho lhe mordeu o braço, e a sorte, foi que pegou somente o pano da sua blusa vermelha. O pano rasgou e a moça conseguiu fugir, aos gritos para dentro de casa.

No outro dia, quando contava o acontecido para o namorado, Ritinha notou que havia um fio de sua blusa entre os dentes dele! Não restava dúvida de que ele era o lobisomem.

_ Não existirá um modo de quebrar o encanto? - disse a moça.

A partir daquele momento, a Ritinha não fez mais nada a não ser perguntar a quem encontrava:

_ Conhece um modo de desencantar lobisomem?

Até que ficou sabendo de um senhor chamado Seu Jerônimo, que morava num morro, e foi até lá. Ele ouviu tudo com atenção e falou assim:

_ Só tem um modo de desencantar lobisomem: é dar uma picada nele com um espinho de laranjeira que tenha sido plantada numa sexta-feira à meia noite. Não se preocupe que tenho aqui o espinho. Só que para dar certo, a picada tem de ser na hora em que o lobisomem começa a se transformar novamente em homem.

Ritinha arrepiou-se toda, mas estava decidida. Na sexta-feira, logo que anoiteceu, ela foi ao cemitério, sentou-se numa sepultura e ficou à espera. Chegou a meia-noite, passou uma hora, duas, três... Às quatro horas ela viu um vulto se aproximar do cemitério. Era o lobisomem. A moça quase desmaiou, ficou com uma tremedeira!... Era a hora. A Ritinha preparou o espinho e, quase desmaiando de medo, correu para o bicho e deu uma cutucada nele. O lobisomem soltou um grito horrível e transformou-se no moço,

que era seu namorado. Estava desfeito o encantamento, e a Ritinha não teve mais medo!

ANEXO J – LENDA DO RIO ABAIXO

História de domínio público.

Nas bandas norte-mineiras, tem lenda que apaga facho,
E a mais famosa delas, é a Lenda do Rio Abaixo.

O diabo ia passando o São Francisco na canoa,
Tocando sua viola e tirando um alôa.
Na afinação rio abaixo, esse tocador do inferno,
De camisa e gravata, sem sapato, mas de terno.
Uma viúva que lavava roupa na beira do rio,
Quando avistou o diabo, pra ele deu um assobio.
O seu filho de dez anos, com o toque ficou contente:
“Mãe, chame ele pra casa, pra ele tocar pra gente.”
O diabo se apaixonou por essa viúva bela,
Aportou sua viola e foi... tocar na casa dela.
Chegando na casa dela, o diabo foi sentando,
Ficou bem perto da mesa, a viola ponteando.
Um litro de pinga boa, a mulher botou na mesa.
Tira-gosto era torresmo, pro diabo uma beleza.
Mas ele não tirou o chapéu, e seus pés não mostrava.
O menino desconfiou: “Alguma coisa tá errada!”
O menino, de curioso, olhou embaixo da mesa,
Viu dois baita pés de bode, era do diabo, com certeza.
E já falou pra sua mãe: “Olhe os pés do freguês!”
E a mãe disse: “Que menino besta, é tudo como Deus fez!”
E pela terceira vez que o menino reclamou,
Ela resolveu olhar, e de medo se assustou.
Ela tirou o chapéu do bicho, vendo os chifres do tihoso,
E logo rezou três Cremos, contra o bicho perigoso.
O diabo explodiu, e na hora, tudo mudou,

A viola virou sabugo, só uma fita preta que ficou.
A canoa virou cuia, e o diabo aquietou o facho,
E essa é a Lenda da afinação, e do toque Rio Abaixo.

ANEXO K – JOÃO E MARIA-DE-BARRO

AGUIAR, Luiz Antônio. **João e Maria-de-Barro**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

E começava a história cum tal caipira muito malandro, que, entre um nome e outro, era chamado de João. Importava não o nome mas sim que ele conhecia umas mágicas, umas mandingas, umas bruxices. E era arteiro de primeira, o danado do João.

Não perdia a chance de fazer uma brincadeira, de se engraçar com a vida alheia, de armar baita confusão.

Mas, um dia, ele exagerou!

_ Bão, bão, bão... - acordou o João sorridente, com uma sapeca de idéia na cachola. E espalhou uma mágica na vila, que foi um deus-nos-acuda, uma doideira...

Ah! Nesse dia ele entrou de sola. Era vaca dando azeite em vez de leite; leitão cismado com tudo, escavando buraco no chão; os ovos nascendo em árvores; e o pessoal sem entender como, de repente, o mundo se enfiara naquela contramão.

Só que na via havia outra feiticeira. Chamava-se Maria. Tão gatinha ela era... Mas ficou uma fera com a pilantragem do João:

_ Que maldade atrapalhar assim a vida de gente que trabalha! Ou você desmancha o feitiço, ou encanto o seu coração!

João desfez a brincadeira. Mas Maria não cumpriu a parte dela, não. Ou foi o João que se encantou por querer? Tanto faz como tanto fez... Daí em diante, João e Maria se ficaram numa tremenda duma paixão.

Maria costumava modelar uns pertences de barro. Era boneco, era gamela, era jarro. E tudo fazia com carinho, para enfeitar a casa que ia ter com o João.

Mas eis que surgiu no pedaço uma bruxa perua e cocoroca. Essa era terrível! Malvada de dar aflição. E não é que meteu na cabeça de roubar o namorado da Maria?

Isso mesmo... Queria porque queria ficar pra ela com o João.

_ Crau, crau! Bau, bau! Quindinho!

Com esse feitiço a perua cocoroca e bruxa transformou Maria num passarinho.

Por aquelas bandas, nunca se vira avezinha como aquela. Era miúda, tristinha, cor de canela. Foi-se embora piando, piando, enquanto a bruxa ria, satisfeita, acreditando que havia se livrado dela.

João procurou por sua Maria...

Perguntou pro riacho, pra grama, pra noite e pro dia... Mas nada de achar.

Então chorou feito adulto que vira criança. E foi aí que as lágrimas do João se juntaram pra contar:

_ Chora, não, João! Foi a bruxa perua e cocoroca que deu sumiço na Maria!

_ Ah! - exclamou João decidido. _ Essa ela me paga! Comigo ela dança!

Aí a bruxa fez ploft! e apareceu pro João:

_ Sumi mesmo e tá sumida! o que foi feito dela, num digo, não. Fica comigo e faço você rico, dono de fazenda e de boizão!

_ Sai pra lá, bruxa azeda! Devolva minha Maria, ou transformo você em minhoca, dessas que se enfiam pelo chão!

Foi um duelo de mágica entre a perua cocoroca e o apaixonado do João.

Um fez aparecer onça, a outra fez a onça virar paçoca. João atacou de fogo, a bruxa respondeu com uma chuva grossa.

Só que no final João foi mais forte, e a bruxa, cansada, teve que se render.

Confessou o que fizera com a Maria, mas... Que pena!...

O feitiço com que encantou a menina, nem ela, nem ninguém tinha jeito de desfazer.

Mas João era muito vivo... Sabendo do acontecido e conhecendo os gostos de Maria, logo bolou uma aprontação.

No galho mais alto de uma árvore, moldou uma casinha de barro. Daí, esperou, esperou, recitando com fé uma benzeção.

Não tardou a chegar a avezinha cor de canela, trazendo no bico uma florzinha amarela, de cheiro gostoso, pra lá de bão!

Como num beijinho, colocou a flor nos lábios de João, que era tudo o que ele mais queria. Daí ele fez plim!, e a vista fez assim que ia, mas não ia, ele sentiu uma tonturazinha, e quando olhou, tinha virado também passarinho.

E foi viver com sua Maria um dia-a-dia de namoração, na casinha de barro feita com toda dedicação.

_ Bão, bão, bão... Tá contada a história, seu menino - disse a mim o passarinho arrevoante. _ Não me arrependo não de ter virado João-de-Barro. Ganhei o céu de presente e a Maria-de-Barro como eterna companheira! Vez por outra nascem os nenéns. Toca a ensinar todos a voar, a trabalhar com o barro também, e mais as coisas que fazem a alegria da gente durar pra lá de uma vida inteira.

ANEXO L – MURUCUTUTU: A CORUJA GRANDE DA NOITE

BAGNO, Marcos. **Murucututu: a coruja grande da noite**. São Paulo: Ática, 2005. (Coleção Sonho e fantasia)

No meio do mato é que havia e existia a casinha. Rodeada de grandes árvores era ela, feita de madeira escura, pequenina e pobre casinha. Ali, nela, vivia a menina mais a avó da menina, a velha boa, que dela cuidava com carinhos que nem de mãe.

A menina era sabida, esperta de cem manhas e mil artes, cheia de invencionices. Cuidava de a tudo emprestar muita atenção, aprender com as coisas os segredinhos da vida, que são mais de milhões. Espionava os pássaros, olhava fundo dentro das flores, metia a mão na lama da beira do rio para sentir a terra molenga escorregar dos dedos.

A avó contava histórias à menina. Lendas cheias de bichos maus, mas a menina nem tinha medo deles. Acreditava nada naquilo tudo. Achava bonito só pela beleza de ser história, lenda, conto, fantasia de miragem mirabolante. Mas acreditar, ela, isso mesmo é que nunquinha. A avó, porém, esta sim, trazia tudo no a-sério. A velha medrosa.

Vai que hoje a avó está contando, cheia de medo, o caso escuro e frio do Murucututu. A menina ouve a avó que fala, fecha os olhos para imaginar a cor de tudo o que a voz lhe diz. O Murucututu, nome noturno, escuro, lúgubre. Um nome assim duro, nome puro u.

O Murucututu é a coruja grande da noite. É mais que grande, enorme. Seu gemido ecoa pela noite, Murucututu, arrepiando os corações de quem se atreve a escutar. É a coruja mãe do sono. Criança que não dorme e teima em ficar acordada até tarde, vem o Murucututu e pega. Agarra com as unhas longas e finas, leva para bem alto no céu escuro para depois deixar cair, cair, cair até se espatifar no chão, plaft, feito jaca madura que despenca do galho e se esparrama, fedida e nojenta.

A menina desenha dentro dos olhos fechados a figura estranha da coruja grande, Murucututu. Será mesmo possível a avó acreditar naquela

bobajada, meu Deus? Uma coruja pode até lá carregar uma criança? A menina ri da credulice da velha. Mas a avó se benze três vezes, ela mesma agora já com medo do que conto. É esquisita ela: se acredita e teme, por que é que vai e conta essas coisas medonhas de amedrontar? A menina ri que sorri.

Agora é de tardezinha. Já e já o sol vai se pôr. A avó fez um bolo cheiroso e bom, que quer levar amanhã de presente a uma comadre que vai visitar. o bolo tem perfume de canela, lembranças de castanha assada, promessa de maçã picadinha e derretida no calor da fôrma. A menina saboreia com os olhos o bolo que não vai comer. É presente, tem de ir inteiro. Que pena!

Então agora é noite. A avó vai rezar suas orações, dá o boa-noite à menina já deitada, vai para o quarto e deita-se também. Dorme logo. Mas a menina não. fica com uma ideia na cabeça cheia de ideias. E se? Tem dó da velha, tem vergonha de pensar em enganar assim a avó medrosinha. Mas um ventinho fino lhe traz a cozinha o bom cheiro do bolo bom, o irresistível. Aí ela não dá conta. Levanta da cama e vai, pés de veludo para nenhum ruído.

No escuro vai tateando. Chega na cozinha. Sabe onde tem tudo. Pega uma faca. Corta um pedaço do bolo. Come. Não acredita que possa haver no mundo inteiro uma outra coisa mais gostosa do que aquele bolo de delícia. Come mais. E mais. Mais. É para lá da metade do bolo o que ela devora.

Saciada, satisfeita, lava a faca e guarda. Lava também a boca. Volta para a cama, boba de feliz. Cobre-se. Vira para o lado. Dorme e sonha coisas coloridas e sem nome, leves e alegriinhas.

De manhã acorda com o grito da avó. Demora a levantar-se, pensando bem no que deve dizer e como deve. Vai até a cozinha. Vê a pobre velha plantada, dura e tesa diante do bolo ou do que restou dele. A menina chega. E diz bem assim: foi o Murucututu. A avó leva a mão ao peito e deixa outro grito fugir do coração. Senta-se numa cadeira. Está pálida, pobrezinha, e treme. A menina tem dó, claro, mas não é agora que vai desistir do que inventou.

_ Foi o Murucututu. Eu vi ele. Eu estava dormindo e ouvi um barulho diferente na cozinha. Fui ver o que era, na ponta do pé. Me agachei perto da

porta e vi. Vi a corujona enorme, maior que eu, comendo o bolo da vó. Tive um medo que nem conto.

A velhinha três vezes se benze. Levanta-se da cadeira e pega, com nojo e horror, o resto do bolo. Vai até o quintal com aquilo, e a menina atrás dela. Com a pá abre um buraco no chão. Joga lá dentro e cobre tudo com a mesma terra. A menina custa a acreditar tão fácil assim convencer a velha com uma história maluca dessa. Lamenta o fim do bolo tão deleitoso, mas não diz nem desdiz. Só ouve que a avó fala:

_ Coisa do mal a gente joga fora, enterra, e pede perdão a Deus por ter pecado.

E diz da sorte da neta:

_ Se ele te visse, era uma vez uma menina.

E o tempo passa. Até que a velha quase que esquece o sucedido, caso do bolo. mas aí vai que a avó ganha da comadre um vidro cheio de doce de goiaba em calda, a delicitude mais gostosa dos manjares deste mundo. Abrir, a menina sabe que não vai. Doce desse tipo a gente tem que esperar ficar bem velho, trancafiado na compota, quanto mais tempo melhor.

Mas a menina não consegue dormir, o pensamento grudado no doce, feito formiga presa no mel. Será que vale a pena arriscar de novo? Pensa que não, pensa que sim, pensa que não. Mas vai. E agarra o vidro e arranca a tampa e mete uma colher para apanhar o doce. E come, e se lambe, e se lambuzo. Que velho que nada, doce de goiaba em calda é ótimo assim mesmo, novinho, em folha, leve, ralinho, saído hoje do tacho.

Mas aí acontece que o vidro escapole da mão da menina e cai no chão, tum. E o vidro se quebra em sete pedaços e o doce se espalha, mole e mole, pelo chão da cozinha. A menina tem medo. E se a avó acorda? Fica um minuto feito pedra, o ouvido em pé, cata que cata algum som. Mas nada houve. E até pode escutar o ronco tranquilo e abafado da velha no quarto. E agora? Agora vai deixar como está. E se lava e se vai e se deita. Já não sonha tão bem hoje.

A avó vem chamar a menina de manhã cedo. A menina sabe o que é. Vai com a velha até a cozinha. Lá está o mesmantelo, que é caco de vidro e doce pelo chão, misturado com o pretume das mil formigas que se fartam,

atarefadinhas. E a menina, foi o Murucututu. A avó acredita? Parece que sim. Junto tudo com a pá, enterra no quintal. Lava a cozinha inteira com muita água e sabão, expulsa as formigas, deixa tudo reluzente de brilhante e limpo. Depois acende uma vela, reza por mais de uma hora seguida. A menina já tem dó demais da avó, coitada, mas não ousa confessar o mentido.

De novo o tempo que é tempo e que passa. E já ninguém se lembra de haver havido um doce assim num vidro assado. E a avó da menina prepara uma rosca redonda e fofa, gorda e dourada, recheada de preciosas frutas, cristalizadas joias. É para o padre, que amanhã a velha e a menina vão longe, na vila, até a igreja rezar, dia de missa, e sempre gosta a avó de levar um agrado ao homem de Deus. Enrola a rosca num paninho branco e guarda dentro de uma cesta tampada.

A menina vai dormir mas não vai. sonha acordada com a coisa que se enrosca no seu desejo guloso. Mas é para o padre. E ela se levanta. E vai. E começa a comer a rosca.

De repente, porém, o vento uiva do lado de fora da casa. A menina se arrepia de frio e ouve o mato que farfalha as folhas, a mata que sussurra, cochicha, chacoalha e se remexe. O vento que força a porta da cozinha, que faz a porta sacudir, o vento que empurra a porta e escancara a porta e invade a cozinha com seu grito fino e frio. E o vento para. O vento se vai. E pela porta aberta entra o leite azul da lua, que é cheia hoje. A cozinha iluminada.

A menina vira-se para ver. E o que vê? Vê uma sombra aproximar-se da porta, como alguém ou alguma coisa que chega. Mas ela não tem medo, a menina cheia da estranha coragem.

E a sombra aumenta e cresce até que pela porta entra, do tamanho de um homem, a grande ave descomunal, a coruja maior do mundo, o Murucututu, de orelhas pretas e papo branco, penas amareladas e linhas escuras pelas costas. tem o bico curto e curvo, os olhos arregalados e grandes, bolas amarelas, lâmpadas de fogo.

A menina acha lindo o bicho. O Murucututu já está no meio da cozinha pequena, que ficou mais menor ainda com aquele monstro ali dentro. E o Murucututu diz assim:

_ A coragem é grande virtude, menina. Se não tens medo, vem comigo e te mostrarei da noite os mistérios.

E a menina vai, segue o Murucututu que sai da casa. Do lado de fora, ele de novo fala:

_ Sobe no meu pescoço e então voaremos na direção do sonho.

E lá se vai o enorme pássaro, ave de maravilha, levando nas costas a deslumbrada menina, que tem olhos para inventar o que ninguém sabe que existe.

Vê os sons mais diversos que a noite emite. Ouve as formas azuis e negras que vagueiam pelo céu e chão. Tateia perfumes inesperados, odores de flores que só se abrem quando o sol desmaia. Parece que seus dedos podem ouvir as estrelas, que ela nem sabia serem tantas e tamanhas. Lá do alto a mata é um corpo grosso e escuro, massa de folhas e galhos que a luz da lua prateia e azuleja.

Visto do céu, o longo rio lento é uma serpente mole e lânguida, que faz suas curvas com a preguiça de quem não temo o passar das eras. O rio é escuro, oleoso, e suas águas brilham quando a lua se derrama, líquida também, sobre sua pele movediça.

E o grande pássaro avoa, piando seu canto único e abafado: murucututu, murucututu, murucututu. A menina sobrevoa a vila, vê as casas adormecidas, os raros lumes acesos, e sente que o manto invisível do sono envolve todo o lugar com seu silêncio de rocha dura feito ferro.

O Murucututu vai baixando. E de novo estão em casa, junto à porta ainda aberta da cozinha. Ainda tonta do que houvera, a menina devolve os pés ao chão, a cabeça em maresia.

E abrindo as magnas asas o Murucututu alevantou-se pelo ar espesso da noite e desapareceu para quase sempre.

A menina foi deitar-se. Quando acordou, a primeira coisa que fez foi pedir perdão à avó. Confessou a feia gula, e a velha nem se zangou e até sorriu. Gente velha sabe que coisa?

E ela cresceu, ainda mais corajosa.

Aprendeu o que ninguém nunca soube. Adivinhava mistérios, sentia de longe o cheiro de algum segredo, e podia até enxergar no escuro. Mas guardou para sempre nos porões da saudade a memória daquele voo.

Quando sentiu que ia morrer, já muito além de velhinha, retirou-se para o meio do mato, e ninguém nunca mais a encontrou. Mas eu juro que vi, naquela mesma noite, recortada contra a lua cheia, a figura enorme de um pássaro que levava alguma coisa presa às costas, alguma coisa que levava para o mundo silencioso da tranquilidade e do corajoso, sereno e justo esquecimento.

ANEXO M – O LAÇO DO DIABO

LIMA, F. A. S. **O laço do diabo**. In Conto popular e comunidade narrativa. São Paulo: Funarte. 1985.

Foram três rapazes que se combinaram a caçar numa certa noite no mato. E seguiram os três. Um levava um cachorro, os outros levavam apenas uma arma de fogo. Entraram de mato a dentro a caçar qualquer caça que encontrassem. Logo após terem andado um bom pedaço, ouviram uma voz que falava:

_ Olhe o Laço do Diabo! Olhe o Laço do Diabo!

E ficaram os três em pé, escutando aquelas palavras, e continuava o mesmo:

_ Olhe o Laço do Diabo!

Um deles disse:

_ Vamos olhar o Laço do Diabo pra nós ficar conhecendo?

Se combinaram e seguiram de mato a dentro à procura daquela voz. Chegaram debaixo de um grande pé de jatobá, muito defolhado, muito bem varrido. Debaixo do pé de jatobá tinham quatro montes de moedas de ouro. Ficaram todos muito satisfeitos com aquele ouro, com aquele dinheiro.

_ Tamos todos três ricos. Achamos a melhor caçada que pudesse existir no mundo. Agora vamos fazer o seguinte: vai um de nós na cidade, comprar vinho, pra nós beber aqui à saúde do dinheiro, e três sacos pra cada um levar um saco cheio. E dois fica aqui, botando sentido a esse dinheiro.

Então um foi para a cidade comprar três sacos e vinho. E os dois ficaram. Um dos que ficaram pensou consigo: _ Aqui existe uma arma, sou eu que ando com ela. Eu mato esse colega e quando o outro vier eu mato o outro e eu carrego o dinheiro aos poucos pra casa e fico com tudo!

Então ele bateu fogo no outro e matou. E puxou pra um lado, pra dentro do mato e lá ficou. _ Quando o outro vier eu mato e então tudo é meu!

Mas o outro censurou também, não foi fiel. Ele tomou vinho à vontade na cidade, pegou os dois litros de vinho que havia de levar para os

dois colegas e colocou veneno: _ Chega lá, eles dois bebe e morre e eu fico com o dinheiro sozinho.

Aconteceu que, logo que foi se aproximando o do vinho, o que tinha matado o outro passou fogo nele, matou, bebeu o vinho, morreu envenenado.

E o Laço do Diabo levou todos três. E acabou a história.

ANEXO N – O REI DOS PÁSSAROS

NUNES, S. **O rei dos pássaros**. São Paulo: Dubolsinho. 2000.

Certo dia, o rei dos pássaros deixou cair uma pena, uma simples pena, bem no centro do maior deserto da Terra. Mas era uma pena tão magnífica, de tal forma maravilhosa, que os pássaros que a encontraram, muitos anos depois, não tiveram a menor dúvida: era uma pena de seu rei.

O fato correu de bico em bico e, dentro de mais alguns anos, todos os pássaros do mundo visitaram o deserto e viram, deslumbrados, a primeira prova verdadeira da existência de seu desconhecido rei. Sabiam, por velhas lendas, que o rei dos pássaros tinha construído seu ninho no ponto mais alto da mais alta montanha da Terra. Também sabiam, narrado de pais para filhotes, que o nome secreto de seu rei queria dizer “trinta pássaros”.

Cansados de sua antiga anarquia, decidiram procurar o rei, um rei que jamais fora visto. E começaram a quase infinita aventura.

Mais de um milhão de pássaros, de todas as espécies conhecidas, levantaram voo em direção ao cume da mais alta montanha da Terra. Havia pássaros tão leves que eram levados pelo vento. E havia pássaros tão pequenos que mediam só alguns mínimos milímetros. Havia pássaros tão velozes que, em um único dia, percorriam a mesma distância que os pássaros mais lentos levavam um mês para percorrer.

Voaram dia e noite, só parando quando estavam exaustos. Dormiam apenas algumas horas, beliscavam um punhado de sementes e de folhas, e retomavam o voo.

Atravessaram sete enormes florestas, cheias de pântanos, rios, lagos e animais ferozes. Sobrevoaram sete vales, alguns tão largos que pareciam não ter fim.

Milhares e milhares de pássaros caíram de cansaço e não puderam continuar buscando seu rei. Muitos outros milhares morreram de fome ou de sede, sobre desertos vastíssimos e oceanos intermináveis. Houve os que feriram gravemente as asas, de tanto batê-las durante dias e dias de vôo

contínuo, e foram deixados para trás. Houve os que desapareceram durante furiosas tempestades de neve. E os que sumiram durante tempestades de areia. Houve os que desapareceram dentro de furacões terríveis. E os que caíram ofuscados pelo sol escaldante dos trópicos.

Um dia, finalmente, depois de muitos e muitos anos, trinta pássaros pousaram no ponto mais alto da mais alta montanha da Terra. Estavam quase mortos de fome, cansaço e sede. Molharam os bicos com a neve eterna que cobria o solo. E adormeceram quase imediatamente.

Quando acordaram, o sol nascia fulgurante sobre a vastidão gelada. Então eles se olharam uns aos outros, durante muito e muito tempo. Sem cansaço, fome ou sede. Mas também sem alegria e sem tristeza.

E nesse profundo olhar, sem espanto e sem surpresa, descobriram que eram eles o verdadeiro rei dos pássaros. E que o rei dos pássaros era cada um deles, e todos eles juntos.

ANEXO O – LA LOBA

ESTÉS, C. P. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem.** 12^a. Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

Existem histórias de pessoas que se dedicam aos ossos, que ressuscitam os mortos. Há a história de uma mulher que é uma loba que é uma mulher, a Mulher dos Ossos, La Loba.

É uma velha que percorre os desertos recolhendo os ossos que podem se desfazer na areia.

Ela mora em uma caverna cujo chão é coberto de ossos de lagartos, cobras e pássaros, mas o que a velha mais procura são ossos de lobos.

Quando ela finalmente reúne um esqueleto completo de um lobo, e arruma cuidadosamente cada pequeno osso numa escultura no chão da caverna, ela senta-se diante dos ossos e pensa na canção que irá cantar.

Quando a canção se revela para ela, então, ela estende suas mãos sobre os ossos, e começa a cantar...

"Muatchei cuthi uacu matcheicu tiguá
Muatchei cuthi uacu matcheicu tiguá
Ruaqui suá satá rapicú tiguá
Uila palômi taá".

... e conforme ela canta, os ossos se levantam e cobrem de carne.

Ela canta mais, e a carne se cobre de pele e os pêlos se levantam:

"Muatchei cuthi uacu matcheicu tiguá

Muatchei cuthi uacu matcheicu tiguá
Ruaqui suá satá rapicú tiguá
Uila palômi taá".

Ela canta mais e mais forte, e a criatura-lobo levanta a cabeça e sua cauda ganha uma bela curva para cima. Ela continua a cantar...

"Pôra seo caipú quira uai quiquita.
Porá seo caipú quira uai quiquita.
Ruaqui suá satá rapicú tiguá
Orratari iô caiaá.

... e a criatura-lobo começa a respirar. Ela canta mais e mais, e o lobo abre os olhos e dispara para fora da caverna, correndo pelo deserto com os pêlos brilhando sob o luar.

Então, alguma coisa na noite, talvez um raio de luz que a lua cheia lança em seus olhos, talvez um resto de vento que levanta a poeira no seu caminho, ou as gotas da água de uma lagoa que voam sob seus passos, arrebatam a criatura-lobo, e ela se transforma numa mulher, que corre pelo deserto, rindo e uivando para a noite.

Eu gosto de imaginar que isso acontece, exatamente no momento em que soa a última nota da canção da velha, na caverna...

ANEXO P – O TEATRO DE SOMBRAS DE OFÉLIA

ENDE, M; HECHELMANN, F. **O teatro de sombras de Ofélia**. São Paulo: Ática. 1992.

Numa cidade pequena e antiga, vivia uma velhinha chamada Ofélia. Quando ela veio ao mundo - e isso tinha acontecido há muito, muito tempo - seus pais disseram:

_ Um dia nossa filha vai ser uma grande atriz.

E puseram-lhe o nome de uma conhecida personagem de uma peça de teatro. Mas a única coisa que a pequena Ofélia herdara dos pais era o gosto pelas grandes palavras dos poetas. E ela tampouco poderia se tornar uma atriz famosa. O motivo é que sua voz era bem fraquinha. Mesmo assim, ela queria servir à arte, ainda que da forma mais humilde.

Na velha cidadezinha havia um belo teatro. Bem em frente ao palco ficava uma caixa que não era vista por quem estivesse na plateia. Toda noite Ofélia ficava naquela caixa e soprava para os atores as falas de seus papéis, para que eles não perdessem o fio da meada. A voz fraquinha de Ofélia era perfeita para isso, pois os espectadores não o ouviam.

Durante toda a sua vida Ofélia fizera esse trabalho, e com o tempo foi aprendendo de cor todas as grandes comédias e tragédias, e já não precisava mais ler as falas das personagens dos livros.

Assim, Ofélia foi envelhecendo e os tempos foram mudando, e cada dia vinha menos gente ao teatro, pois já havia cinema, televisão e outros divertimentos. E então aconteceu que o velho teatro da cidadezinha foi fechado, os atores tiveram que ir embora, e até Ofélia foi despedida.

Quando acabou o último espetáculo e a cortina desceu pela última vez, ela ficou mais um pouquinho no teatro, sozinha, sentada em sua caixa, relembando a vida passada. De repente, ela viu uma sombra balançando pra lá e pra cá nos bastidores; ora ficava enorme, ora ficava bem pequena.

_ Olá - disse Ofélia com sua voz fraquinha - quem está aí?

A sombra assustou-se e se encolheu. Logo ela se recompôs e ficou grande novamente.

_ Desculpe - disse ela - eu não sabia que tinha alguém aí. Estou escondida aqui porque não tenho onde ficar. Por favor, não me mande embora.

_ Você é uma sombra? - perguntou Ofélia.

A sombra fez que sim.

_ Mas uma sombra sempre pertence a alguém - continuou Ofélia.

E a sombra fez que não. Disse que existem muitas sombras no mundo que não têm dono, e que ela era uma dessas sombras. Seu nome era Sombra Marota.

Ofélia achou aquilo muito triste, e então convidou a sombra para ficar com ela.

A sombra achou que seria muito bom, seria maravilhoso, mas Ofélia já tinha sua própria sombra.

_ Acho que vocês duas vão se dar muito bem - disse Ofélia.

A sombra de Ofélia fez que sim. A partir de então, Ofélia passou a ter duas sombras. As poucas pessoas que notaram ficaram espantadas e acharam aquilo muito esquisito, e então, Ofélia pediu a uma das duas sombras que entrasse em sua bolsa e ficasse escondida durante o dia. As sombras podem se acomodar em qualquer cantinho.

Um dia Ofélia estava na igreja falando um pouco com o bom Deus, quando de repente viu uma sombra na parede branca. A sombra dava a impressão de ser muito magra, e estendeu a mão como se estivesse implorando que Ofélia a aceitasse. Mas Ofélia respondeu que já tinha duas.

_ Então, uma a mais não vai fazer diferença - falou a sombra em tom de súplica.

Ofélia perguntou o seu nome, e a sombra disse que era Negra Angústia.

_ Pode vir comigo - disse Ofélia.

Agora ela já tinha três sombras.

A partir daí, quase todo dia sombras sem dono vinham procurar Ofélia, pois existem muitas sombras perdidas no mundo inteiro.

A quarta sombra chamava-se Morte Solitária.

A quinta sombra, Noite Enferma.

A sexta, Nunca Mais.

A sétima, Peso Oco.

O único problema é que o quarto de Ofélia era pequeno e ficava escuro, das muitas sombras que moravam com ela porque ninguém, a não ser ela, as queria.

Mas o pior foi quando as sombras começaram a brigar. E quando isto acontecia, Ofélia não conseguia dormir. Então ficava na cama, de olhos abertos, tentando, com sua voz fraquinha, acalmar as sombras. Mas de nada adiantava.

E então aconteceu que um dia ela teve uma boa ideia.

_ Ouçam um pouco - disse ela para as sombras - se vocês querem continuar aqui, terão que aprender alguma coisa.

As sombras pararam de brigar e ficaram olhando para Ofélia. Então ela recitou para as sombras as grandes palavras dos poetas, que ela sabia de cor. Ela repassava frase por frase, com muita paciência, e pedia que as sombras as repetissem. Aos poucos elas foram aprendendo todas as grandes comédias e todas as grandes tragédias do mundo.

A vida delas mudara bastante. As sombras podiam representar os mais diferentes papéis, e podiam tomar a forma de uma anão ou de um gigante, de uma pessoa ou de um pássaro, de uma árvore ou de uma mesa. Muitas vezes elas representavam pela noite adentro, diante de Ofélia, as mais belas peças de teatro. Durante o dia, porém, todas ficavam na bolsa de Ofélia - menos sua própria sombra, naturalmente.

As pessoas não viam as sombras de Ofélia mas notavam que algo estranho estava acontecendo. E as pessoas não gostam de nada fora do normal.

_ A velha está muito esquisita. Ela deve estar louca. Quem sabe o que ela pode vir a fazer qualquer dia desses?

E todos a evitavam.

Um dia veio o proprietário do quartinho e disse que o aluguel aumentara em dobro. Ofélia não tinha dinheiro para pagar tanto. Então ela pôs tudo o que possuía - e que não era muito - numa mala e foi embora. Pegou o trem e saiu

pelo mundo sem saber ao certo aonde ia. Por fim, chegou ao mar, e não pôde seguir adiante. Sentou-se, então, para descansar um pouco e adormeceu.

As sombras saíram da bolsa e ficaram à sua volta, perguntando-se o que deviam fazer, e todas resolveram ajuda-la. Quando Ofélia acordou, contaram-lhe do plano que tinham feito.

Ao chegarem a uma pequena aldeia, tiraram um lençol branco da mala e penduraram num varal. E começaram a representar no lençol as peças que Ofélia lhes ensinara. No começo vieram alguns dois garotos e olharam espantados. Mas à tarde apareceram também alguns adultos, e no final todos pagavam algum dinheirinho pelo interessante espetáculo.

E assim Ofélia foi de aldeia em aldeia, de cidade em cidade. As pessoas vinham, riam e choravam. Logo Ofélia ficou conhecida, e aonde quer que fosse era esperada ansiosamente, porque sempre tinha algo interessante a apresentar. Depois de certo tempo Ofélia já tinha juntado dinheiro o bastante para comprar um carrinho velho. Ela levou-o a um pintor e pediu-lhe que o pintasse com belas cores e escrevesse dos dois lados do carro em letras grandes:

TEATRO DE SOMBRAS DE OFÉLIA

Com esse carro, Ofélia andou pelo mundo inteiro, acompanhada de suas sombras.

Bem que a história poderia acabar por aqui, mas as coisas se passaram de maneira diferente. Um dia, quando Ofélia se encontrava presa com seu carro em uma tempestade de neve, apareceu-lhe subitamente uma sombra gigantesca, ainda mais negra que as outras sombras.

_ Você também é mais uma daquelas que ninguém quer?

_ Sim - disse a sombra devagar - acho que se pode dizer isso de mim.

Ofélia perguntou à sombra se gostaria de ficar também com ela.

_ Você não gostaria antes de saber meu nome? - quis saber a sombra.

_ Como você se chama?

_ Chamam-me Morte.

Então houve um grande silêncio.

E a grande e fria sombra envolveu Ofélia e tudo escureceu à sua volta. Mas subitamente ela se achou com olhos novos, olhos que eram jovens, claros e não mais velhos e míopes. E não tinha mais necessidade de usar óculos para ver onde estava: ela estava na porta do céu. À sua volta havia figuras muito bonitas, trajadas com belas roupas coloridas e rindo para ela. Eram as muitas sombras que Ofélia havia adotado como suas, e agora estavam livres, não precisariam mais vagar pelo mundo.

A porta do céu se abriu, as luminosas figuras entraram, e junto com elas Ofélia. Elas a levaram a um maravilhoso palácio, que era, na verdade, o mais belo e suntuoso teatro que se possa imaginar. Na entrada, lia-se em grandes letras douradas:

TEATRO DE LUZ DE OFÉLIA

E desde aquele dia as sombras representaram o destino dos homens, segundo as grandes palavras dos poetas, que os anjos também conseguem entender. E assim eles aprendem como é mesquinho e como é grandioso, como é triste e como é divertido ser homem e viver na Terra. E Ofélia sopra-lhes as palavras para que não percam o fio da meada. Dizem, também, que de vez em quando o bom Deus vem assistir ao espetáculo. Mas isso a gente não pode afirmar com certeza.



